Table Of Contents

1. - Table Of Contents -
2. Ficha Técnica
3. Dedicatória
4. Prólogo
5. FOZ DO DOURO
6. DE CAMINHA À PÓVOA
7. PEQUENAS NOTAS
8. A PESCA DA SARDINHA
9. A RIA DE AVEIRO
10. PALHEIROS DE MIRA
11. MULHERES
12. PEQUENAS NOTAS
13. A MORTE DO ARRAIS
14. ALGUNS TIPOS
15. AS BERLENGAS
16. NAZARÉ
17. LISBOA, SETÚBAL, SESIMBRA E CAPARICA
18. OLHÃO
19. A PESCA DO ATUM
20. SAGRES

Título: Os Pescadores

Autor: Raul Brandão

Editor: Edições Dodó | www.neolivros.com info@neolivros.com

Texto original: Paris: Aillaud, 1923; Biblioteca Nacional de Portugal

Revisão e paginação: João Carvalho

Ano da edição original: 1923

Ano de edição: 2018

Capa: Christian PARREIRA, rede em homenagem aos pescadores (CC BY-ND 2.0) — goo.gl/rrJsPW

À MEMÓRIA
MEU AVÔ, MORTO NO MAR

Quando regresso do mar venho sempre estonteado e cheio de luz que me trespassa. Tomo então apontamentos rápidos — seis linhas — um tipo — uma paisagem. Foi assim que coligi este livro, juntando-lhe algumas páginas de memórias. Meia dúzia de esboços afinal, que, como certos quadrinhos do ar livre, são melhores quando ficam por acabar.

Estas linhas de saudade aquecem-me e reanimam-me nos dias de Inverno friorento. Torno a ver o azul, e chega mais alto até mim o imenso eco prolongado… Basta pegar num velho búzio para se perceber distintamente a grande voz do mar. Criou-se com ele e guardou-a para sempre. — Eu também nunca mais a esqueci…

FOZ DO DOURO

A CANTAREIRA

Abril – 1920

A Foz é para mim a Corguinha, o Castelo e o Monte com o rio da vila a atravessá-lo, e a rua da Cerca até ao Farol. O que está para lá não existe... Só me interessa a vila de pescadores e marítimos que cresceu naturalmente como um ser, adaptando-se pouco e pouco à vida do mar largo. E ainda essa Foz se reduz cada vez mais na minha alma a um cantinho — a meia dúzia de casas e de tipos que conheci em pequeno, e que retenho na memória com raízes cada vez mais fundas na saudade, e mais vivas à medida que me entranho na morte. O mundo que não existe é o meu verdadeiro mundo.

Esta vila adormecida estava a cem léguas do Porto e da vida. Ali moravam alguns pescadores e marítimos, o António Luís, a Poveira, as senhoras Ferreiras, a D. Ana da Botica e as Capazorias. E, na Foz e na pensativa Leça, uma gente desaparecida com os navios de vela, os embarcadiços que iam ao Brasil em longas viagens de três meses. As casas, limpas como o convés de um navio, espreitavam para o mar, umas por cima das outras. Todas tinham um grande óculo de engonços, para ver o iate ou a barca que partia, ou para procurar ansiosamente, lá no fundo, o navio que trazia a bordo o marido ou o filho ausente, e um mastro no quintal para lhes acenar pela derradeira vez. Meu avô materno partiu um dia no seu lugre; minha avó Margarida esperou-o desde os vinte anos até à morte, desde os cabelos loiros que lhe chegavam aos pés, até aos cabelos brancos com que foi para o túmulo. Quando os rolos de espuma rebramiam no Cabedelo, apertavam-se os corações no peito, e à luz da candeia rezavam horas esquecidas «pelos que andam sobre as águas do mar».

Conheço ainda, tão bem como ontem, todos os cantos da casa de minha avó: as escadas com um cabo de navio a servir de corrimão, a sala da frente com dois painéis escuros nas paredes, Jesus crucificado e S. João Baptista, e o estrado onde ela e a tia Iria, todo o dia sentadas, trabalhavam nas almofadas de bilros. A renda de bilros é uma indústria da beira-mar, destas mulheres loiras, de olhos azuis e rosto comprido — as da Foz, as de Leça e as de Vila do Conde — que passavam a vida à espera dos homens, enquanto as mãos ágeis iam tecendo ternura e espuma do mar… Nesta sala abriam-se duas portas, uma para os quartos interiores, e outra para o corredor onde os rapazes dormiam num armário com beliches.

Ao lado da casa, que subia em socalcos pelo monte, subia também uma escada de pedra em patamares até lá acima. Do quintal, mais alto que os telhados, via-se o mundo. Era dali, saltando o muro, que eu partia para excursões maravilhosas através do pinheiral do Lage…

Costumes muito simples, muito outros. Uma pescada custava seis vinténs, e minha avó gemia da carestia da vida, falando com saudade «do tempo do arroz de quinze». Tinham-se calado as marteladas nos estaleiros de Miragaia e do Ouro, onde os calafates, os ferreiros e os carpinteiros de machado, erguiam outrora, entre clarões de forja e cheiro a pinho descascado, as carcassas dos palhabotes, das barcas e dos iates, — mas eu ainda conheci alguns tipos curiosos de capitães aposentados, no americano que se inaugurara e que levava a gente ao Porto numa hora, alumiado à noite por uma luzinha de petróleo, e com reforço de mulas em Massarelos. Nesses carros andava sempre a mesma meia dúzia de pessoas para baixo e para cima, e o serviço era dirigido com ferocidade por um major de pêra pintada com esmero, que mantinha a disciplina numa gaiola do Ouro. Ora, entre as pessoas que faziam comigo a travessia, quando a Aninhas do Jeremias me levava pela mão ao colégio, nunca mais esquecerei o capitão Bernardes, um do Carvalho que chegou a almirante, o tio Bento, o irascível capitão Sena de quem se contava com terror que fora apanhado no mar alto por uma trovoada — as faíscas como chuva — levando os porões carregados de pólvora, o alegre capitão Serrabulho, casado com uma mulher fantasmática: homem prodigioso, com uma grande barriga sacudida de risadas: — Acaba-se aqui o mundo com uma ceia de peixe! — e que fez andar num corrupio até à morte a Foz do Douro e a Baía, e entre todos eles,

principalmente, o capitão Celestino, que tendo começado a vida como pirata a acabou como um santo, cultivando com esmero um quintal de que ainda hoje me não lembro sem inveja. Falava pouco. Sorria sempre numa satisfação interior, completa, perfeita, com uma cara de páscoas rosada e inocente, enquadrada pela barba de passa-piolho toda branca. A sua vida anterior fora misteriosa e feroz. De uma vez com sacos de cal despejados no porão sufocara uma revolta de pretos, que ia buscar à costa de África para vender no Brasil. Outras coisas piores se diziam do capitão Celestino… Mas o que eu sei com exactidão a seu respeito é que para alporques de cravos não havia outro no mundo. Todo o dia um fio de água escorrendo por condutos invisíveis de que só ele sabia o segredo, caía pingue-que-pingue nos alegretes caiados de branco; todo o dia o velho corsário, com mãos delicadas de mulher, tratava embevecido as flores cultivadas como filhas. E acabou assim a vida mondando e podando, sem uma dúvida na consciência tranquila…

Maio – 1921

SONOLÊNCIA doirada com dois ou três acontecimentos: as catraias que chegam da pesca, um grande paquete que entra majestosamente a barra, os batéis que despejam na praia os montões de sardinha. Vem os dias de névoa, quando o sino da igreja tange chamando os homens perdidos na cerração, o tempo do sável no rio, a pesca da lampreia com um fogaréu no bico do cabedelo, e, em Dezembro, a safra da sardinha. O senhor piloto-mor passeia no cais com as mãos atrás das costas ralhando aos velhos da Pensão, e três marítimos conversam acolá naquele banco de pedra, ao pé da torre dos pilotos, onde já meu avô se sentava.

Um dia lança-se a nossa catraia ao mar. Os calafates, com estopa embreada, tomam-lhe as juntas de pinheiro por pintar. Alguns homens dão-lhe uma mão de piche, e um desenha-lhe nas tábuas do costado: *Senhora dos Navegantes.* Chega da Póvoa o Manuel Serrão, homem de poucas falas e calças de lona branca, e talha-lhe a vela estendida na areia. Corta-se o mastro no pinheiral do Lage. O senhor abade — toca o sino — asperge-a de água benta, e a companha, com os barretes na mão e fatos de ver a Deus, espera o último latim para a lançar sobre roletes ensebados pela lingueta

abaixo. São quinze homens como torres com o arrais e o moço. E o Jeremias, alto, de barbas de sargaço, o Bilé e o Mandum, o Joaquim Sota, o meu compadre Matias, o José das Facadas, o Mouco e o Bexiga, queimados pelo ar do largo, aquele velho de cachimbo nos dentes, que de tanto remar ficou curvado para sempre, o Manuel Arrais grisalho e calado, e o moço o Nél, de olhos inocentes de bicho, que vai pela primeira vez ao mar.

— Agora!

As mulheres da fonte deixam os cântaros e deitam a correr, e a companha mete o ombro ao costado do barco e — oupa! — retesando os músculos, empurra a *Senhora dos Navegantes,* que desliza nas pedras e entra no rio. Dois homens saltam dentro e levam-na para as amarras.

Estes factos insignificantes impressionaram-me para sempre a retina e a alma. Muito tempo perdi-os no tropel da vida, impõe-se-me hoje com um relevo extraordinário. Vejo outra vez tudo; as fisionomias, as coisas, a cor e a luz. Vejo os barcos encalhados com as letras mal feitas, escritas a piche no costado, *Vai com Deus, Senhora da Ajuda, Deus te guie,* as redes nos varais e os pescadores de agulha na mão a remendá-las, as catraias e os batéis nas linguetas. Vejo as mulheres sentadas nos degraus, a Maria da Viela, as Papeiras e as Bexigas. Manhã de não sei quando, manhã que não existe e vou desenterrá-la tal qual, azul e névoa, névoa e mar… Alarido nos tanques: chegam os batéis da sardinha. Em Sobreiras as mulheres arrastam os quartos do sável, metidas na água até à cinta… ¿Quem quer ganhar um quinhão?... Além é o cabedelo e o mar desfeito em pó azul, e a Outra Banda inteiramente verde. Conheço aquele grande pinheiro manso sobre a casa gótica desde que me conheço, os areais e o largo rio, onde dois ou três barcos da Afurada pescam a tainha. O homem atira a rede, e a mulher, num gesto rítmico, bate com o bicheiro na água para assustar os peixes, que se vão lançar na malha.

São nadas que farão sorrir os outros. São efectivamente nadas… E no entanto reconheço que essa foi a melhor parte da minha existência, minuto único de saudade em que a luz se suspende e o universo se entranha para sempre na alma. É a própria vida com um encanto que não torna, é o abrir dos olhos para uma manhã deliciosa, quando se salta pela primeira vez do ninho e se sente ainda o calor do ninho. Tudo é novo e esplêndido. Embriaga o ar que se respira e o primeiro sonho que sonhamos, novo e cheio de

surpresas o Verão, quando os grandes barcos rabelos, a vela latina cheia de vento e o homem em ceroulas no alto da caranguejola, carregados de achas que cheiram a bravio, descem devagar as águas; é novo o Inverno quando a grande toalha líquida das cheias brilha e o sol reluz com mais gosto, ou quando aquela voz rude engrossa, começa a pregar e a lufada não cessa de bater nas vidraças. — Está alguém fora da barra? — E as vigas do travejamento rangem como as quilhas dos navios, e a noite trágica, em que suponho ouvir gritos, nunca mais acaba.

A voz cresce… Ouço-a agora perto, ouço-a melhor. O que foi eco quase extinto, aumenta num clamor cada vez mais alto, chamando de novo por mim…

Junho – 1921

É que tudo, até as coisas, num dado momento, foram para mim seres de uma vida extraordinária: um ser esplêndido, o rio, a que me entrego dentro de quatro tábuas; o cabedelo cheio de mistério, onde ponho os pés com terror; o largo, o profundo mar, que me levou alguns dos meus, constante preocupação desta gente, e que de quando em quando os mata à minha vista. As figuras em sonhos tornam-se a debruçar para mim, estendendo-me outra vez as mãos… E é sonhando também que me recordo de certas coisas sem importância: do jeito que era preciso dar às portas manhosas, para as poder abrir, de uma expressão de que me separam léguas de esquecimento, de pequenos nadas que duram um segundo, um olhar ou um sorriso molhado de ternura. Acontece que às vezes acordo tendo diante de mim intacto um rosto consumido pela terra…

Os meus mortos estão cada vez mais vivos.

É saudade, mas não é só saudade. Isto vem de muito fundo. Os meus actos são guiados por mãos desaparecidas e a minha convivência é com fantasmas. Este cheiro a alcatrão vou levá-lo nas narinas para a cova; esta paisagem — mar, rio e céu — entranhou-se-me na alma, não como paisagem, mas como sentimento. Ressuscito as horas que perdi debruçado no velho muro e sinto o grão da pedra onde punha as mãos quando contemplava a engenhoca do meu vizinho António Luís, que com escorros de água,

dois arames e um bocado de cortiça, fazia manobrar uma azenha, o moleiro e o competente burro com os sacos de farinha, de uma maneira mais absorvente que todas as mágicas a que assisti mais tarde nos teatros de Londres. Ressuscito as primeiras impressões.

A Foz está viva! Tenho-a diante de mim, a Foz de outrora, a Foz que já não existe, a Foz dos mortos, com o movimento, os tipos e a paisagem. Lá em cima o Monte tinge-se de sol, cá em baixo o rio tinge-se de azul. A Cantareira, num cantinho, adormece — a grande fonte de granito doirado, a casa do António Luís, a nossa velha casa com os degraus de pedra, os varais das redes até à Corguinha lajeada de grossos burgos — e ao largo o farol. O mar embala o cabedelo. Uma luz como não há outra e que estremece com o movimento e os reflexos da água, um ar como não há outro e que ainda hoje respiro como a própria vida! Silêncio… A Foz vai doirando lentamente, ano atrás de ano, crestada pelo ar da barra, camada de sol, camada de salitre…

O que revivo mais profundamente? Revivo a expressão de uns olhos húmidos que me seguiam sempre, e compreendo que toda esta cor e este oiro que desapareceram e teimam em reluzir, correspondem a um momento único da vida em que se descobre o mundo que vai morrer e que se fixa por fim em saudade e ternura. É o que tenho mais pena de deixar quando sinto que me levam não sei para onde e cada vez para mais longe. Agita-se então em sonhos o mundo que não existe, e os mortos adquirem uma expressão que é a da minha própria alma. Se isto é ternura, a ternura é o que há de melhor no mundo; se é saudade, a morte é o que há de melhor na vida.

A própria paisagem só depois que a perdi é que a entendi bem, talvez porque a amo mais. Diante de mim têm desfilado as maiores e as mais belas, mas há uma humilde que faz parte integrante do meu ser.

A vida passa e um momento da vida não passa mais — transforma-se. E a aproximação da morte reveste-o de outra cor. Por isso agora vejo tudo cada vez mais nítido… Vejo os buracos nos muros e os reflexos ao lume de água que duram um momento e se renovam sempre. É o sol que lhes dá vida e os ilumina. São instantâneos. Movem-se, somem-se e dão lugar a outros. São agitados e doirados. Uma aparência, um jogo de luz, como as

existências efémeras que passam e o sonho que não deixa vestígios e só um instante se desenha à superfície da vida…

Tudo dura o que duram os reflexos agitados. Só este rio imenso segue o seu curso inalterável e incessante para aquele mar profundo.

IDA AO MAR

5 de Setembro

SE fecho os olhos sinto logo esta mão áspera e enorme que me leva na noite húmida e cerrada. Não vejo o mar, mas envolve-me e penetra-me o hálito salgado e ouço-lhe ao longe o clamor. No primeiro plano ecoa o desabar ininterrupto, depois, lá ao fundo distingo outra voz mais rouca e para além um lamento que não cessa, donde irrompe de quando em quando um grito. De noite apaga-se o mundo e só esta voz enche o mundo… São três horas. O moço anda de porta em porta batendo com um seixo. E vai chamando na cerração: — Ó sê Manuel, cá pra baixo pró mar! — E mais afastado torna outra vez a sair do escuro o apelo prolongado, como se fosse o mar que os chamasse um a um: — Ó sê José… cá pra baixo pró mar! — O arrais leva-me pela mão até a lingueta viscosa, e salto dentro da catraia. Rumor. Vultos. Alguns homens ajeitam-se nos bancos, outros fincam os remos nas pedras para afastarem o barco.

Mais perto, sempre mais perto, o bafo salgado… Uma lufada, uma onda, — um ah monstruoso — o clamor negro e espesso — e saímos a barra. Chego-me para o arrais, que não larga da mão a cana do leme, imóvel e atento. Mete-me medo o negrume que não tem limites de escuridão e de vida e de que me separa a espessura de uma tábua. A maré vaza. O arrais manda:

— Iça a vela.

Os homens saltam nos bancos e o pano bate no escuro.

— Ó iça ! ó iça !...

A escota range no moitão e a grande vela triangular sobe, debate-se, enche-se de vento. A catraia mete a borda. Uma hesitação na marcha e logo nos entranhamos na agitação infinita, na noite

infinita. À luz da lanterna remexem sombras indecisas. São os homens que se deitam nos bancos ou no fundo do cavername entre os baldes, os batedoiros, e o grande cabo do mar de oitenta braças, que serve para largar o ancorote quando a barra se fecha à entrada. Só o arrais continua agarrado ao leme, de olhos fixos na agulha de marear. Chego-me mais para ele… Água negra, respiração negra. Um frémito de vida, uma humidade que se cola à boca e às mãos, e a escuridão, mas a escuridão como um ser imenso que não distingo e de que sinto o contacto — um fôlego cego e vivo que remexe lá ao longe, cheio de mistério, de u — u — u desordenado e que desaba em montanhas e salpicos amargos. Vem até mim. Rodeia-me. Quase lhe vejo as mãos enormes. Escuto o negrume cheio de rumores, de vozes, de sombras movediças, que se debruçam para nós como um che… che… mais alto, mais baixo, que não cessa. Um grito parece vir de muito longe, da vida monstruosa e profunda em que me entranho. Mas já me não mete medo o mar. O lampião ilumina a cara do arrais, rude e grave, serena. E a meu lado a água escorrega no costado, chape-que-chape, sempre com o mesmo ruído monótono que adormece e embala.

É da terra que vem a luz. Um livor indeciso e depois um chuveiro.

— A chuva sangra o vento — diz o sota baixinho.

Para acolá a nódoa anda à tona da água como um olhar sem expressão: esparralha-se no céu. Mas para o largo a noite imensa que nos traga redobra de espessura: o negrume aumenta. Só no nascente a claridade se dilui em neblinas, em farrapos e névoas esparsas que flutuam. Sobem, deixam-se cair em véus moles sobre as águas. Escondem o mar. Durante um momento um fio azul estremece à superfície, e logo a cortina vaporosa se mistura à exalação das águas e cerra-se de todo. Esperem… Uma vaga, uma ondulação verde, outra ainda… Mais névoa… luz… um grande farrapo desgrenhado… O estertor não cessa, mas sente-se que a névoa se adelgaça pouco e pouco, enquanto o negrume se concentra e recua mais para longe e o ar adquire uma transparência azulada. Tenho diante de mim só matéria imponderável, cheia de frescura e de vida, donde vai sair a nova criação. O mar não se vê ainda, mas a voz vem das profundas cada vez mais alta, e adivinham-se na espessura da neblina, entre velas despedaçadas que se debatem nos ares, colunas de fantasmas que fogem na cerração dispersa. Só um, maior, teima, quer fixar-se, debate-se com a luz e desaparece enfim

entre clamores no horizonte ilimitado. Uma paragem sufocada — luz a jorros — e o mar em ondulações verdes, cada vez mais transparentes e com reflexos metálicos.

Vejo agora o barco adornado com o vento, a vela metida nos rizes e os homens estendidos nos bancos. A água diante de mim ondula como um véu diáfano, só frescura e transparência, só poeira verde que desmaia toda arrepiada… Fios delicados de algas bóiam ao sabor da onda e ao meu lado corre um veio mais escuro e profundo, quase negro, onde um bando de toninhas persegue, logo de manhã, a manta da sardinha. Os grandes dorsos azulados irrompem das águas, afundam-se e tornam a aparecer e a reluzir ao longe, todos molhados, num resto de névoa a dissolver-se… Não há cor como esta verde, que é hálito puro ao mesmo tempo; nem vida como esta vida, que surge intacta diante dos meus olhos deslumbrados. Reluz a esteira do sol, e o primeiro voo das gaivotas corta o céu.

Um homem da companha, de pé à proa, procura a bóia das redes com a mão sobre os olhos. O sota, debruçado na amurada, deita a sonda.

— Quarenta braças, é o mar do peixe. — As bóias!... — exclama outro.

— Arreia! — é a voz do arrais.

Solta-se a escota e verga cai sobre os bancos. Os homens remam. Estamos à vista da caça, que no Verão se deixa ficar no mar de um dia para o outro. Prepara-se a polé e um grupo à proa tira as bóias o depois os cadoiros.

— A ver a fortuna que Deus nos dá.

— Ala! ala!

As redes alastram o fundo e dois homens e o moço, de batedoiro em punho, deitam a água fora. — Olhem esses cabos! — Atirem para cá o bicheiro. — Enrodilham-se no escuro dos fios coisas viscosas, debatem-se as pescadas e os ruivos. A todo o momento as atitudes, os gestos e os grupos se modificam. Cresce o alarido: — Agora! agora! — Só o velho de cachimbo nos dentes golpeia, inalterável, os peixes. — Ala! ala! — Eh rapazes! oupa! — Pela borda fora, de navalha em punho, a companha marca os peixes no cachaço e no lombo, e atira-os ainda vivos para a caverna. Cada pescador tem a sua marca: salé ∧ ao atravessar do rabo; salé e risco ∧ |; pé de galinha ⅄; galha, risco cortado na patola do rabo; duas galhas, dois riscos no mesmo sítio; um lombo, o mesmo risco no rabo, da banda do lombo; dois lombos, dois riscos; do lado, um

risco e dois riscos; um cachaço, um risco no cachaço; dois cachaços, dois riscos; uma cruz no cachaço; um papo, um risco no papo; dois papos, dois riscos; cruz ao papo e meio rabo. As cortiças das redes têm também os seus sinais, para o dono as distinguir: signo salimão; grelhas ; grelhas e cruz; grelhas e um risco; grelhas e dois riscos; lampeão e outros.

Saltam no fundo as pescadas de lombo preto, os bonitos, as raias, os capatões, e uma toninha reluzente que os homens matam com os bicheiros. São ruivos de dorso vermelho e doirado e grande cabeçorra cartilaginosa, um peixe rei e cações acinzentados. E algas, algas emaranhadas como cabelos verdes, nos peixes-sapos, na tremelga cor de vinho e na espalmada raia, que abre a boca sufocada; nos peixes-lixas cheios de piques e nas carapaças de caranguejos desajeitados, que correm com os ferrões abertos no ar. E os homens, encharcados e de perna nua, continuam a meter as redes a escorrer para dentro do barco. O fundo da catraia escorrega cheio de água, e daquela vida que se debate, misturada e calcada, cheirando a frescum. É uma mescla de dorsos, de escamas, de peles com reflexos molhados, de tons escorregadios e metálicos das savelhas, de ventres esbranquiçados dos linguados que se voltam e mostram uma pele quase humana, de viscosidades e de prata movediça. E as redes continuam a subir, e o peixe preso pelas guelras a debater-se enquanto os homens de navalha em punho o golpeiam. Alguns de braços arregaçados e mãos viscosas lavam-se no mar. Outros juntam-se ao moço com batedoiros deitando a água fora, e à proa separam os solhões, os rodovalhos e o peixe chato do fundo, que vem envolvido em areia.

— Está a caça dentro.

— Quanto?

— Pra aí dois centos.

É a pescada; o outro peixe não se conta. Vamos voltar à bolina para aproveitar o vento. Outra vez a vela, e o ruído do mar manso que me embala.

Atrás de nós fica uma larga estrada de prata. Na poalha de oiro que cai do céu, descubro um risco indeciso: é a terra. Primeiro nuvem distante. Um momento e acentuam-se os traços deslavados da areia. Mais cor agora… É a terra, a princípio desvanecida e roxa e depois verde nos eternos pinheirais. Um areal doirado, um ponto branco que estremece — o Senhor da Pedra. O vento enche a vela e,

pouco e pouco, todo o panorama transparente sai do mar a escorrer tinta. No fundo ergue-se a costa com manchas escuras dos pinheiros, que não se distinguem ainda. Faísca envolta em névoa a brancura das casas, e toda a larga paisagem renasce diante de mim com cores fracas de aguarela. A terra voluptuosa — cabedelo de oiro, montes pálidos, que saem da água como seios — entreabre-se para nos acolher. Eis os gigantescos braços de Leixões, tão leves que a luz os trespassa, a penedia afiada de Carreiros onde o mar escachoa, e o pontilhão coberto de espuma. Ao sul Lavadores, o areal de Espinho, bruma afastada e cor de cinza. Cai a tarde, vamos entrar a barra. Quase toco de um lado no velho castelo (roído de salitre e do outro no bico do cabedelo, onde as gaivotas apanham o último sol, com os pés metidos na água. Vem a vaga e alastra-se, vai a vaga e a espuma referve na areia molhada, de um oca mais escuro.

As mulheres correm pelo cais:

— Quantas dúzias? quantas dúzias?

Mas os homens não respondem. De pé, nos bancos, com os barretes na mão, entoam o *Bendito.* Escurece. É o momento em que a luz desmaia, em que a cor é transparência e a natureza se esvai entontecida. As tintas são pó de tinta, os montes são fantasmas, e o rio um grande lago azul. Já sei: o mundo é azul… Fios de oiro perdidos na Outra Banda estremecem e vão desaparecer. Nas lanchas arribadas alarido de poveiros. O grande pano sem vento cai sobre os bancos e é o último impulso que nos traz, no jorro da enchente, que entra pela barra cheio de espumas. O rio não tem consistência — voltou-se o céu, e nós vogamos numa poeira roxa que a todo o momento se transforma. Agora é lilás o mundo, é violeta, é um sonho que se some pouco e pouco e que a noite vai tragar.

O peixe é atirado aos montões para as pedras, e as mulheres da lingueta, os homens de dentro do barco, cada um segura pela ponta as suas redes, lavando-as no rio.

Olho... A Outra Banda, violeta, desapareceu na noite. O rio azul, depois diáfano e cor de cinza, desfez-se em violeta. No céu violeta, um rosto de poalha vai sumir-se na bruma, onde só a jóia do farolim cintila. Os tons violetas afogaram tudo e a paisagem desfalece. O mundo não existe — o mundo é a luz.

DE CAMINHA À PÓVOA

A COSTA

10 de Agosto — 1921

ESTA nossa terra portuguesa vai pela costa fora sempre de braços abertos para o mar, estreitando-o amorosamente contra si. Começa em Caminha até ao forte de Âncora — de Âncora ao extremo do monte da Gelfa, e daí ao farol de Montedor, em três largas reentrâncias, que têm como pano de fundo a cadeia azulada dos montes, de onde emerge um ou outro cone transparente… Todas as povoações são viradas para o mar. O sol doira uma janela, uma eira, um espigueiro, o campo de milho alimentado a sargaço que tem os pés na água. E o biombo cor de lousa desenrola-se sempre ao lado do comboio…

12 de Agosto

CAMINHA esta manhã é um sonho doirado que — tenho medo — se vai esvair na atmosfera. O rio azul, o grande monte fronteiriço, a água, o céu, não têm existência real. Sobre o esplêndido panorama diáfano e azul, sobre o cone imenso e compacto de Santa Tecla, sobre a povoação de Campozandos, sobre os pinheirais verdes e os campos verdes, sobre a água que não bole, passou agora mesmo um pincel molhado em tinta acabada de fazer. A vila de ruas lajeadas e a igreja de pedra roída pelo ar salgado, com a Galiza em frente e o fio branco de espuma lá para a barra, parece adormecida e encantada. Deviam-na deixar morrer intacta, sem lhe deitarem as muralhas abaixo, envolta no doirado que a traz entontecida.

Arranco-me a custo à contemplação e vou à rua dos Pescadores,

que têm quase todos fugido para Manaus e para Santos. São casinhas muito limpas com um postigo aberto na porta. Para a vida do mar largo restam duas lanchas, uma delas quase abandonada. A gente que aí ficou emprega-se no trapiche da Galiza ou na pesca de água doce. A pescada falta: o mar dá canejas (cações), sardas e as sarapintadas melcas. Num dia largam a caça, no outro vão buscá-la. Existem ainda alguns barcos de faneca, e os que empregam no rio — meias saveiras, de proa alta, e popa cortada — os pescadores do sável, do salmão e da tainha, que acode ao lume de água em cardumes e faísca como prata no azul. A tainha e o robalo apanham-se ao anzol; com os quartos, que se colhem para dentro do barco, e com os algerifes, que se arrastam para terra, pesca-se o sável e o salmão. Cuido que esta vila foi sempre mais importante como povoação de marinheiros que de pescadores. Lá está na igreja o altar do Senhor dos Mariantes, que o atesta com os ingénuos votos — barcas, palhabotes, navios, *iates, Milagre que o Senhor dos Mariantes fez a Fulano,* etc.

Agora Caminha adormecida vai morrer. Não tem movimento. Não passa ninguém nas ruas. As casas estão desertas. Só num recanto da praia alguns homens afadigados constroem a toda a pressa um navio para levar o resto dos habitantes para o mar. Cheira a breu e a pinheiro novo. Os carpinteiros de machado descascam o último mastro. Martelam-se as cavilhas. É embarcar! embarcar!...

13 de Agosto

DAQUI até à Póvoa de Varzim a povoação mais importante de pescadores é a Lagarteira (Âncora), na segunda reentrância da costa. Deito-me a pé pela estrada, através do lindo pinheiral do Estado, que, de cismático, me lembra António Nobre, e fico perdido de sonho no Moledo. Em 13 de Agosto de manhã há uma ligeira névoa, um nada, um bafo. São nove horas. O azul entontece. Perco a linha da paisagem, o verde escuro do pinheiral que vai até ao mar, e tudo isto se me afigura uma larga concha azul, formada pelo mar azul e pelo céu azul, com uma borda de areal onde alguns velhos moinhos em fila batem as asas para meu encanto. O forte da Senhora da Ínsua fica num extremo, com o monte de Santa Tecla, que saiu agora do mar a escorrer, e no outro extremo da curva,

onde a amplidão do azul é infinita, a penedia a desfazer-se em espuma… Não posso. Por mais que queira não posso arredar-me daqui, com a cabeça estonteada. Fico. E só ao fim da tarde é que consigo chegar a Âncora, com dois jactos de azul metidos pelos olhos dentro. Logo hoje, até muito tarde, não se apaga do céu um doirado de iluminura, que se prolonga até noite velha e morre com aflição…

14 de Agosto

PERTO de Âncora fica a povoação de Gontinhães, de pescadores e de pedreiros, os pescadores ao pé do mar, os outros lá em cima no Calvário, unidos pelo caminho da Lagarteira, torto e lajeado. É uma aldeia pobre e humilde, pobre e doirada. Do escadório descobre-se o panorama, a amplidão do vale, o morro compacto que entra pelo mar e o fio manso do rio… Aqui o sonho não é azul, o sonho é verde. É ao mesmo tempo esquecido e verde, doirado e verde. Também a vida é baixinha: são as mulheres que lavram e as vacas que puxam os carros. Os homens foram por esse mundo rachar o lajedo e afeiçoar a pedra. À direita, encostado ao forte de Lippe, que forma o outro lado da bacia, com o portinho e o varadouro, ficam as casas dos pescadores. Mais um momento… A custo me arranco deste sonho verde, primeiro escuro nos montes, depois pacífico no vale, e que tão bem se liga com a humildade da terra e o azul do mar infinito… Falem mais baixo; em cada paisagem há sempre um deus escondido…

Desço, atravesso a aldeia, dou com um castanheiro que, não podendo crescer em altura, estendeu os braços cobrindo todo o adro. Fico a contemplá-lo. Quando o deitarem a terra acaba-se a poesia deste sítio tão lindo para envelhecer. Tocam o sino para a novena. Ouço um momento os passos dos vivos e dos mortos… Em todas as aldeias que conheço, e que deixo com saudades, o que idealiza o monte bruto e espesso, a vida rude e o sítio agreste, é sempre a igreja, a torre e a cruz.

A parte dos pescadores no areal difere completamente nos tipos, nos costumes e nas casas, naturalmente noutros tempos barracas de madeira construídas sobre estacas. Há quatrocentos pescadores pouco mais ou menos, e cento e trinta e dois barcos varados na

praia, todos pintados de vermelho. São maceiras, de fundo chato, tripuladas por dois homens, volanteiras ou lanchas de pescada por doze homens, e barcos de sardinha, que levam cinco ou seis peças de sessenta braças cada uma, e quatro homens. As redes têm estes nomes: peças as da sardinha, volantes as da pescada. Chama-se galricho a uma espécie de nassa com que se apanha a faneca; rastão ao camaroeiro; patelo à rede que colhe o caranguejo ou mexoalho; e rasco à da lagosta. As redes da sardinha são do mestre, e as da pescada dos pescadores. Os quinhões dividem-se conforme o peixe.

No Agosto começa a faina do patelo, assim se chama ao mexoalho ou pilado, que se deita vivo à terra para estrume. Junta-se no mar uma esquadra de barcos, que vêm da Póvoa, de Viana e do Caminha; junta-se na praia uma fiada de carros de todas as aldeias, próximas ou longínquas, que o transportam para o interior das terras. O areal está alastrado de patelo que remexe. Vende-se a lanço ou a cesto, que leva cada um dois alqueires, e custa três tostões. E por toda a costa neste tempo vai a mesma agitação na apanha do sargaço.

À reentrância que forma a bacia de Âncora e que termina pelo monte da Gelfa com outro forte de Lippe arruinado, segue-se a que vai até à saliência do Montedor, com o farol que se conjuga com o de Vigo e o de Leixões. O mar escachoa em toda a vasta praia eriçada de rochedos onde incessantemente homens e mulheres apanham, secam, dobram em mantas, carregam nos carros, a dorso de jericos, ou simplesmente à cabeça, o sargaço e as algas, que, com o patelo, são o alimento e a fartura destas terras. As mulheres, de gadanho e ancinhos, de saia ensacada e perna à mostra, apanham as algas na flor das ondas ou no fundo das poças quando a maré vaza; rapam-na das pedras esverdeadas; estendem-na no areal a secar ou despejam-na nos carros enquanto os bois pastam as ervas rasteiras e amargas que crescem à beira mar, salpicadas de espuma.

Mas é de Montedor que melhor se abrange este quadro cheio de movimento e de luz, e ao mesmo tempo o panorama, azul para o norte até à Galiza, verde para o sul até Viana. Montedor é uma povoaçãozinha criada ao ar do largo com eiras de palmo e seis espigas amarelas a secar nas eiras. A paisagem imensa a cada hora muda de cor, e o mar infinito acompanha ao longe esta sinfonia maravilhosa. Se eu fosse pintor dava isto com três brochas cheias de tinta — uma pincelada, maior, para o mar azul que não tem fim, até à linha doirada do areal — outra para o mar verde e raso dos

milharais, na larga planície que vai de Montedor até Viana, — outra enfim verde escura para o biombo recortado que cinge esta faixa desde Caminha à foz do Lima. Por fim dois ou três toques para os montes ensaboados, muito ao longe, e um outro, lilás para um ponto que tremeluz e é talvez Esposende, ou talvez não exista… Fim de tarde. É a hora em que anda errática não sei que alma extasiada, e os montes se tornam transparentes como nuvens. Até aquele morro espesso empalidece e desmaia… Mistura-se pó verde lá longe na água, e um vulcão de fogo entre nuvens torna o horizonte apoteótico.

31 de Agosto

DEIXO esta manhã Viana e os incaracterísticos pescadores da Ribeira e sigo pelo pinhal de Darque, Anhe, S. Romão de Neiva, para Esposende, com o rio à esquerda, por terras vermelhas, donde irrompem alguns tufos de pinheiros majestosos como templos. Ao longe a serra de Arga e as torres de S. Silvestre… Fica-me na retina uma igreja branca, a de Darque, recortada no céu, e a verde solidão dos pinheirais, que associo sempre à idea do mar largo. Pela estrada incaracterística acompanho carreadas de sargaço e de patelo, até que chego a Belinho, onde o grande poeta exilado bate as portas na cara do mar que detesta — depois de atravessar um fio de água, com o morro selvático do Castelo de Neiva em frente. De Belinho para S. Bartolomeu já me envolve a poalha da tarde e depois uma luz violeta nas Marinhas. Tenho de um lado os montes escuros e do outro o mar verde com o resplendor do céu em cima. À beira da estrada, branca de poeira, movem-se ainda — trabalham noite e dia — alguns grupos de moinhos. E esta engenhoca seduz-me: anima a paisagem e tem alguma coisa de navio e de brinquedo de criança.

Faz-se tarde. No fundo mais negro as casas, mais pálidas, embranquecem: só o milho fica loiro e o céu fica doirado. Logo adiante é o areal africano da feia Esposende, terra da beira-mar donde não consigo ver o mar, terra de tristes pescadores. As redes de arrasto deram cabo do peixe matando a criação. Só resta uma catraia para a pescada, alguns batéis para a raia, com redes de malha muito larga, e diferentes barquinhos para a pesca do rio, que dá o sável, a tainha e o robalo na vazante, e a solha que se fisga

com a petada nos fundos de areia mais escura.

3 de Setembro

Do outro lado do Cávado é Fão, onde surpreendo de passagem uma linda alameda de árvores, e logo a seguir a estrada que se deita a caminho entre campos para a Póvoa de Varzim. Nestas terras rasteiras sente-se sempre a atmosfera marítima. O milho é anainho e as árvores agacham-se para suportar o vento. Além pelo areal fica a Apúlia, mais longe, através dos eternos pinheirais, a Aguçadoira, por fim Avelomar. Em todo o longo percurso da estrada só encontro poveiras que acarretam sardinha. A Póvoa fornece e alimenta todas estas povoações. Descalças, de saia arregaçada, correm num passo miudinho ajoujadas sob o peso… Já me aproximo outra vez do mar. Sinto-o, vejo-o. Um rasgão no panorama e lá está o azul vivo, o azul esplêndido. Respiro-o. Atravessando Avelomar, estou na Póvoa de Varzim.

Manhã. Redemoinho de névoa lá no largo; vão chegar as lanchas e os batéis. Uns atrás dos outros à bolina já os distingo muito ao longe. No areal todo de oiro secam redes encascadas, e entre os batéis varados formam-se grupos de mulheres que os esperam. Outras correm. Puxam pelos cabos das lanchas como homens ou carregam a caça que sai do cavername a escorrer. Dois, três barcos já na praia… Uma companha encosta os ombros ao costado de uma lancha e — oupa! — empurram-na para cima. Mais batéis: é a força da sardinha despejada no areal. Mulheres acodem, o movimento aumenta e os gritos, os gestos, as atitudes imprevistas. Com os dedos metidos nas guelras algumas arrastam os cações sarapintados, as raias espalmadas, os congros ferozes, com a cabeça aberta pelo machado para não morderem a mão que os apanha. Um monte de raias, peles escuras e viscosas misturadas com areia, outro de peixes-sapos de goela voraz, só boca e dentes, e ainda outro de sardas mosqueadas. — Treze vinténs! quatorze vinténs! — É o leilão. A berraria redobra. Neste grupo confundem-se as vozes. Cheira a mar, a peixe e a fartum, e as mulheres curvam-se sobre a pesca e regateiam-na, enquanto em baixo os barcos despejam mais peixe vivo, toninhas, gorazes, e a sardinha que começa a alastrar de

prata todo o vasto areal. Duas mulheres, de perna nua e saia arregaçada até ao joelho, engancharam um croque na boca de um peixe-cão e arrastam-no a custo para cima. Mais peixe — o fundo do mar misterioso revelado, de mistura com areia, e algas, gritos e alarido. Uma lancha mete o mastro. Dois moços carregam um cabo, enfiado num pau atravessado nos ombros. Redemoinhos negros de mulherio se deslocam. — Três tostões! seis tostões! — Reparo nos tipos: são feias e espessas, de pernas como trancas, todas vestidas de escuro; velhas com uma saia pelas costas cheirando a fartum de sardinha, e metendo dinheiro nos bolsos misturado com areia; arrostalhadas no chão, separando o peixe com as unhas gordurosas; homens de camisola e calça, secos e tão entranhados do salitre como os pranchões das lanchas de madeira por pintar. Acolá dentro dos batéis os pescadores sentaram-se nos bancos e cada um tem um pequeno ao colo: entregaram-lhos as mães enquanto vendem. Já outros barcos se preparam metendo as redes, e a grita e a agitação aumenta, o alarido aumenta. É a sardinha que continua a despejar-se pela praia e que se vende a lotas de um a dois milheiros, cada vez mais disputada. Levam-na em canastras, carregam-na nos carros, compram-na as peixeiras já prontas a partir e a apregoá-la. Há a gorda e enorme que faísca como prata, e que é logo ali disposta, cabeça para um lado e rabo para o outro, camada de sal e camada de sardinha nos cestos canastreiros; há a mais moída e pequena, que se vende aos montões para a gente pobre, e a despedaçada e calcada que, com as tripas e as cabeças, se aproveita para estrume. Cheira que tresanda. E mais gritos, maior balbúrdia… — Seis tostões! um quartinho! — Estripam-na, lavam-na em água do mar, dividem-na em grande, média e miúda. Mulheres a escorrer salmoura carregam-na à cabeça e correm para a fábrica com os filhos nus agarrados às saias…

O largo quadro de cor quase uniforme é húmido e salino, oca na areia molhada, escuro nos vestidos e figuras, esverdeado no rolo das ondas que espumam e o enchem de um pó ténue lá para o fundo. Mas todo o interesse vem do movimento e da expressão, da pele dos peixes que reluz, dos tipos que não cessam de agitar-se no amplo varadouro em ocasiões de pescaria.

Mais batéis vão largar e outros chegam e amainam as velas no mar cada vez mais azul, donde brota toda esta vida surpreendida e arrastada pela areia…

20 de Setembro

Só tendo a morte quase certa é que o poveiro não vai ao mar. Aqui o homem é acima de tudo pescador. Depende do mar e vive do mar: cria-se no barco e entranha-se de salitre. Desde que se mete à terra, o poveiro modifica-se: perde em agilidade e equilíbrio, hesita, balouça-se, não sabe onde há-de pôr os pés. Conheço esses homenzarrões broncos e espessos, de cara rapada ou suíças, barrete na cabeça e calça branca de lã, desde que me conheço. Iam dormir à Foz dentro das lanchas e todas as tardes o moço passava a minha porta com o barril de água à cabeça. Dormiam no rio cobertos com a vela, e primeiro que pregassem olho era um falatório que se ouvia em toda a vila. Minha mãe, quando as criadas falavam alto na cozinha, repreendia-as sempre nestes termos: — Então isto aqui é alguma lancha de poveiros?

O poveiro não usa faca, mas é terrível e certeiro com pedras na mão. Ou porque lhe cortassem a caça, estragando-lhe as redes, ou porque andassem de rixa velha, havia às vezes no alto mar verdadeiros combates entre poveiros e sanjoaneiros. Os barcos avançavam uns para os outros a força de remo e a pedrada fervia. Os da Póvoa, que são, creio eu, os únicos pescadores que usam pedras em lugar de chumbeiras, levavam sempre a melhor. Às vezes chegavam a abordagem, de remos no ar, numa algazarra feroz, e havia feridos e até mortos.

O poveiro ignora tudo fora da sua profissão, mas essa conhece-a como nenhum outro pescador. Sabe onde está o banco da sardinha pelo voo do mascato, que lá do alto cai a prumo sobre o cardume; quando ela anda terrenha, isto é, perto da costa, e torneira ou à flor das águas. Sabe a palmos o mar da Cartola que dá a pescada, o da Ferralhuda, que dá a raia, o da Gata, que dá raia e cação, o Bianco, o Lameirão, etc. Acima de tudo está Deus, e para eles o Senhor do Mar é que dá a fome e a fartura.

Na Póvoa há o homem livre e o homem empregado, isto é, o que traz redes de outra pessoa. O homem livre leva para a pescada três cartéis, que fazem uma rede; o homem empregado leva cinco cartéis; o mestre oito a dez, sendo três para o barco, três para ele, uma rede para a lancha e outra de ferrar a bóia. A lancha leva também uma rede da Senhora, a rede de mais a mais, a rede de

beber e outras. No batel de sardinha o pescador leva duas redes.

Quando o Inverno é grande, a miséria obriga-o a internar-se, em bandos, de barrete na mão, pedindo pelas *armas do Purgatório.* — Quem é? — É o poveirinho, o probinho do pescador. — E que em todas as terras à beira mar o homem acumula, lavrador e pescador ao mesmo tempo. O poveiro não, tem de seu o areal e o mar. E esse mesmo lho disputam. Foi sempre um eterno explorado pelo fisco, pelos regatões, pelos homens de negócio — e por último tiraram-lhe o areal, que era a única coisa em que ele fazia fincapé para os seus varais, para as suas velas, para os seus costumes. No mar, com a rede de arrasto, mataram a criação. Vi eu muitas vezes os vapores deitarem fora sacos de peixe por criar, que a rede de malha miúda rapava nos fundos. Conseguiu-se assim destruir uma comunidade com carácter e vida própria. O poveiro era um tipo com individualidade, como o soldado e o lavrador são tipos criados à custa de acumulações seculares. Estragámo-lo como estragámos as nossas vilas, as nossas aldeias, os nossos costumes, para os substituirmos pela fealdade e pelo incaracterístico horror. Todas as povoações de pescadores que conheço estão arruinadas. Façamos as contas: os de Valbom mortos, os de Esposende mortos; mortos os da Foz; os de Mira com quatro companhas em vez de quinze, e os da Póvoa, que perderam todos os seus costumes, arruinados e fugindo para o Brasil e para a África. E por toda a costa portuguesa a pesca rareia. Como temos o condão de estragar tudo, empobrecemos as populações da beira-mar, para enriquecer meia dúzia de felizes. Cultivar o mar é uma coisa — é ofício de pescadores; explorar o mar é outra coisa — é ofício de industriais.

Como vivem estes homens? Agrupam-se no extremo sul da povoação. Roupas a secar, interiores que são pocilgas, casebres com uma porta e uma janela, e alguns só com uma porta e um postigo aberto na porta. Trapos, velhas redes, raias escaladas ao sol enfiadas num pau. Ao lado apodrecem barcos e estende-se o sargaço. As mulheres escorrem salmoura e por toda a parte há restos de sardinha e filharada. A vida polula, a vida pródiga e incessante. Dentro dos casebres uma salinha com uma dependência, a camareta, onde dorme o casal, e o falso, para guardar o que ele tem de mais precioso, as redes. A caixa, alguns bancos. Debaixo da cama o berço dos filhos e panais velhos. A cozinha mete medo com a caldeira de cozer a casca, o forno e os potes de ferro. De noite tudo isto é alumiado pela luz da graxa de peixe, que enfurna as paredes e

cheira que tresanda.

Eis como vivem estes homens. Como morrem dizia-o, muito melhor do que eu, o velho cemitério da Póvoa que já não existe. Ia-se passando de túmulo em túmulo e lia-se sempre: — António Libo, morto no mar; Francisco Perneta, morto no mar; José Mouco, morto no mar… Donde a onde havia uma redoma de vidro com alguns ossos brancos e mirrados que tinham dado à costa. E depois, seguiam-se os letreiros — sempre! sempre! — Domingos Reigoiça, morto no mar; Joaquim Monco, morto no mar... Todos eles vivem no mar — e morrem no mar.

PEQUENAS NOTAS

PORES-DO-SOL

SE eu fosse pintor passava a minha vida a pintar o pôr-do-sol à beira-mar. Fazia cem telas todas variadas, com tintas novas e imprevistas. É um espectáculo extraordinário.

Há-os em farfalhos, com largas pinceladas verdes. Há-os trágicos, quando as nuvens tomam todo o horizonte com um ar de ameaça, e outros doirados e verdes, com o crescente fino da lua no alto e do lado oposto a montanha enegrecida e compacta. Tardes violetas, neste ar tão carregado de salitre que torna a boca pegajosa e amarga, e o mar violeta e doirado a molhar a areia e os alicerces dos velhos fortes abandonados…

Um poente desgrenhado, com nuvens negras lá no fundo, e uma luz sinistra. Ventania. Estratos monstruosos correm do norte. Sobre o mar fica um laivo esquecido que bóia nas águas — e não quer morrer…

Há na areia uns charcos onde se reflecte o universo — o céu, a luz, o poente. Não bolem e a luz demora-se aí até ao anoitecer. E como o poente é oiro fundido sobre o mar inteiramente verde, que a noite vai empolgar não tarda, os charcos, entre a areia húmida e escura, teimam em guardar a luz concentrada e esquecida.

Em todo o dia o mar não se viu nitidamente. Névoa esbranquiçada, grandes rolos de poeira e sol misturados, água de que se exala um hálito verde envolvido nas ondas. Por fim o sol desceu e um nevoeiro imprevisto entranhou poalha de oiro no mar esverdeado, fantasmagoria e sonho nesta frescura extraordinária.

Agora este, teatral, com largas gambiarradas, franjadas a oiro, acabado de pintar pelo cenógrafo para uma apoteose, e outro que não sei descrever, feito com muito pouco: quase desmaiado, um nada de luz no mar efémero, um nada de luz no céu efémero — e a

montanha roxa ao fundo prestes a desvanecer-se…

Agora é prata, daqui a pouco é oiro, e quando o sol desaparecer de todo, ainda o horizonte fica por muito tempo iluminado. Oiro desvanecido e pó de água que ascende do mar. Um pouco de névoa, e dois jactos projectados no céu — verde e oiro, oiro e verde.

Esta tarde o sol põe-se sobre uma barra e aparece deformado, entre grandes manchas de nuvens acobreadas. Some-se, e ressurge por fim como um grande balão de fogo num oceano revolto, até que entra numa grande nuvem espessa com interstícios de fogo e explode iluminando o espaço e a água cor de chumbo.

Este faz sobressaltar e sonhar. Três horas da tarde. Céu limpo, mar manso, e sobre o mar uma chapada de prata, sobre o verde, mil escamas a cintilar, que brilham, luzem e tornam a reluzir. O sol desce pouco e pouco, majestoso e sereno, no céu todo doirado e a luz forma uma estrada que liga o areal ao infinito, uma estrada larga, de oiro vivo, que começa a meus pés, na espuma ensanguentada e chega ao sol. Ó meu amor, não acredites na vida mesquinha, não duvides: dá-me a tua mão e vamos partir por essa estrada fora direitos ao céu!

O NEVOEIRO

SOL e azul e depois névoa. Às vezes começa em Agosto, outras em Setembro. Uma barra ao longe anuncia-a, uma barra que cresce em fumarada sobre a terra, ou que se dispersa correndo para o sul, em labaredas sobre o mar esverdeado. Há outras névoas no Verão que se descerram lentamente como cortinas, ficando o panorama límpido como uma aguarela acabada de pintar. Outras têm léguas de extensão e levam dias a passar. E o mar exala um cheiro mais vivo quando o nevoeiro parece dissolver-se, para logo voltar mais denso e compacto. Às vezes, vê-se entre a neblina um ponto da costa cheio de luz, um rasgão no mar, uma única pedra iluminada entre o céu infinito e o mar infinito.

Tenho visto também umas névoas esbranquiçadas que ficam lá

para muito fundo embebendo-se de luz. Névoa, um pouco de sol e brancura, tudo emborralhado. A onda vem de longe, irrompe da névoa, e só se vêem os grandes rolos brancos revolvidos de espuma muito ao perto quando se despedaçam.

Em Sagres, assisti a um nevoeiro extraordinário. Apareceram primeiro uns flocos no céu, e a luz tornou-se logo mais azul, pegando azul à pele, molhando de azul as mãos estendidas. Depois a névoa, que no Verão dura segundos, doirou e subiu ao ar tornando o horizonte mais ilimitado e fantasmagórico…

As névoas anunciam o Inverno. Começam a vir os nevoeiros compactos, que se metem pelas narinas e cheiram a mar e a fumo. Há-os que têm léguas de espessura e levam dias a passar, coortes desordenadas de fantasmas enchendo todo o horizonte. O sino tange. Não se vê palmo adiante do nariz. Lá fora os barcos, como cegos, só se guiam pelo som. O mar é um misterioso fantasma que os envolve. Cerração cada vez mais mole e espessa… Só a voz se ouve, e o lamento parece vir de mais longe e de mais fundo. Às vezes adelgaça-se um pouco na costa, e grandes rolos de fumaceira crescem do mar sobre a terra. É o Inverno que vem aí. A voz imensa tem já plangências de dor — desabar infinito de lágrimas. De sul para o norte as nuvens correm sempre, coortes sobre coortes que saem das profundas, e avançam, deslizam sobre as águas sem ruído, enchendo o céu de farrapos enormes, de fantasmas criados naquele mar salgado e que se seguem em tropel num galope monstruoso para uma grande batalha desconhecida. E de quando em quando o sino chama, chama sempre pelos homens perdidos na névoa espessa que leva dias a passar.

REDES

NA Foz são os pescadores que fazem as redes, sentados no areal, com a primeira malha metida no dedo grande do pé, na mão direita a agulha com o fio e na mão esquerda o muro. As melhores redes eram as de ticum, e o melhor ticum o que se vendia em Lordelo.

As redes são muito variadas. Há as redes da pescada; as robaleiras para o robalo na restinga e fora da barra; os quartos para o sável; e para a solha que vive na areia e cor da areia, uma rede especial, a

feiticeira, com duas ordens de malhas. A rede quando vem do mar é lavada, seca e encascada. Depois remenda-se e mete-se nos cestos. Há também diferentes linhas e espinhéis, para a faneca, para o robalo, que gosta das águas remexidas e dos sítios onde rebenta a onda, para a enguia, que é tão voraz que nem precisa de anzol, apanha-se com engodo, e até para o congro, no mar alto, tendo-se o cuidado de levar um machado, porque esses peixes, quando grandes, são terríveis, e mesmo dentro do barco, levantam-se para os homens como feras.

Barcos, houve na Foz quatorze catraias, (já não há nenhuma) batéis para a sardinha, que levavam quatro homens e seis peças, botes para a faneca, e gamelas para o serviço no rio. Tenho por estas quatro tábuas com o fundo chato uma especial predileção. Foi nelas que aprendi a gingar, o que se faz só com um remo e certo movimento de pulso, e foi nelas também que aprendi a nadar à força, porque se voltam na ressaca com extrema facilidade.

Quanto a quinhões era assim: vendido o peixe, metade do dinheiro que a mulher do pescador ganhava com a canastra tomava conta dele o arrais, que o dividia em quinze partes para os homens, uma para o moço e duas para a embarcação. Assim, até os que por sorte não apanhavam peixe, tinham um quinhão garantido do mealheiro comum. Ficava ainda uma pequena parte nas mãos do arrais para o tempo de Inverno, quando se não podia ir ao mar.

PARAMOS

ESTAVA na carreira de tiro de Esmoriz. Não via o mar, mas sentia-o no peito dilatado. Perto de mim uma moita de pinheiros novos; e as agulhas escorriam molhadas de fresco. Uma nora, um choupo. Ao longe barracas de madeira agrupadas — Paramos. Uma gaivota pairando sobre um charco… Para o outro lado campos lavradios com milho rasteiro que sabe a ar salgado, casas de lavradores perdidas entre sebes, de telhados muito baixos onde secam abóboras amarelas.

Aqui o pescador vive em barracas de madeira que tem o aspecto de povoações lacustres. Em certos dias iça-se o camaroeiro e a este sinal esperado no interior das terras, começam a aparecer pelos caminhos empapados, dirigindo-se para o mar, as pesadas juntas de

bois levadas à soga pelos moças. O lavrador associa-se ao homem do mar. Nesses dias larga o arado e toma parte na companha, ajudando a alar a grande rede que se usa para estas bandas e que as bateiras lançam à água. É um espectáculo extraordinário...

Isto está de todo apagado nos meus apontamentos, mas ainda hoje, depois de tantos anos, tenho a impressão da paisagem de areal e pinheiros, do hálito azul matutino molhando a vegetação e da claridade hesitando em pousar e o sol em aquecer.

Há manhãs à beira-mar em que tudo parece um pouco de tinta muito leve e mais nada. Um pouco de tinta e frescura. A própria luz molhada, estremece. O doirado tem muita água e desbota. Uma gota de azul basta para o mar e o céu. E a manhã, trespassada e a escorrer, nascida e hesitando, faz medo que se desvaneça como um fantasma de manhã.

NO CABEDELO

O Cabedelo para mim era o deserto cheio de prestígio e de aventuras… Era no Cabedelo que tomávamos os melhores banhos, deitados na areia, deixando vir sobre nós a vaga num rodilhão de algas e espuma. Andar um momento envolvido na crista da onda, ser atirado numa sufocação sobre a areia, correr de novo para o mar, direito à vaga que se encapela lá no fundo, formando concha, outra vez aturdido e impregnado de uma vida nova; e depois procurar, a escorrer, um côncavo quentinho de areia que nos sirva de abrigo contra o vento e secar-se a gente naquele lençol doirado — é uma das coisas boas da terra. E outro prazer simples e extraordinário, é ir descalço pelo grande areal fora com os pés na água. A onda vem, espraia-se, molha-nos e salpica-nos de espuma. Calca-se esse mosto branco e salgado, que gela e vivifica, e caminha-se sempre ao lado dos sucessivos rolos que se despedaçam na areia. Ao longe, o mar chapeado de placas movediças… A onda vem, cresce, e antes de se despedaçar em espuma, o sol veste-a de uma armadura de aço a reluzir. Há-as de um esverdeado de alga morta, há-as que se derretem e fundem em torvelinhos de branco, e há-as que recuam e se enovelam noutras ondas prestes a desabar. Mas há umas, esplêndidas, que vi em Mira, ao pôr-do-sol, quando o vasto areal fica todo ensanguentado. A onda forma-se e corre por

aquela magnífica estrada que vem do sol até à praia, ganha primeiro reflexos doirados na crista, e depois, quando se estira pelo areal molhado, fica cor do vinho nos lagares.

Outras vezes percorríamos o Cabedelo a pé como exploradores. Há lá canaviais, poças de água azul e polida, rochas luzidias por onde escorregávamos, peixes nascidos que procuram o refúgio das pedras e a água aquecida para se acabarem de criar, caranguejos nas fisgas e, na vazante da maré, grandes lagos que navegávamos ao acaso, deixando o barco ir à toa e encalhar no areal…

O Cabedelo produz, além das canas, uma espécie de cardo, plantas rasteiras e humildes de folha dura, que dão uma flor pequenina e vermelha, outras que parecem os chapotos que nascem nos velhos muros, e ainda outras mais pobres com a folha em escama pela haste acima. Estes vastos areais, revestidos às vezes de cabelos de oiro que seguram as dunas, estão todo o ano a concentrar-se para em Agosto sair daquela secura e do amargo do sal, um lírio branco que os perfuma, dura algumas horas, e logo desaparece.

A PESCA DA SARDINHA

Foz do Douro,

Dezembro — 1900

MANHÃ. O traço do cabedelo separa o azul do rio do pó verde do mar. O hálito salgado que respiro renova todas as tintas, e a Outra Banda, como um biombo verde, emerge no fundo do quadro. Azul — mais azul ainda… Vejo, agora que a viração do norte arrasta para o largo os últimos farrapos de neblina, os barcos da sardinha que há mais de um mês largam todas as noites para a pesca. A safra da sardinha começa no mês dos Santos e acaba na Senhora da Guia. O batel, três homens e outras tantas redes. São às centenas, é uma frota que distingo pelas velas para lá do areal, e que, no azul desmaiado e na névoa a dissolver-se, parecem suspensos no ar. Todas as tardes entram a barra uns atrás dos outros, em fila, para despejarem nas linguetas viscosas o peixe miúdo que salta aos montões nos cavernames. Duas, três horas… É o momento em que as mulheres saem das tocas: as Bexigas, a Papeira, a Maria da Viela, que passam a vida pelas estradas com a canastra à cabeça e o pé descalço; as matozinheiras, as de Afurada, quase sempre de luto, porque o mar lhes leva os homens e os filhos. Conheço-as todas de pequeno. De Aveiro a Viana, do interior das terras, das aldeias solitárias do Douro, entre paredões temerosos e compactos (lá em cima reluz uma estrelinha) dos sítios perdidos de Trás-os-Montes, desce também neste tempo para a costa o formigueiro humano que vem atrás do apresigo para o Inverno, do negócio que os tenta, e da fartura que o mar prodigaliza. Não há terriola de seis cavadores submersa pelos montes, onde a sardinha não chegue — viva da costa. É nesta época que reaparecem os bandos de homens magros e tisnados, as mulheres descalças com a saia pela cabeça, para disputarem a quem mais dá os lotes de sardinha dispersos no areal.

Carregam-na os almocreves nos burros canastreiros e os do Douro nos barcos rabelos de grande vela latina, com o arrais de pé sobre a gaiola de pinho descascada; os vareiros às costas, com a vara atravessada no ombro e um cesto em cada ponta, os regatões que a acamam em gigos ou a salgam no fundo das barricas, as sanjoaneiras e as vareiras que de perna à mostra e a canastra à cabeça, correm pela estrada ribeirinha, a caminho do Porto: — De Espinho viva! — E até os famintos esperam os dias em que ela é tanta que se dá a quem a leva, fazendo-se o quinhão dos pobres. Os grupos discutem na lingueta, as mulheres apregoam, e chegam mais batéis que despejam nas pedras os montes viscosos de prata, — Quem dá mais? quem dá mais?

São seis horas. Reparem: desmaia a tinta azul e oiro da Outra Banda. O pó verde do mar sobe outra vez em neblina. Ouve-se o chapinar das redes que se lavam e o grasnido das gaivotas assustadas. As mulheres gritam. Sobem os lanços. Duas engalfinham-se. Os almocreves caminham à frente dos burros inalteráveis. As vareiras carregam à pressa as últimas canastras. Já um fio trémulo de lua vem reluzir na água, e depois, nos peixes por vender. Bóiam ainda restos de sol esquecidos na lividez do rio, quando um fogaréu se acende e aviva as primeiras sombras, num clarão que seria um achado para um pintor de género…

Baleal,

Setembro — 1920

HÁ manhãs em que a poeira do mar se mistura à poeira azul do céu. Um hálito fresco e húmido, uma exalação viva e salgada, vem do largo e das profundas — de toda essa constante agitação, que nos dá um sentimento de vida ilimitada. Sai dos farrapos da névoa, dos laivos onde bóiam espumas, dos redemoinhos lívidos de cólera. A esta hora o dia está de chumbo. No horizonte a claridade debate-se para irromper, e só ilumina uma parte do mar em fusão. Não se vê ainda a costa. A névoa flutua em farrapos, e de repente, lá do fundo uma espessa fumarada cresce sobre a terra. Só muito longe uma nódoa azul esparralhada flutua à superfície das águas… Os barcos formam círculo para além da baía, entre as Berlengas e a costa: sete,

oito, dez, de vela triangular, que se preparam para erguer a armação da sardinha — uma grande rede com um saco — o copo. A sardinha, ao encontrar no seu caminho a rede, deriva para o saco, tirando-a os pescadores com a chalavara para dentro dos barcos. É uma onda de prata que sai da tinta azul. Cheira a algas e a mar vivo. Impregna-me e trespassa-me. Deixa-me sal nos beiços.

Oito horas. Mais uns minutos e descerra-se a cortina vaporosa: dissolvem-se os últimos fantasmas e o panorama surge como uma aparição do fundo do mar.

Ei-lo diante de mim. Primeiro a costa, ao longe violeta e vermelha, mais longe roxa e diáfana, mais longe ainda perdida na bruma. Aqui e ali uma aldeia ao sol — o Ferrel, Casais de Martim Mendes, a Atouguia da Baleia, e no espinhaço dos montes a linha azul dos pinheiros. No fundo Peniche e a formidável cenografia do Carvoeiro, que entra pelo mar dentro, à direita as Berlengas, que pelo recorte e pela cor parecem duas nuvens pousadas no mar, à esquerda as terras cortadas a pique. Uma grande rocha no mar, o Baleal, ligada à terra por um fio de areia, com uma baía ao norte e outra ao sul. Distingo-lhe as pedras cor de giz, outras avermelhadas, outras roídas e estranhas, que as vagas salpicam de espuma… Tudo isto feito de pó, e sempre duas tintas predominando, a do mar azul e a do céu azul, uma esverdeada como uma solução de sulfato, a outra infinita e etérea.

— Ala! ala!

Do fundo do mar continua a sair a sardinha, da onda cobalto a prata reluzente. Os homens gritam. É a gente morena de Peniche ou do Ferrel que acumula, e que, terminada a vindima, e recolhido o mosto nas cubas, vai, com as mãos ainda tintas do cacho, apanhar a sardinha, que salta ao lume de água, a sarda e a moreia, ou com o bicheiro fisgar os polvos, que se escondem nas pedras.

— Ala! ala!

Isto dura horas, dura o dia. No regresso já o sol desaparece atrás de Santa Catarina, e a luz confunde-se com luz do luar que tremeluz na esteira mágica do barco. Cintila e some-se o farol das Berlengas, e mais longe reluz o do cabo, que é fixo. O mar exala uma luz própria e tem outra cor. O mar é azul ou verde? Perto de mim tem todas as tonalidades do verde, verdes escuros quase negros, verdes de podridões, esverdeados com restos de algas, espumas e babugens, e ao longe empalidece e sonha, desfeito em poalha quase etérea. Há tons violetas esparsos, e tudo para mim se confunde,

sonho e realidade, quando a voz plangente se transforma em voz clamorosa: ao aproximar-nos da costa o grande coro de lamentos sobe cada vez mais alto…

Apenas arrematada em Peniche, os almocreves levam a sardinha pela estrada, que atravessa os campos areentos, os *salgados,* a Atouguia da Baleia, a Serra de El-rei até Óbidos e S. Mamede. Nesta época é um vaivém incessante de cargas: o pavimento arruinado cheira a salmoura. Sai pela via-férrea.

Cada vez se inventam mais aperfeiçoados modos de a destruir, redes, aparelhos, armações. Nem sequer a desviam do seu caminho. Às vezes os pescadores hesitam em lançar a caça diante do banco formidável que, como o destino, nenhuma força modifica ou altera. A manta obstinada e cega leva e destrói-lhes as redes, e segue o seu roteiro, para, depois de desovar na costa, voltar ao largo quase intacta, apesar de todas as devastações.

O cardume, que foi força e vida misteriosa, que formou um só corpo e passou obedecendo não sei a que instinto ou a que inteligência superior, cai sobre Lisboa — como vem de Setúbal, do Algarve e das praias ignoradas de toda a costa lusitana, das grandes armações e dos pequenos barcos. É espalhada pelo país. Comem-na assada na brasa os trabalhadores da estrada e os homens esfaimados do campo com um pedaço seco de broa. De Inverno é seca, mas pelo S. João pinga no pão. No norte o lavrador espera-a para o jantar: é o seu melhor conduto. Os pobres fregem-na numa gota de azeite, e salgada ou saltando no cesto, fresquinha da barra, viva de Espinho, gorda, antes da desova, sem cabeça e escorchada, com a guelra em sangue, ou laivos amarelos da salmoura, constitui um manjar para pobres e para ricos. Entra em todas as casas. Há quem goste dela de caldeirada e quem a prefira simplesmente assada deixando cair no lume a gordura que rechina. Há-os que só saboreiam a de lombo gordo e preto, e os que acham muito melhor a miúda, que se chama petinga e que se devora com escama e tudo, afirmando com uma convicção respeitável que a mulher e a sardinha quer-se da pequenina…

A RIA DE AVEIRO

A PAISAGEM

21 de Julho de 1922

A ria é um enorme pólipo com os braços estendidos pelo interior desde Ovar até Mira. Todas as águas do Vouga, do Águeda e dos veios que nestes sítios correm para o mar encharcam nas terras baixas, retidas pela duna de quarenta e tantos quilómetros de comprido, formando uma série de poças, de canais, de lagos e uma vasta bacia salgada. De um lado o mar bate e levanta constantemente a duna, impedindo a água de escoar; do outro é o homem que junta a terra movediça e a regulariza. Vem depois a raiz e ajuda-o a fixar o movimento incessante das areias, transformando o charco numa magnífica estrada, que lhe dá o estrume e o pão, o peixe e a água da rega. Abre canais e valas. Semeia o milho na ria. Povoa a terra alagadiça, e à custa de esforços persistentes, obriga a areia inútil a renovar constantemente a vida. Edifica sobre a água, conquistando-a, como na Gafanha, onde alastra pela ria. Aduba-a com o fundo que lhe dá o junco, a alga e o escasso, — detritos de pequenos peixes. Exploram a ria os mercantéis, que fazem o tráfego da sardinha, os barqueiros que fazem os fretes marítimos, os rendeiros das praias que lhe aproveitam os juncais, os marnotos, que se empregam no fabrico do sal, os moliceiros, que apanham as algas, e finalmente os pescadores da Murtosa, que são os únicos a quem se pode aplicar este nome, e que entre outras redes usam a solheira, a rede de salto, a murgeira e a branqueira.

O homem nestes sítios é quase anfíbio: a água é-lhe essencial à vida e a população filha da ria e condenada a desaparecer com ela. Se a ria adoece, a população adoece. Segundo Pinho Leal, em 1550, Aveiro tinha doze mil habitantes e armava 150 navios. A barra entulha-se, a terra decai. Em 1575, com a barra outra vez entupida,

os campos tornam-se estéreis e a cidade despovoa-se. A alma desta terra é na realidade a sua água. A ria, como o Nilo, é quase uma divindade. Só ela gera e produz. Todos os limos, todos os detritos vêm carreados na vazante até à planície onde repousam. Isto é água e estrume, terra vegetal que se transforma em leite e pão. Palpa-se a camada de terra gordurosa sobre a areia. E além de fecundar e engordar, a ria dá-lhes a humidade durante todo o ano, e com a brisa do mar refresca durante o estio as plantas e os seres. Uma atmosfera de humidade constante envolve a paisagem como um hálito.

Ninguém aqui vem que não fique seduzido, e noutro país esta região seria um lugar de vilegiatura privilegiado. É um sítio para contemplativos e poetas: qualquer fio de água lhes chega e os encanta. É um sítio para sonhadores e para os que gostam de se aventurar sobre quatro tábuas, descobrindo motivos imprevistos. É-o para os que se apaixonam pelo mar profundo, e para os medrosos que só se arriscam num palmo de água — porque a ria é lago e mar ao mesmo tempo. Com meios muito simples, um saleiro e uma barraca, tem-se uma casa para todo o verão. Pesca-se. Sonha-se. Toma-se banho. E esquece-se a vida prática e mesquinha. Dorme-se ao largo, deitando-se a fateixa ou abica-se ao areal: um fogaréu, uma vara, a caldeirada… Começam a luzir no céu e na ria ao mesmo tempo miríades de estrelas. Vida livre de alguns dias, de que fica um resíduo de beleza que nunca mais se extingue. É a ria também sítio para os que querem descobrir novas terras à proa do seu barco e para os que amam a luz acima de todas as coisas. Eu por mim adoro-a. É-me mais necessária que o pão. E é este talvez o ponto da nossa terra onde ela atinge a beleza suprema. Na ria o ar tem nervos. A luz hesita e cisma e esta atmosfera comunica distinção aos homens e às mulheres, e até às coisas, mais finas na claridade carinhosa, delicada e sensível que as rodeia. A luz aqui estremece antes de pousar…

8 horas da manhã

ARIÃO. Um charco. Tomo um barco moliceiro. A chuva em poeira cai sobre os campos verdes da Gafanha. A paisagem molhada

escorre água e a ria lisa como um espelho reflecte o céu baço. Mulheres vestidas de escuro, com grandes molhos de erva à cabeça, saem dos agueiros como rãs, e uma cachopa atravessa a ria com as saias pelas coxas, a pingar. Os longes esfumados perdem-se na bruma. A bem dizer, não chove: o céu derrete-se. Silêncio. As terras baixas, atravessadas de regos e de valas onde a água repousa e apodrece, embebem-se ainda mais desta água peneirada que não cessa de cair. Ria cinzenta, céu cinzento, campos alagadiços e uma luz molhada que atravessa as nuvens pegajosas e envolve os seres e as coisas no mesmo tom casto e uniforme. As tintas desvanecem-se. Silêncio húmido neste paraíso da erva, coberta de um pó fino que goteja. Largamos. Canais, poças, água imóvel. Passo ao cabeço da Capela, passo ao Forte Velho — antiga barra. A água escorregadia fecha-se logo sob o barco. Olho para os fundos, mas no fundo emborralhado só distingo até Arnelas névoas sobrepostas, donde irrompe um único fio indistinto — a Vagueira. Ao pé de mim, ao pé da chapa polida da água um moinho bate as asas e passa… Logo um canal estreito entre terras estacadas para não esboroarem, a Carreira. Outro charco mais largo, cor de estanho, e sempre o mesmo lodo cultivado, o mesmo tom baço, a mesma cinza caindo pingue-que-pingue sobre a larga paisagem empapada e cheia de humidade: é o lago da Labrega, quieto e solitário, num céu que se derrete em água morna. Um peixe faísca e toda a superfície se arripia para voltar à imobilidade. Um cabeço com ervas emerge à flor das águas. Às vezes o barco faz marola, encosta à terra, pega-se no fundo, e os homens de perna nua empurram-no à vara. Na antiga barra encalha, e para o levarmos temos de nos meter todos à água. Vagueira, — dois riscos esbranquiçados muito ao longe — os faróis. A ria alarga.

Com a manhã, que se adianta, as gotas de chuva embebem-se de outra luz esbranquiçada. Ganham os tons baços transparência e uma claridade difusa bóia no céu. Baba-se. A amplidão da água reflecte já outras tintas. A neblina a todo o momento desmaia e a vasta planície vaporizada ilumina-se de uma luz cor de pérola que hesita em pousar; os verdes são mais claros, as árvores suspensas no ar e as casas construídas na água. Além à esquerda mostram-me os palheiros da Costa Nova — mas tudo ainda adormecido na terra, no silêncio e na água. Uma tainha salta…

Depois desta série de canais e de charcos estagnados e polidos, na planície baixinha feita com lodo extraído da ria, e com areais do

outro lado, onde os sarraus e os borrelhos piam, sob um céu empastado e baixo — encontro-me diante de uma amplidão indefinida, onde a terra e a ria se confundem. É um sonho que se dissolve? Onde acaba a água e começa a terra? Aquelas velas vêm da barra ou do mistério?... Ao pé de mim dois homens arrastam uma chincha num barco estranho. Há-os com o costado por pintar, há-os todos negros, com o grande pescoço esguio do cisne, no momento em que volta a cabeça para trás, e com um toque de Vermelho no leme… É gente da Murtosa que habita esta bateira. De dia, em geral, dormem, à noite pescam. A ria dá enguia, pimpão, tainha, solha e robalito. Levam ali dentro uma panela para a caldeirada, um cesto com batatas, uma esteira para dormir no toldo que armam a proa, e um saco de malha metido na água, para a enguia e a tainha se conservarem vivas. Mais distante um velho e um rapaz armaram um saltadoiro, com a manhosa estendida ao lume de água e segura com espeques. Por largo lançam outra rede, o cerco, e o rapaz bate com uma vara no costado do barco. O peixe assusta-se, foge, depara com a sombra, forma o salto, faísca como um pingo de estanho, e cai dentro do curral, onde logo se emalha.

Coloquem estas figuras num fundo discreto, numa luz delicada, num ambiente indefinido… Aqui o drama é o da humidade. As névoas têm na ria uma vida extraordinária: cada gota possui uma alma distinta e irisa-se como uma bola de sabão. De forma que não só as figuras se harmonizam com os fundos, mas a todo o momento e à minha vista a paisagem húmida se transforma e muda de aspecto: afasta-se, prolonga-se, não tem fim nem realidade. Ao longe árvores violetas nascem na água, o horizonte ainda cinzento teima em fixar-se, mas espumas azuis já estremecem junto a reflexos verdes. Bois pastam na água, um barco navega no interior das terras… A ria é mágica e possui uma luz própria que a veste. Vem acolá uma vela vermelha que é uma nota inédita neste sonho diluído em água… É este o momento em que começa a aparecer o azul e que convém anotar. Dissolvem-se as névoas, mas deixam o ar carregado de humidade, deixam a luz reflectindo-se em milhares de gotas invisíveis, deixam a atmosfera impregnada de frescura e de vida. Esta passagem para o azul faz-se lentamente até o azul dominar de todo. Atenuam-se as neblinas e ficam ainda farrapos suspensos, derretidos nos agueiros, agarrados à terra e embrulhados nas ervas. Um grande lanço de água vem até mim em pequenas ondulações azuis e por camadas sucessivas, como estas manchas

que os pintores acumulam nos quadros com a ajuda da espátula. Junto ao barco a água reflecte um azul vivo e fresco como nunca vi. Longe azul desmaiado, perto azul como tinta. Vejo diante de mim a amplidão azul, num assombro. E todo este azul se põe a estremecer nos milhões de gotas extáticas de que se compõe a atmosfera e que se impregnam agora e ao mesmo tempo da mesma cor… Azul, azul, azul…

24 de Julho

HÁ três dias que ando metido na ria, com a barba por fazer, sujo como um ladrão de estrada, e fora de toda a realidade. Afigura-se-me que vivo num país estranho — amplidão, água e sonho. Pelo areal os palheiros da Costa Nova, de S. Jacinto e da Torreira… Que me importa! Estonteado, encharcado de azul, cheio de sol e de luz, esqueci o passado e esqueci o presente. A vida é navegar na ria, comer da caldeirada de enguia e tainha, que os homens cozinham à proa, aproveitando-lhes entre as tripas a marsola para lhe dar mais gosto. É dormir no barco, abicar aos areais e vogar sempre, sentindo a pancada das águas que fogem em tinta cobalto de um lado, em tinta cinzento do outro. É sair desta amplidão para a descoberta do charco, do canal, da gota de água, dos sítios escondidos e ignorados. É assistir à transformação das águas e navegar à vela ao pé das casas e no interior das casas.

Distingo um fundo muito roxo — o recorte dos montes. Aqui a ria, mais larga, aumenta ainda e divide-se, de um lado até Ovar, do outro até Salreu. É além, é além… Casinhas num reprego da encosta, onde apetece viver, perdidas no mundo e esquecidas do mundo. Mesmo à beira de água e reflectida na água, a Murtosa, aureolada de oiro: algumas casas brancas reluzindo, algumas árvores muito verdes em contraste e um canalzinho de abrigo para os barcos estranhos, com o leme estrambótico atravessado por um pau. Aconchego e sol. A fantástica esquadrilha desdobra-se na água que estremece, menos em certos veios que ficam lisos de propósito para reflectirem os mastros num sarrabiobisco até ao fundo.

Este lindo barco serve para tudo. Vai à pesca e carrega o sal e o moliço pelas terras dentro. É o meio ideal de transporte entre estas terras ribeirinhas. Substitui os animais de carga, as diligências nas

feiras e é o encanto da ria. Tem não sei quê de ave e de composição de teatro. Anima a paisagem. Às vezes usa uma vela latina, às vezes duas, a segunda colocada à proa e mais pequena. Navega à vela pelo interior das terras, e estou em dizer que é capaz de escorregar por cima das ervas. Por último chega a servir de casa: tem um cubículo onde se dorme perfeitamente agasalhado. Não conheço outro mais artístico, mais leve, mais adequado às funções que exerce e à paisagem que o circunda. Esta manhã a ria está cheia deles que a cruzam em todos os sentidos, rapando-lhe infatigavelmente o fundo tapetado de cabelos verdes. Amontoam-nos, metem-nos na terra ou secam-nos no areal para o Inverno. Todo o horizonte está cheio de velas. Saem da cinza e da noite, saem do sol e dos buracos alagadiços, do lodo e das nuvens. Um rapaz ao leme e dois homens em cada barco, com os grandes ancinhos seguros nas tamancas, vão rapando sempre, arrancando sempre à ria os seus cabelos finos, que só resistem enquanto verdes. Tira-se o ancinho cheio de fios a escorrer e mete-se o moliço na caverna. E o barco segue, levando à proa uma padiola com degraus para o descarregar e ao lado uma prancha que lhe serve de segundo leme. Mal tocam na água… Ao longe outros e outros ainda rapam, fazendo circuitos leves de andorinha. Rapam as mulheres da lavoura, rapam os homens de perna nua metidos na água até à cinta, e acolá anda um bando de cachopinhas a rapar, sempre a rapar, com as saias ensacadas…

4 horas da tarde

É neste ponto, depois da barra, que a ria desvanecida se imaterializa e atinge a perfeição suprema. S. Jacinto das Areias, pintado de vermelho e envernizado de novo, revê-se no espelho límpido das águas. Adiante há um pinheiral na duna, pequenino e já misterioso. À direita, em diferentes gradações de roxo, o vasto acampamento das salinas estende-se muito ao longe até à serra. Azul, azul vivo, azul que a luz trespassa e estremece, azul que não tem limites. Também a terra se prolonga e o amplo panorama se torna irreal. Aqui a matéria não existe. As terras alagadas têm tanta transparência como a ria. Distingo árvores, mas as árvores são traços de cor diluída e nascem na água; adiante riscos de uma

paliçada ou um pedaço de areia desvanecida… O que há é azul a jorros, uma vasta amplidão indistinta como num sonho, cheia de ar húmido e envolvida em luz carinhosa. As coisas são tão leves, que a luz as atravessa… Vogamos. Seis horas, sete horas… Era preciso anotar a todos os momentos a aparência dos seres e das coisas, que a cada minuto se transformam. O mesmo panorama toma novos aspectos de sonho translúcido à medida que a luz esmorece e o barco se desloca. Às oito horas estamos de novo perto da barra e o jorro que vem do mar parece lava fundida. O poente avermelha as areias e acende na água um rasto de estrelas. Ardem as janelas da Praia Nova e navego numa solução de sulfato com reflexos sanguíneos. Lá no fundo incendeiam-se os borrões violetas das nuvens. Outra vez a amplidão se modifica. A todos os instantes estremece e muda de cor, e a fantasmagoria aumenta com os espectros que saem da terra e dos boeiros. São neblinas em farrapos que ascendem dos fundos. A humidade alapardada entra de novo em cena e engendra nova vida. Reparo no céu… Como num quadro inverosímil de Turner as névoas esgarçadas embebem-se em reflexos vermelhos — cores delicadas de nácar, interiores de conchas, tons róseos bebidos pelas gotas de humidade. A ria é uma grande poça onde lady Macbeth lava sem cessar as mãos há séculos, mas é no céu que se representa a verdadeira tragédia: os tons violetas da agonia carregam-se e condensam-se; as nuvens ensopam-se de tinta mais escura e um grande véu lilás interpõe-se pouco e pouco entre mim e a paisagem. Todas as cambiantes vão reflectir-se nas águas onde bóia ainda o doirado do poente. Sinto que a tinta que envolve a paisagem morre a muito custo, e que toda esta humidade se quer fartar de luz, transformando-se como numa mágica em explosões e cores desgrenhadas pelos ares e em cenários irreais na terra cheia de mistério, até que um único risco de oiro ao cimo de água, oscila, serpenteia e acaba por desaparecer num último arabesco…

Já noite regresso num barco de cagaréus que vão à festa de S. Tomé, em Mira. Regresso deslumbrado. Tenho a alma a escorrer tintas estranhas. Estendo-me à popa farto de ilusão, farto de luz e entorpecido — entre um rancho de raparigas que cantam, e que de quando em quando erguem a saia, saltam à água desembaraçadas, de perna nua à mostra, e puxam o barco à sirga nos sequeiros…

OS SÍTIOS IGNORADOS

5 de Julho

MAS o que tem para mim um grande encanto são os sítios ignorados da ria, onde a água cismática encharca, embebida no céu e reflectindo meia dúzia de ervas e dois barcos encalhados. Água esquecida ou pedaço do céu translúcido?... Acolá um borrão azul empoçado diante de uma trincheira verde. E este azul entranha-se na terra baixa e empapada, infiltra-se no subsolo, reaparece em fios e charcos. É inesperado o imprevisto. Não se sabe onde vai ter. Estou na terra ou na água? é um lago ou um rego? Uma vela navega entre campos verdes. É um saleiro. Ao longe na vasta planície retalhada, correndo a par de um biombo de pinheiros, outro barco desliza sobre a erva tenra dos arrozais.

… Outro canal. Carros de bois. A planície imensa cortada, riscada, atravessada por fios de água que convergem para um canal mais largo. Há charcos verdes atufados de nenúfares em flor, gordos e espalmados ao lume de água, com um botão branco a abrir. Alguns tufos de árvores rasteiras desdobram-se na água negra e profunda. Mais poças e, no Inverno e nos dias baços e parados, os ramos finos das árvores desenhando-se fio a fio, à pena, na água adormecida. No ar adormecido e na água que não existe, porque tudo parece atmosfera.

São terras impregnadas de água em baixo e envolvidas carinhosamente pela atmosfera marítima. Um rasgão e avisto os montes de sal espalhados pelo campo farto. Nos milharais andam grupos de cachopas enterradas até ao joelho e os arrozais deslavados atiram para o céu as hastes com os pés metidos na água.

Um grande trecho líquido empoçado. Lodo emaranhado de valas e de regos. Silêncio e luz. Fios de terra encaixilhando a vasta superfície dividida em rectângulos, com renques de árvores baixinhas torturadas pela poda. Silêncio húmido. Água imóvel. O que eu queria dar só o podem fazer os pintores — os tons molhados, os reflexos verdes, o galopar das nuvens fugindo sobre a imensa superfície polida, e, por fim, ao cair da tarde a agonia dolorosa da luz. No céu não é a mesma coisa, no céu perde-se tudo num momento… Nestas poças os dourados entranham-se misturados à podridão dos verdes e levam muito tempo a esvair, agarrados à água numa aflição. Só aqui se compreende bem o que a luz lhe custa morrer…

Isto, a bem dizer, é um charco. Tenho-os à minha porta que reflectem o céu e se cobrem de limo verde, onde na Primavera se

passa exactamente o mesmo drama da cor. Apodrecem. Criam reflexos metálicos, verdes de rã, e resplendores ao pôr-do-sol. Não duram nada… A questão é de tamanho. Tudo aqui ganha com a amplidão e é a luz o grande pintor. É ela que nos ilude na atmosfera carregada de vapores invisíveis, que transformam a terra entremeada de pedaços de vidro, de mil espelhos vivos que a reflectem. Reparem… Acolá um homem à proa do barco esguio lança a fisga, a petarda, espetando no fundo areento a solha ou a enguia escondida na lama. É nada. Mas na figura escura, no gesto sóbrio não há uma linha que corrigir. A água polida estremece um instante. As linhas reflectidas quebram-se e enrugam-se, para logo voltarem à limpidez e a imobilidade — enquanto a figura elegante guarda ainda um momento a atitude e o gesto. É um nada — é um quadro onde a luz tem o papel principal.

8 de Julho

Ao lado do areal onde se finca a povoação de Mira, há um resto da ria de Aveiro, que teve aqui noutros tempos uma saída para o mar e que se chama ainda hoje a Barrinha. É uma gota de água pensativa a cinquenta passos do mar. Canaviais e areias… Mas a lagoazinha bebe a luz do céu e parece ainda mais melancólica e pacífica ao lado do grande oceano atormentado. Não sei se faz versos — sei que sonha e que a certas horas fica estonteada, a contemplar-se. Ao pé do mar, ninguém a ouve, mas talvez seja essa a poesia superior; talvez a poesia íntima e ignorada seja a mais bela e a única que Deus escuta.

Alimentam a Barrinha dois veios de água doce da Fervença, que fazem moer alguns moinhos primitivos. Quatro tábuas e o esguicho que sai de troncos de árvores cavados, tão velhos que se babam pelas fendas. Em volta, areia alagadiça que o pescador de Mira transforma em campos, à força de mexoalho e de sardinha. Todos trazem a sua terra aforada, e nesta época do ano as mulheres vêm da lavoura para casa guiando à vara o barquinho carregado de milho. Às vezes a embarcação leve e escura mete a borda na água azul e polida, cheia de abóboras amarelas, e uma passa por mim, onde ouro um choro que não cessa. Levanto a cabeça para ver. O vulto esbelto da mulher empurra o barco com a vara, de pé à popa,

num movimento compassado e fácil, e, num berço à proa, uma criança embrulhada nos panos chora pedindo de mamar.

É aqui que se pescam as melhores tainhas, luzidias, negras, de cabeça chata, de uma maneira original e que é talvez a maneira primitiva, anterior à linha, ao anzol e à rede. O barqueiro lança uma esteira ao lume de água e vai guiando devagarinho o barco. De repente, o peixe ao deparar com a sombra, assustado, salta, cai na esteira e debate-se até que o homem lhe deita a mão. Mais um momento… A tainha, atrás do pasto, procura a libelinha que voa ao lume de água — faísca ao sol, cai na esteira. Outro peixe para dentro do barco. Apanham-se também na barrinha magníficas enguias, que o Luís Milheirão, o grande homem da terra, transforma em saborosas caldeiradas.

1 de Agosto

ESTE velho braço, que liga a ria à Barrinha de Mira através da planície humedecida, poça aqui, poça acolá, adelgaçando-se até chegar ao fio, ou alargando-se até se transformar num charco, acaba enfim por desaguar no Arião. A planície, coberta de erva rasteira que as mulheres constantemente rapam para a curtirem nos estrumes, tem um grande encanto de amplidão deserta. As rãs escorregadias saltam sob os pés, e as noites, cheias de estrelas, parecem maiores e mais profundas. Meto-me num barco. Deixo-o deslizar ao sabor de água, de mansinho, entre canaviais que irrompem do tapete gordo de chapotas, de um lado doiradas pelo sol, do outro mais verdes ao sopé das canas. Encolho os braços para poder passar. Silêncio. Um fio de céu em cima, um fio de água em baixo, correndo sobre a areia que reluz. Ao longe, à superfície, grandes manchas de sol movediças. Às vezes um canalzinho ao lado para a rega, cheio de folhas espalmadas sobrepostas, camada sobre camada, e um nada de humidade que empoçou. Um passadiço de madeira, duas tábuas atiradas de lado a lado, destas coisas rústicas, que, pela simplicidade primitiva, têm o encanto dum quadrinho. Às vezes um pedaço mais sombrio, quando as canas são maiores e mais espessas: água verde por baixo e um céu de folhas esguias. Às vezes um espaço aberto onde o sol bate em cheio. De um lado e de outro o areal cultivado. A cinquenta passos o mar. E aqui ao pé de mim, à

tona de água, mil reflexos — luz bebida — luz esquecida — luz parada. E o barco desliza sempre ao sabor de água. Se a vida corresse sempre assim, para o mar eterno, neste sítio ignorado onde nem canta uma ave!...

5 horas da tarde

AGORA o barco encalhou e a água está dourada até onde a vista alcança. Deixo-me ficar, olhando para o fundo da areia. A meu lado há um verde que nenhuma paleta pode dar, um verde vivo, um verde trespassado da luz que se coa pelos canaviais e todo se arripia à superfície do veio, ao mexer das quatro tábuas do barco, para enfim parar absorto no silêncio. Bóia aqui nestas águas uma alma entontecida, humilde e tímida, tão ténue que pode desaparecer num sopro de um momento para o outro. Existe, mas não sabe bem que existe. É quase nada. Um fio de oiro, silêncio, um reflexo de luz… Andem devagarinho com o barco — não vamos nós assustá-la.

PALHEIROS DE MIRA

A PESCA

Julho de 1922

EM todo o vasto areal que se estende de Espinho ao cabo Mondego, a pesca é de arrasto e a grande abundância de sardinha, grande, média e pequena ou, por outra, vareirinha, como lhe chamam no interior das terras. O areal e o mar ensinam e exigem a pesca colectiva — um grande barco, uma grande rede e uma forte companha. A saída é perigosa, e de um momento para o outro, a onda cresce e o barco não pode abicar. Daí as enormes embarcações, as redes, as cordas e os bois para as puxar. Para o sul, até Pedrogos, em Lavos, em Buarcos, a pesca é também costeira e de arrasto. Depois, o pescador muda de barco e de processos.

Durante a safra, que dura oito meses, de Abril ao Natal, leva-se o peixe em cargas pelas estradas da região, a dorso de cavalgadura — a sardinha que sabe a lombo de burro dizem que é a melhor — ou em pequenos carros de bois que o carreiro guia pela fala, sem se servir da aguilhada: — Vamos lá… Então… Eixe… — E o boizinho paciente lá retoma o trilho à voz conhecida e amiga que o guia e encaminha. Sai para a Bairrada, para a Anadia, para os hotéis do Buçaco e para as terras longínquas. A todo o momento se encontra um macho, com dois seirões em em perfeito equilíbrio e ao lado o homem tisnado e seco, ou a mulher de chapéu redondo e chalé, correndo pelo areal e pela estrada, com a saia ensacada até ao joelho.

15 de Julho

DE Cantanhede a Mira são quatro horas de caminho. Pinheiros, sempre pinheiros, e um cantar desabalado de cigarras como nunca ouvi na minha vida. Depois, num carro de bois, a travessia do areal, sob a reverberação do sol, e por fim Mira, terra de pescadores, palheiros de madeira estacados na ondulação da duna, que sobe como uma vaga até ao alto. De um lado uma poça, do outro, lá no fundo, o mar levantando a areia com o bater compassado e eterno. Atravesso o charco por um pontilhão. Subo uma rua. Escurece. Palheiros, tábuas podres, estábulos de cavalgaduras e armazéns de salga. Mulheres, crianças, porcos. Subo sempre entre barracas velhas, algumas com os pés metidos na água; outras, lá em cima, derreadas e cambadas, defendendo-se da areia que as subverte com paliçadas de pinheiro. Sombras, confusão de ruelas fedorentas e escuras, falatório nas tabernas. Restos de peixe por toda a parte e de ceirões velhos que apodrecem, entre a vida que poluía e ao ar do mar que vem do largo e tudo varre e purifica. Com a noite a confusão redobra: a terra parece maior e mais escura. Continuo a subir e lá no alto descubro enfim o mar, mais palheiros esparsos no esplêndido areal e alguns barcos estranhos e arcaicos, que erguem até ao céu as proas e as popas desmedidas.

Tudo isto foi um areal e um charco. O charco secou, reduzido à Barrinha; o areal, que vem do norte até onde a vista alcança, estaca no traço lilás do cabo Mondego. Só três cores dominam na amplidão do mar e na extensão da areia, — o azul, o verde e o oca. É muito grande e muito simples.

Manhã. Primeira ida ao mar das quatro e quarenta e cinco minutos. Um serouqueiro do sul que envolveu de bruma a noite acaba de desaparecer. Mas da névoa ficou névoa misturando-se ao azul e a frescura que dilata os pulmões e inebria. Um rapaz, no alto da duna, sopra o búzio com as bochechas cheias, chamando a companha para a pesca. O barco está pronto. Uma esteira de varas, duas juntas de bois para o puxar, homens nus metidos na água e agarrados às cordas, e a onda que salpica e os alaga. Entra para dentro a companha. Refervem as ondas que o sacodem lá no alto… Os fortes rapagões agarram-se aos quatro remos, a proa alvora… É este o momento angustioso, enquanto se não safam da cova do mar.

— Eh arrais, carago, a maré é agora! — diz o João Custódio, revezeiro.

O arrais segura a corda, que é o único leme deste barco. Tudo

consiste em saber «ferrar a volta na ré» para o livrar do vagalhão — tudo consiste em destreza e pulso, senão o barco sacudido enche-se de água e vira. Dois homens, os caladores, ajudam-no a soltar o extenso cabo enrolado à popa, que nunca mais larga da mão. Num instante se livra da onda que quebra, mas a manobra é complicada. O barco tem quatro remos nos quatro bancos: o do castelo da proa, o do remo da proa, o do remo da ré e o do castelo da ré. A cada um destes pesadíssimos remos se agarram quatro homens de pé nas estorveiras, que ficam nos intervalos dos bancos, seis sentados e ainda outros, os camboeiros, puxando os cambões — todos ao mesmo tempo, todos com o mesmo ritmo. O revezeiro, que ordena a saída para o mar, manda também em cada remo. Na parte mais delgada remam os caneiros, que trilham o remo e fazem a voga, ajudados pelos segundos.

O barco vai largando o grosso cabo com nós, que se chamam balizas, até ao momento em que o arrais sente o peixe mais a terra, a aguagem, pela mudança da cor, ou distingue o alcatraz que nas águas luzias cai a pique sobre a manta da sardinha. Outras vezes é a fervença ou gorgulhido que lhe indica onde está o peixe — pequenas bolhas do ar que ascendem à superfície — ou mesmo a ardentia com que os grandes bancos de sardinha iluminam o mar. Então o arrais de pé dá o sinal dizendo: — Em nome do Santíssimo Sacramento, saco ao mar! — Toda a companha se descobre. Larga-se a cuada de malha mais miúda, a manga, peça mais grossa, e por fim o cabo, que se desenrola até à terra.

Voltam e o momento dramático repete-se. O barco vem no alto da ressaca. — Larga! larga! — Os homens remam cantando. Inunda-os um jorro mais impetuoso. Agora, é o arrais que na pancada do mar traz a corda na mão guiando o barco. Um vagalhão de espuma vai despedaçá-lo e arrasta-o num último impulso pelo areal acima. Dois rapazes, metidos na água, enfiam logo nas argolas do costado duas ganchorras de ferro. Salpicos. Alarido. A companha salta em terra, jungem-se os bois às cordas, lança-se o estrado de varais pela areia; sobre os varais, roletes; e puxado pelos bois e pelos homens o barco enorme sobe, de proa voltada ao mar, e pronto para nova arremetida.

O espraiado imenso… A areia de oiro sem fim, desmaiada pouco e pouco e envolta no fundo em pó das ondas — o mar infinito, verde escuro, verde claro, rolos sobre rolos, e por fim, num côncavo

junto ao cabo, desfazendo-se em espuma e brancura. Ao norte névoa leitosa e viva, que sobe ao ar como um grande clarão branco. Água sem limites — céu sem limites — areia sem limites — e a voz imensa, o lamento eterno, dia e noite, mais baixo, mais alto, mas que nunca cessa de pregar…

Tenho diante de mim o fulvo areal, a agitação do mar até onde a vista alcança e a agitação humana num quadro mais restrito. São quatro companhas e cada companha tem noventa e seis partes, entre homens que vão ao mar, homens da terra e mulherio para os cestos. Junta-se mais gente que acode à venda, regatões e almocreves, mulheres de saia arregaçada, chapéu e chalé, com as chalavaras e os baldes à cabeça. E este movimento repete-se e redobra, a medida que os barcos entram e saem, porque fazem três e quatro lanços cada dia. Aumenta a labuta com o lavar das redes no mar, com a sua condução pelo areal, suspensas em bambinelas, às costas de cinquenta raparigas, em cordão e aos pares, com um carro de bois à frente que traz o saco encharcado. E sempre, num vaivém, sobem e descem a rampa de areia as juntas de bois, seis por corda, que vão puxando os intermináveis cabos durante quatro longas horas, até o saco chegar a terra. Gritos. Homens passam a correr, conduzindo cordas atravessadas num espeque.

São três horas da tarde. No mar grandes chapadas de prata na esteira do sol, que no areal reverbera e ofusca. Julho. Nortada rija enchendo a boca de areia e de salpicos de espuma amarga. Doirado e verde. O quadro é tão largo que se perdem as minúcias: concentro-me neste pedaço de areia de uns poucos de quilómetros afogado em luz e agitado de vida, no azul do céu e na onda que enconcha e estoira, repercutindo-se em som e espalhando-se em pó esverdeado. Reverberação de sol, poeira de água luminosa que vibra e estremece. Alarido de mulheres que saem aos cardumes dos palheiros. Içam-se os pendões, chamando mais gente para o peixe. Grupos, cordões humanos, gente das aldeias que acode à *catraia.* Um barco sai no alto da onda, outro regressa. — É agora! é agora! — E os bois ajoelham sob o peso. Outros, mais longe, vagarosamente vão puxando sempre a grande rede para a terra, agarrados às balizas pelas cordas. Sobem ao alto do areal, tornam ao fundo, descem ao mar, entram no mar… Um rapaz agita o barrete, e outro, ao longe, responde ao sinal regulando o andamento dos bois: — Arriba! Arriba!

No alto o azul, no fundo o mar que desmaia e se dissolve em oiro no horizonte. A brasa do sol ao mergulhar vai fazer explosão. Não há uma nuvem no céu; temos hoje o raio verde com certeza. No areal os eternos rolos brancos espraiam-se e sucedem-se da Costa Nova ao cabo Mondego. Já se vêem ao lume de água as primeiras bóias da rede, os arinques, e a faina não cessa pela areia fora. Grupos enovelam-se. Muito longe, os bois puxam outras redes. Uma junta foge e aumenta a confusão. Lá em cima, no dorso do monte doirado, os carpinteiros de machado remendam dois esqueletos de barcaças… Vêem-se agora as pandas: juntam-se os cabos e a boca da rede cada vez se aperta mais. A vida atinge o auge. — Arriba! arriba! — Todos deitam as mãos às cordas. Corre o mulherio. Rapazes quase nus metem-se à espuma e agarram a rede. Os bois espicaçados parecem compreender que o momento é decisivo: — Eixe! eixe! — E lá em cima retesam os músculos no último esforço. Depois largam o cabo, correm ao fundo, entram na água, que esguicha, guiados pelas cachopas de aguilhada no ar e salpicados de espuma. Aí vêm os outros: desligam-nos e tornam logo arriba. Mais depressa! Mais depressa sempre! A onda enconcha, com um friso refervendo-lhe na crista a desabar — e bois, cachopas, homens quase nus, agarram o saco, inundados de espuma que os envolve! O último esforço… Dois rapazes saltam na água e apertam a boca do saco com uma corda para o peixe não fugir. — Eh! eh! — Mais gritos. O mar, cada vez mais impetuoso, rebenta sobre o areal, rolo atrás de rolo, e os homens e os bois saem a correr do vagalhão de espuma… Foi diante de um quadro assim que Ferdinand Denis exclamou assombrado:

— Que estranho país é este onde os bois vão lavrar o próprio oceano?!... As mulheres e os almocreves excitados deitam a mão à rede e o saco sai da água, a rasto pela areia entre laivos verdes que escorrem…

Já o sol desapareceu e não vi o raio verde. Só reparei nas atitudes para um escultor fixar, nos movimentos admiráveis de presteza e vida, nas grandes linhas gerais. A cuada está em soco, escorrendo babas de um verde náufrago. Iça-se um pandão num mastro — cortiça, farrapo ou cesto, e as mulheres acodem lá de cima à chamada, de gigo à cabeça. Um último berro ecoa: — é o saco que vem cheio… — Viva! viva! — Uma mulher desdentada grita ao pé de mim: — Viva o homem e morra o peixe! — E dois velhotes

desatam a dançar.

O movimento mais apaixonado da pesca é sempre o alar das redes, que em Mira se faz na areia — largo quadro para pintores que dessem em pochade o movimento, a cor e a luz.

O grande saco negro estremece de vida cheio de estalidos. Rodeiam-no as mulheres com os cabazes no chão. Um homem de navalha em punho abre-o a todo o comprimento e aquela prata remexe e ferve: carapau e lavadinha, mais escura, debatem-se misturados, com reflexos de oiro e fogo nas escamas. Saltam-lhe em cima homens de tanga e tiram-no para fora com o redenho. Separam o mexoalho e coisas gelatinosas (medusas) de um azul da Prússia carregado e de um verde suspeito e transparente. Aparta-se o peixe da renda, o linguado, a tainha e a raveta; o negrão, parecido com a tainha, mas que se distingue por uma pinta doirada na cabeça, e porque dá só um salto fora da água quando a tainha chega a sete; a faneca, de um verde transparente; a esplêndida corvina, de um azul metálico na cabeça e com reflexos de oiro pelo lombo; a listrada sarda; a azevia, mais chata e mais larga que o linguado; a lacraia, pequeno peixe, com dois espinhos acerados, um na guelra outro no dorso, que enervam e adormecem a mão e o braço que se picam; os chocos e as lulas, fios verdes emaranhados saindo de dentro de um saco e com dois olhos embaciados e fixos de fantasmas. E as mulheres despejam nos gigos os montões de sardinha ou de chicharro grande, que se chama charréu, e é de um tom baço de prata antiga. O rapazio ágil, por entre as filas de mulheres, mete a mão e rouba dois carapaus, uma chavelha, seis sardinhas — o que pode.

Faz-se a praça. Os gigos estão em linha. — Trinta mil réis! quarenta mil réis! — Outro barco abica ao longe. Vai repetir-se o quadro. Mulheres lavam os gigos. Grande algazarra lá no fundo. Foi um saco que rebentou ao chegar à terra. O peixe foge e todos acodem à *catraia.* Homens, mulheres, velhos e cachopas saltam ao mar e empurram-se, caem na água, gritam, barafustam. O peixe é de quem mais apanha. Com as chalavaras ou à unha, metem os braços na água, num coro de gritos e de risos, quando a onda vem, desaba e os inunda entre a apupada, deixando-os encharcados e felizes…

Anoitece. Volto-me e quase grito de aflição. A lua cheia e enorme, toda branca, surge sobre o areal avermelhado, e já no mar começa a

desenrolar-se o grande mistério da noite…

Lá no fundo ficou numa poça de água represada, onde a luz se demora. Para além — e sempre! sempre! — a grande toalha de espuma, espraiando-se e sumindo-se na areia molhada mais escura, onde fios de luar vão reluzindo. Névoa — quase nada. O grande areal indeciso desmaia. Ao sul o cabo escurece… Amplidão embaciada, frescura e mar, onde apetece a gente mergulhar, entranhar-se, morrer e dissolver-se…

O BARCO

VAI cair a tarde. O azul desmaia sobre o areal doirado. Mais pó esbranquiçado lá ao fundo para o norte — névoa ou luz que nasce, não sei bem; para o sul o morro transparente que entra pelo mar… Três grandes barcos decorativos estão num grupo, de proa à água, que a toda a hora esmorece. Somem-se as casas denegridas, a agitação e os homens; só o barco se me afigura cada vez maior, sobre a vaga imensa do areal, sob o resplendor imaculado do sol, enchendo o céu e a terra com as suas grandes linhas decorativas. A primeira vista parece uma coisa teatral, prestes a desconjuntar-se, só cenário e mais nada, com quatro patas desajeitadas de bicho, sem o alicerce da quilha a sustentá-lo, impróprio para o mar e para a terra — obra de lavradores que resolveram um dia ir à sardinha. Os quatro remos pesadíssimos, com uma parte mais grossa e reforçada, que se chama cágado, são coevos do alfange, e estes bicos aguçados, que tão bem ficam no areal e no céu, não têm solidez nenhuma. Na realidade um barco destes, que parece inútil, é um produto de engenho secular. Como não há porto nem abrigo e a embarcação tem de passar logo do areal para a onda que escachoa, atravessando a arrebentação para sair ao largo ou para regressar a terra, era necessário oferecer a onda a menor resistência e saltar-lhe no dorso: — por isso ergueu a proa. E como a dança das ondas se sucede durante alguns minutos, era forçoso também que, mal assentasse na água, lhe andasse ao de cima: — e a popa fugiu-lhe para o céu. O barco tem exactamente o feitio côncavo do espaço que vai de vaga a vaga, com um pouco de espuma figurada nas duas extremidades.

Estas grandes embarcações constroem-se na Lagoa, onde só

carpinteiros especiais lhe sabem dar o estaleiro necessário, e vêm em carros de bois puxados por doze juntas até à Barrinha. São levantadas à proa, castelo da proa e aguçadas até à ponta, bica; e levantadas à ré com a sua bica na extremidade. No castelo da proa têm duas *mãozinhas* salientes para as ligar à terra por uma corda chamada rangedeira, não as deixando descair quando o vento as impele e elas esguelham, e quatro escalamões de ferro onde entram os buracos dos quatro grandes remos.

Hoje só há em Mira quatro companhas, com os seguintes arrais: Manuel Maria Patrão, Manuel Fé, Manuel Mirão e Gabriel Janeiro; mas já houve onze, comandadas por José Patrão, Manuel Cera, Arraisinho, Tito Marrete, etc, todos mortos.

OS PESCADORES

TUDO aqui é pobre e humilde mas não grosseiro. Os homens trigueiros, secos e fortes e as mulheres bem lançadas. Mesmo as feias têm um ar de distinção. A família é sagrada. O contacto com a terra obriga o homem a olhar para o chão, o convívio com o mar obriga-o a levantar a cabeça. Quando saem do barco e o encalham os pescadores não fazem mais nada — deitam-se na areia. O resto compete à mulher: é ela que lava as redes e o peixe, que o salga e carrega e que faz a lavoura da Barrinha. A sorte destas famílias numerosas melhorou muito desde que a câmara lhes aforou terrenos no areal para cultivo. São as mulheres também que, depois da sardinha disputada a lanço, a levam à cabeça para a casa da salga, grandes barracões de madeira com manjedouras encostadas às paredes para as bestas e um depósito de sal branco de Aveiro. É ali que o almocreve a salpica em fresco antes de se meter a caminho, ou as mulheres a lavam em água insossa. Só em Mira há vinte desses barracões, onde, quando é muita, ou não tem comprador, a metem em lagares de madeira e em dornas, ficando de salmoura até chegar o Inverno — quando o homem esfaimado a estende num pedaço de pão sabendo-lhe a mais…

Como vive esta gente? Vive com simplicidade nos palheiros, casa ideal para pescadores ou para um velho filósofo como eu. É construída sobre espeques na areia, com tábuas de pinho e um forro por dentro aplainado. Duram tanto ou mais que a vida, cheiram que

consolam, quando novas, a resina, a árvore descascada e a monte; ressoam como um velho búzio e são leves, agasalhadas, transparentes. Por fora escurecem logo, e envelhecendo caem para o lado ou para a frente; por dentro conservam uma frescura extraordinária, e quando se abre uma janela, abre-se para o infinito. No chão dois tijolos para o lume, em esteiras alguns peixes a secar. Do Natal até Maio não há pesca: vão cavar para o Alentejo ou para mais longe, e as mulheres ficam em casa com os filhos. Além da jorna, que regula de quatro mil réis a dois mil e quinhentos por dia, todos têm o seu quinhão nos dias de fartura — alguns punhados de sardinha ou de chicharros. Felizes ou infelizes? Não sei bem. Apesar de abandonados pelo Estado, que os rouba, cobrando-lhes de fisco uma exorbitância, quatrocentos contos ano passado e quase o dobro este ano, não lhes dando em troca uma maternidade, uma pequena biblioteca que os instrua, um médico, uma botica, uma estrada; apesar de abandonados pelos homens, sem organização nem instrução, sem um padre que lhes fale em Deus ou nas coisas eternas (a capelinha de madeira está fechada) — esta gente é tão fundamentalmente boa que há cinquenta anos para cá, não consta de um roubo, de um crime ou de um delito. Pode-se dormir com a porta aberta. Eu nunca fechei a minha. Quando chegam a velhos e não podem trabalhar, como não há um simulacro de cooperativa, e a lei do seguro os não abrange, lá se socorrem uns aos outros como podem. A miséria é quase desconhecida neste pequeno povo de mais de duzentos fogos e de cerca de mil habitantes. Mira, punhado de casebres a apodrecer — é um mundo. A vida aqui não é uma mentira. E todos os dias a arriscam, porque quase todos os dias ouço as mulheres implorando Deus, quando o barco vai ao mar e se enche de água. E também não é uma exploração — esta vida pobre e humilde, sob a abóbada do céu, no grande areal deserto, com Deus e o mar.

Até aos últimos anos ninguém enriqueceu em Mira com a pesca. A pesca é como o jogo, uma questão de sorte, e as despesas muito grandes com os barcos, os armazéns e as companhas. Já disse que cada companha emprega noventa e seis partes e doze juntas de bois, que ganham cada uma catorze mil réis por dia. A companha despende por ano cento e cinquenta contos e até há pouco só constava de um *proprietário* que tivesse lucrado com o negócio, o Figueiredo, que passa por forreta. Os outros empobreceram, e ainda

hoje se fala no Carradas, grande lavrador, que se meteu a *proprietário* e acabou a pedir. Mas agora, com os preços excessivos do peixe, tudo mudou de figura. Já o ano passado se ganhou muito dinheiro, quando o cabaz de sardinha dava vinte mil réis. Que fará este ano, que regula entre cinquenta e sessenta? Há lanços de cinco contos, e já se diz que alguns se sentam em libras sobre os buracos que abrem na areia para as esconder. As casas de salga fazem também um grande negócio. Enriquece o almocreve, o patrão e o negociante; só o pescador continua pobre e despreocupado. O mar nunca acaba e o mar é deles…

Donde veio esta gente para o areal? É a mesma raça prolífica da beira-mar, que nos enobrece e que eu conheço da Afurada até Leiria, os homens graves e serenos diante do perigo, e as mulheres trabalhadeiras, sempre de chapelinho redondo e chalé. Levantam-se de chapéu, trabalham de chapéu, deitam-se de chapéu e cuido que dormem com ele na cabeça. Nunca deixam a beira-mar, como se a respiração do mar lhes fosse indispensável à vida e foram-se estendendo sempre pela costa até ao Algarve, onde fundaram uma colónia em Olhão.

Estes, de Mira, vieram das proximidades, de Mira vila, de Porto Mor, etc. Ainda há memória de só existirem aqui meia dúzia de palheiros — o do tio Soldado, o do tio Domingos Rabita e poucos mais. Na época da pesca acode gente do Seixo, Cabeça e outras povoações dos arredores.

Além dos barcos grandes, usa-se em Mira a robaleira e a manhosa, todos do mesmo feitio mas mais pequenos. A robaleira leva rede de arrasto e doze homens de companha, e a manhosa, seis homens e rede de emalhe, com três panos, os exteriores, albitanos, um de cada lado do pano de dentro. A robaleira vai também ligada à terra por um cabo, mas a manhosa não leva cabo. É para a tainha. Cerca-se e bate-se.

Há cinquenta anos que não lembra que morresse aqui ninguém de desastre no mar. Às vezes a onda vira o barco, envolve os homens e deixa-os sem sentidos. Quando os tiram por mortos, para fora do mar, metem-nos no sal como as sardinhas, «para lhes apertar os ossos». É grande remédio, dizem. Ano passado, houve um que, depois de estar no sal quarenta e oito horas, ainda tornou a si…

MULHERES

Foz do Douro. Esta velha crestada pela desgraça e pelo tempo, com sulcos de velhice e de lágrimas na cara, é que os impele para o mar. E o mar tem-lhos levado todos. Dobra-se-lhe o corpo exausto, rodilha gasta pela vida. Mas quando o Inverno chega e a fome aperta, é ela que os injuria:

— Má raios partam o mar! Então quereis morrer à fome e os mininos?

Se os batéis estão em perigo, corre a costa, açoutada pelo vento, bebendo as lágrimas e o cuspo do mar, e contendo o coração em farrapos, com as mãos negras apertadas sobre a tábua rasa do peito.

— Quem lhe falta, tiazinha?

— O meu filho, o meu neto. Já o maldito me levou o pai, leva-me agora os filhos!

Andou toda a vida de luto. Viu-os despedaçados nas pedras, e deitou toda a ternura que tinha para deitar. Mas incita-os, pragueja, empurra-os, para que não haja fome em casa. Só o mar dá o sustento e a morte. Há mais de um mês que dura o Inverno.

— Má raios partam o mar!

E corre com as redes à cabeça, a cesta no braço, e os soluços represados na garganta, levando o neto atrás de si a rasto para o barco.

— Tenho chorado tantas lágrimas como aquele mar salgado!...

Ao escurecer, na Cantareira, passam da fonte as raparigas, com o cântaro à cabeça e as mãos na cinta. É a hora do namoro. Param a conversar com os rapazes, que as esperam nos varais. Em Mira é à clara luz do sol: elas sentadas, eles deitados de bruços, atiram-se de quando em quando punhados de areia. Em Matosinhos, os pares vão de mãos dadas pelo areal fora, enquanto a velha cautelosa espreita à porta e ralha:

— Olha lá se perdes a cortiça da marca, rapariga.

— Não há-de ter dúvida… — E sorri envergonhada.

— Vai com ele para a praia e depois põe-te a barregar: Ó tio, ó

tio, deite pra cá o batel.

Há muitos traços que só descortino em sonho: uma velha com a boca desdentada sempre a rir-se para mim quando eu passava. Esqueci a figura, e a fisionomia varreu-se-me de todo — mas a boca, só com um dente a escorrer ternura, levo-a comigo para a cova. Outros pequenos quadros me recordam. Nadas. Ranchos de raparigas que andam na maré à gravalha, de perna fina, curvadas e puxando para si restos de lenha. Os tipos mais grosseiros das moças ruivas e sardentas, molhadas, trespassadas de sol e de salitre, que correm as estradas de Matosinhos, como as de calcanhar rachado que pisam os caminhos de Esposende e as ruas de Gontinhães, cheirando a peixe, a alga e a sargaço, com a canastra à cabeça e a perna nua à mostra. E entre todas elas, uma de pele doirada, com um pique a maresia, que dava um instantâneo: esvoaçavam-lhe os cabelos loiros, e o riso aflorava-lhe à boca sem querer, como se toda ela fosse riso: — Viva da costa!

A sanjoaneira calca todo o dia a estrada ribeirinha, a vender peixe ou a fazer carretos. Às vezes trazem os pequenos ao colo. A Papeira é mãe e avó de homens louros, grandes como torres, dispersos pelo Brasil e pelo mar, e ainda ganha para comer com a canastra. A Joaquina das Coxas não sei dela… A sanjoaneira traz a casa lavada, e melhor do que lavada, trá-la asseada. É o hábito antigo, do navio. E esperta. Governa o homem e dirige o negócio. Vende, apregoa e remenda. Não se deixa dominar pela desgraça. Conserva as redes lavadas e encasca-as. Trabalham tanto e mais que os pescadores. Conheci muitas que, ficando com os filhos por criar, aguentaram a família numerosa, vendendo peixe nas estradas.

Sento-me nos degraus da minha velha casa e sei a vida toda desta gente. Ali defronte são os tanques, onde vinte, trinta mulheres de saias arregaçadas lavam a roupa suja. Gritos, rixas, alarido. Um momento de silêncio e ouve-se o bater compassado da maré que vai, vem e lhes molha as pernas nuas. Pegada à minha casa fica a do Moutinho — viela escura, trapos, peixe e dez famílias numerosas. E do outro lado a fonte de granito, para onde passam as raparigas com as mãos na cinta e o cântaro de barro equilibrado à cabeça sobre a rodilha.

Sei tudo. A vida vem para a rua a cada passo. Gritos de mulheres, descomposturas… E depois de se atirarem os podres à cara umas das outras, acabam por se engalfinhar pelos cabelos, enquanto o

rapazio forma roda e as açula. Separam-nas. E desgrenhadas, excitadas, é o momento em que dizem os últimos palavrões… — Saibam todos… — Sejam muito boas testemunhas… — Acodem as do tanque e as da fonte. A vida é ali exposta. Mais gritos. Enrodilham-se atirando os braços ao ar. Ninguém se entende já. Vai haver mortes com certeza — e cada uma parte para seu lado, com os filhos agarrados às saias. Daí a bocado começam a passar as amigas, para casa duma e doutra, com a caneca de café debaixo do avental…

Outra vez reboliço — agora é na fonte.

Balbúrdia. Algumas são desbocadas, e aquela no auge da fúria curva-se o bate palmadas em certo sítio, sobre as saias — quando não faz pior e o mostra… Então o barulho ensurdece. — Bateste no meu filho, grande porca! — Arrolada ! — diz a outra. Arrolada é a pior de todas as injúrias… Dois cântaros partidos nas cabeças. A água inunda-as e refresca-as. E tudo volta ao silêncio. Só se ouve cantar nos tanques e o bater compassado da onda no cais. Aí tornam a passar as raparigas, com o cântaro à cabeça, a mão na cinta, e um fio húmido a escorrer-lhes pela cara, apesar da cortiça que usam à superfície da água, para não se espalhar o líquido…

A Afurada fica da outra banda do Douro, casas apinhadas em duas ou três ruas cheirando mal. Tripas de peixe pelo chão e uma vida que formiga nas tabernas, nos buracos e nas crianças que se enrodilham nas pernas de quem passa. O tipo é o de Ílhavo, de Ovar ou da Murtosa, não sei bem, que fundou uma colónia neste recanto do Douro. O homem percorre incessantemente o rio ou o mar rapando-o, até ao fundo, do mexoalho com que se adubam as terras, da solha nas areias, da faneca ou da sardinha na boca da barra, e do sável quando ele vem à desova. As mulheres, altas, airosas e trigueiras, trabalham como mouras. Tenho-as visto lançar as redes e remar naqueles lindos barcos feitos com duas cascas de tábua, bateiras ou saveiras, com que os homens atravessam a terrível barra do Douro, morrendo muitas vezes, volteados pelas ondas, quando regressam com a borda metida na água. Mulheres que têm filhos às ninhadas e que nem por isso deixam de correr as ruas da cidade, com a canastra à cabeça e o pé descalço, o pregão na boca, e o mais novo ao colo ou deitado no fundo do cesto com um resto das sardinhas à mistura. Andam léguas, são infatigáveis e já as vi lançar sozinhas as redes do sável, puxá-las para a terra e dividir o quinhão.

A de Mira, feia mas esbelta, tem um ar grave e senhoril quase sempre. Lava as redes, puxa aos cabos, carrega os gigos, cozinha no lar enfurnado com dois tijolos no chão, e faz a lavoura — «o prazo». Em resumo, a mulher trabalha mais do que o homem — trabalha o dobro do homem. Não sai de Mira, não vende o peixe, mas anda empregada na companha, por conta do *proprietário,* ou na salga, por conta do almocreve. No interior de tábuas possui um cântaro, dois potes, alguns farrapos nas paredes e uma enxerga sobre os bancos. Vejo-as aos grupos, à espera que saia a rede ou à roda do um fogaréu onde assam as batatas. Vejo-as, num carreiro de formigas, subindo e descendo o areal, altas e direitas, do hábito de carregar o gigo à cabeça, ou à volta do saco, haste bem lançada para o céu, sempre vestidas de escuro e o lindo chapelinho sobre o lenço. A Florinda Rabita senta-se ao pé de mim e conta-me a sua vida de desgraça. Traz um pequeno ao colo com o olhar inexprimível das crianças que sofrem, e mais dois se chegam para ela. Sem espalhafatos, com uma dor contida o um ar modesto, fala do homem morto e de três filhos para sustentar com alguns tostões por dia. Deita sangue pela boca e todo o dia, empregada na companha, percorre o areal, para baixo e para cima. Aguenta-se como pode. É um tipo dorido, destes que vivem e morrem com dignidade, sem ninguém lhes ouvir uma queixa. De quando em quando vem-me à ideia esta figura de doente, com os três filhos agarrados às saias, a carregar até ao fim, até cuspir o último farrapo de pulmão.

Quando passei na Gafanha, vi as cachopas da beira-rio, todas molhadas, sempre metidas na água a rapar o moliço. Feias e ingénuas. A uma calculei-lhe: — Tem para aí treze ou catorze anos. — Tenho vinte e um, e três filhos, respondeu. — Outra tinha ficado a olhar para mim com olhos inocentes de bicho e as mãos postas sobre os seios redondinhos — sobre aquilo, como diz a tia Ana, que o Senhor lhe deu e ela precisa…

A ti Ana Arneira, com cuja amizade me honro, é um dos meus melhores conhecimentos da Gafanha. Mulher capazona, como por lá se diz. Acompanha-me pelo areal, e conta-me logo à primeira a sua vida. Tipo atarracado e forte, de grossos quadris, vestida de escuro, chapéu na cabeça e aguilhada em punho. O homem foi para o Brasil há muitos anos (— É o rei dos homes!… —), ficou ela e os filhos por criar. Criou-os todos. Netos, doenças, lutos. Nunca desanimou. A

força que a sustenta é admirável, profunda e radicada, como a de quase todas as mulheres do povo que conheço. Deitou-se à vida— lavrou os campos. Vieram mais aflições e outras mortes.

— Então de que lhe morreram os filhos?

— Sei lá, a morte não se quer culpada. Era preciso sustentar a família. Pegou nos bois e no carrinho e começou a transportar sal da Gafanha para Mira. Fez mais: antigamente no Arião também havia companhas, e quando faltava um pescador a ti Ana agarrava-se ao remo como um homem e ia ao mar no barco. — Nem do diabo tenho medo. Só tenho medo aos cães loucos. — A extensa planície que atravessa, duas, três vezes por dia, é um deserto. A ti Ana vai e vem de noite, sozinha, com os bois que lhe fazem companhia. Agora tem um campo, barcos para o moliço, novos netos para criar — e olha cara a cara o destino sem esmorecer. A sua vida é uma grande lição de energia.

A mulher da Murtosa, dizem os entendidos, não se confunde com a de Ílhavo e de Ovar: é baixa e atarracada, e a de Ovar delicada e forte, alta e bem proporcionada, cheia de predicados domésticos e morais. As de Ílhavo passam por as mais lindas, pelo sorriso que encanta, pelo olhar, e pela magia que exalam. Que o agradeçam à ria. Todas as mulheres da beira marinha, são postas em destaque pela luz carinhosa que as envolve e protege. Criam-se nesta esplêndida paisagem de água e cor, ao mesmo tempo pacífica e delicada. No meu entender, a luz é o grande agente da beleza. A ria tem uma luz como nunca vi em parte nenhuma. É doirada e viva, sem ser forte. É feita de água azul trespassada de sol. Nem mesmo em pleno Verão senti que fosse dura. Abre como um sorriso — morre quase sempre enternecida. É sã sem chegar à saúde exuberante. É sã e delicada. Envolve os seres e as coisas do mesmo tom carinhoso e meigo. As mulheres desenvolvem neste ambiente uma alma serena e respondem ao sorriso da luz com um sorriso de ternura. São como certas flores, criadas num momento feliz, que atingem a perfeição. O que aqui fica bem é o vestido escuro e a limpidez de sentimentos. Esta luz inteligente sabe muito bem que a arte é o encanto da vida e a mulher a suprema criação da arte.

A poveira, a bem dizer, é um homem. Feia e rude, pernas como trancas. Já se tem atirado para dentro das lanchas, obrigando os homens a arrostar com o temporal. Ou eles, ou elas. São mães

extremosas, e grandes parideiras de filhos para o mar. Quando lhes chega o tempo, metem-se na cama, com um casaco ou uma calça dos homens pelos ombros, esperando a hora com paciência. Só têm o cuidado de que a luz da *graxa* fique acesa todo o dia e toda a noite no casebre, para que o *minino tenha alminha.*

O seu noivado dura pouco — o que dura sempre é a amarga vida trabalhosa. Dantes o moço, em vésperas de casório, atava o lenço da noiva, como bandeira, à proa do barco. Duas lanchas, as enviadas, iam apanhar-lhe o peixe para a boda. E elas fiavam durante meses o ticum para as redes do casal…

Eternas sacrificadas, tiram-no à boca para aparelhar o cesto dos homens: vendem, carregam as redes, lavam-nas, sem um fio enxuto no corpo, metem o ombro aos barcos para os deitar ao mar. Acabada a pesca, todo o trabalho cabe à mulher, que fabrica a graxa, que trata dos filhos, que faz redes, as lava e as conserta, e que vai vender por esses caminhos fora.

E ainda o pior para todas estas mulheres não é serem bestas de carga, dias atrás de dias encharcadas e escorrendo salmoura… A mocidade dura-lhes o que duram as rosas. Quase sempre de uma beleza delicada, a mulher da beira-mar, com excepção da do Algarve, que é «a prenda da casa», logo que casa carrega com quase todo o peso do lar, cresta-se e envelhece. Acusam-na de imprevidência. Imprevidente é o homem, que gasta na taberna tudo o que ganha. O lavrador é avaro: tira o pão da arca a medo, como quem sabe o que ele lhe custa de esforços persistentes — o pescador, num dia de fartura, enche a casa de pão. E o mar inesgotável não lhe foge… Mas ela não. Ela, remenda, poupa e vai arrancá-lo à taberna. Conheço-lhes desde pequeno os extremos de dedicação e de força diante da desgraça. Esta pobre mulher — terra virgem de ternura — merecia um lugar à parte na nossa terra, pela sua abnegação, pela sua energia, e até pela distinção de sentimentos. Em Mira o lar é sagrado. É-o em todas as povoações da costa portuguesa que ficam longe dos centros corruptores.

Mas o trabalho pesado não é ainda o pior — o pior é o sobressalto constante da sua vida. A da lavoura tem o lar seguro. Vem o Inverno temeroso e a noite que não tem fim. Fechada no casebre, à roda do lar, ela, o homem e a moça, com o filho no berço (ao lado na corte os bois fartos esmoem) — sente-se tranquila: sabe que na arca puída há meio carro de pão, o suor do seu rosto, e algumas

moedas juntas. Pode o temporal abalar o tecto de colmo e o nevão cair lá fora. Ardem os raizeiros no lume e as traves de castanho são eternas. O buraco tem alicerces de granito até ao fundo do globo. Quanto ao pescador, esse há-de ir ao mar, único campo que lavra, ainda que arrisque a vida. Os pequenos pedem-lhe pão e ele não tem outro ofício. O tempo está mau e dias atrás de dias passam. — Sempre vou… — Ela sente o coração oprimido, mas cala-se. Sabe perfeitamente pelas outras o futuro que a espera. Quantas conheci sempre de luto, sem ir muito longe da minha casa!... Por fim diz: — Pois vai… — As redes, a cesta e ele embarca. Fica sozinha na noite que não tem fim. Fica com ela um bando de pequenos, e com o coração aos saltos põe o ouvido à escuta… A onda brame no cabedelo com um eco prolongado. — Não tem dúvida, é o mar que chama o leste, — Mas agora, a voz é outra, mais funda, o vento mudou para o sul e a barra cerra-se. — Irão arribar a Leixões?... — Que tempo no mar alto, na noite trágica, e só negrume em roda! Nas mãos de Deus! nas mãos de Deus!

Cabe-lhes sempre o pior quinhão da negra vida. Trabalham o dobro dos homens e vivem mais do que eles, porque sofrem muito mais.

Conheço na Foz esta mulher a quem chamam a Rata, corcovada, com uma saia pelos ombros, a apanhar o peixe roído que lhe atiram por esmola — um cação, uma raia ou uns punhados de sardinha em dias de fartura. Velha, dura e negra, cheirando a peixe entranhado nos farrapos e a sal de sardinha, vive na Corguinha entre pedaços de rede e de tábuas que o mar atira à costa. Passa o Inverno na ressaca a apanhar o moliço com as mãos. Não tem ninguém. Não fala nem pede. É a Rata, que corre as linguetas mal chegam as catraias e os batéis. Uma vez perguntei a um velho meu amigo, que está sempre de cachimbo na boca, quem ela era.

— Não sei, é a Rata.

Morou muito tempo em Sobreiras — e era a Rata de Sobreiras. Depois mudou para a Corguinha, onde vive num buraco que empesta a graxa de peixe e a raias escaladas. Passam-se às vezes semanas que ninguém vê essa figura descarnada, suja, com a saia de remendos pelos ombros. Mas chega o Inverno, e nos dias do perigo a Rata é a primeira a aparecer. No céu lívido, espumas que o temporal atira à costa. O camaroeiro içado. Nos penedos, os grandes rolos coléricos despedaçam-se em ribombos que ecoam, erguendo

até ao céu esguichos de água com laivos amarelos dos fundos. A voz é temerosa. Os homens estão em perigo. Aparecem as mulheres desesperadas. Já se sabe que vai morrer alguém.

Não se suporta o vento acolá no farolim, ou nos penedos da praia. Só a Rata está de pé, no meio do temporal, e ignora o clamor; não dá pela água que a açouta, nem ouve os gritos das mulheres. Parece uma estátua sob o céu de chumbo. Todas as outras rezam. Um momento de ansiedade. Corre-se ao salva-vidas. Vida ou morte? Todas ajoelham com os braços atirados para o céu — e a Rata continua impassível como o destino; seus olhos fixos não se despegam daquele espectáculo tremendo. Nem um estremeção, nem um gesto.

— O estupor da velha!... — murmurei.

E então aquele homem calado, de cachimbo na boca, disse-me baixinho ao ouvido:

— O mar levou-lhos todos…

PEQUENAS NOTAS

PEIXES

A raia, para ser boa, deve ser comida de caldeirada de pitau (Mira), menos em Maio, porque «raia em Maio, tumba à porta», e a faneca com três fff — fresca, fria e frita. Cada peixe tem a sua época: «a solha, no tempo do milho come-a com o teu amigo», a sardinha antes da desova e o próprio caranguejo só lá para Agosto é que, assado na casca, atinge a perfeição. Mas todo o peixe regala quando sai da rede para o lume: tem um sabor único a mar, e até a reluzente savelha e o horrível cação, lavados e amanhados na maré, se tornam toleráveis. Quanto ao linguado, ao goraz, à corvina, à gordíssima sarda, à pescada e à saborosa sardinha, para não falar dos peixes hoje quase desaparecidos, do rodovalho, do peixe-rei, ignora-lhes o sabor e o delicado perfume quem os não trouxe do barco para casa, ainda a escorrer dentro do cabaz, sobre uma cama de algas e de limos. São então esplêndidos assados, fritos, de caldeirada, com um fio de azeite, ou preparados pelo próprio pescador sobre umas brasas.

Quando a maré vaza, os pescadores procuram a serrada para iscar os espinhéis, e a praia fica a descoberto: as poças de água são jóias cheias de reflexos entre o lodo, e cada penedo com a sua cabeleira escura de sargaço — verde húmido e translúcido — é um ser vivo. Em todas as poças faíscam as enguias que se metem nos aloques, o caranguejo traiçoeiro e voraz, que espera a presa na sua clausura de pedra, as mantas de pequenos peixes por criar, reluzindo quando, num movimento brusco, mostram ao mesmo tempo o ventre esbranquiçado, e um bicho mole como a lesma que se arrasta pelo limo. Há fragas enormes, roídas, veneráveis, cobertas de lapas aderentes, de mexilhões aos cachos que, sentindo gente, fecham logo a casa, e onde o azul empoça em buracos que reflectem o

universo: cabem lá dentro o céu, a luz e as estrelas.

A toninha, que anda sempre atrás do banco da sardinha, afigura-se-me o ser mais feliz do mar. Tem a mesa sempre posta — e inesgotável. Folgam como um bando à solta de rapazes. Dão-me sempre uma impressão de liberdade e de vida deliciosa… Saltam, vê-se-lhes o dorso reluzente, mergulham e irrompem, com o costado azul a escorrer, quando menos se espera, lá ao fundo… Às vezes vêm pela barra dentro, na onda e na espuma, no jorro impetuoso, quando o mar, como um seio que cresce com volúpia e se dilata, se mete pela terra. Setembro — marés vivas. — As toninhas! — Alarido na Cantareira: os homens saltam nos barcos. Um à proa leva o arpão, espera o momento e joga-lho. Aquela morre, as outras fogem logo para o mar.

Entre estes bichos e outros que conheço, pavorosos, há um salto enorme de pesadelo. Vi as tremelgas nos fundos espessos e lívidos entre os grandes penedos do Baleal, onde as águas têm a cor horrível das morgues. Pior que podridão — e lá para o fundo um remexer de vida misteriosa. Reparo, e de repente levanta-se de baixo uma revoada de pavor, panos vivos que arfam sacudidos, asas moles e disformes de morcegos que palpitam, dum verde indistinto o eléctrico. São as tremelgas que vêem aos milhares à superfície, não sei como nem para quê, vida que faz cismar e mete modo. Suponho o contacto com aquelas peles viscosas, com aquela vida obscura, nos subterrâneos esverdeados onde a luz não penetra — e fujo! fujo!...

LUZ E COR

O mar às vezes parece um véu diáfano, outras pó verde. Às vezes é dum azul transparente, outras cobalto. Ou não tem consistência e é céu, ou é confusão e cólera. De manhã desvanece-se, de tarde sonha. E há dias de nevoeiro em que ele é extraordinário, quando a névoa espessa pouco e pouco se adelgaça, e surge atrás da última cortina vaporosa, todo verde, dum verde que apetece respirar. Diferentes verdes bóiam na água, esbranquiçados, transparentes, escuros, quase negros, misturados com restos de onda que se desfaz e redemoinha até ao longe. E ainda outros azulados, com a cor das

podridões. Tudo isto graduado e dependendo do céu, da hora e das marés. Há momentos em que me julgo metido dentro duma esmeralda, e, depois, numa jóia esplêndida, dum azul único que se incendeia. Mas a luz morre, e a luz agonizando exala-se como um perfume. É uma grande flor que desfalece. O doirado não é simplesmente doirado, nem o verde simplesmente verde: possuem uma alma delicada e extática.

AVES

Ao fim da tarde, sento-me no paredão do farolim. O mar calmo, a Outra Banda verde, a costa perdida em bruma violeta e o cabedelo entre o rio azul e o mar azul. Atrás de mim acende-se o farol, e na areia um bando de gaivotas aninhadas grasna baixinho. A felicidade é aquilo. Mergulham, patinham na água e levantam vôo de repente, embebendo-se no azul para caírem a prumo sobre as mantas de petinga. As mais novas, as grazinas, nadam numa poça, outras desfolham-se em revoadas sobre a onda e outras andam à tripa na restinga. Tenho visto muitos ninhos, mas nunca encontrei pedras nem ninhos de gaivota…

Ei-las outra vez que se juntam num grasnido insolente, com os pés metidos no azul… Um bando de maçaricos reais voa ao lume de água. Do mar cresce o pó verde. A capelinha do Senhor da Pedra, lá ao longe, ainda reluz. Mas os ninhos… Só mais tarde, muito tarde, é que descobri que as gaivotas, os borrelhos e o alguivão, fazem ninho nos areais despovoados, chocando num buraco os ovos pintalgados. Fazem-nos também, e principalmente, nas Berlengas. Aquilo é delas e do céu. É um espectáculo enternecedor vê-las de pé sobre uma pedra e à roda os pequenos grotescos a nadar. Por um hábito secular, têm como inviolável esse asilo. Quase não fogem ao homem, e ninguém devia ter o direito de lhes tocar nessa época de ternura.

Uma das mulheres mais ricas dos Estados Unidos, madame Russell Sage, comprou na Luisiana a rocha de March Island para lugar de nidificação das aves perseguidas. É um refúgio no mundo. Daqui saúdo madame Russell, ou a sua sombra, se já não existe. Se eu fosse rico, comprava também ao Estado as Berlengas para as aves marinhas fazerem os seus ninhos, livres da ferocidade humana, que

não tem limites, e que até lá as vai procurar para lhes destruir a criação.

Entre todas estas aves, há porém umas, que vi no Baleal, que me interessaram extraordinariamente. São as galhetas, que começam a passar em Setembro. Ao escurecer ouvia entre o barulho da ressaca vozes baixinhas e agourentas de bruxedo. Eram as galhetas, que andam sempre aos bandos e pousam nas pedras, ao rés de água, para dormir. Como senhoras vizinhas, antes de fecharem o olho, conversam de pouso para pouso. Rumor mais alto, mais baixo… Uma risada. — Que é? que é? — ouve-se distintamente. — Quem é? — E logo outra: — Matou-a! matou-a! — Uma risada sarcástica e depois um coro: — Olá! olá! — É noite — calou-se tudo, menos o mar, que fala sempre.

A MORTE DO ARRAIS

FOZ DO DOURO

Dezembro 1893

CHEGAM os dias de Inverno, e aquela voz colérica, que ouço desde pequeno, engrossa e mete medo. É um rebramir que acaba sempre na mesma nota profunda — u-u-u, que entra pela terra e pelas almas dentro. Andam enrodilhados no ar farrapos de nuvens e espuma, que o vento cospe para o alto. Céu desordenado e negro como as águas. Os barcos da Foz, da Afurada e da Póvoa vêm arribados e procuram recolher-se a toda a pressa. Dominando a ventania, o bramido do mar ecoa cada vez mais alto: é outra voz imensa e trágica, clamorosa e trágica… A barra cerrou-se de todo em novelos sobre novelos de espuma esverdeada. Lá fora, para além da arrebentação, vinte, trinta barcos esperam uma acalmia para entrar. Grandes nuvens desgrenhadas pela lufada dispersam-se nos ares. A voz da tempestade e no céu a lividez da morte… Escurece mais: no horizonte fundo remexem cóleras indistintas, e quando a vaga se levanta, vêem-se os do mexoalho nos saveiros — quatro tábuas — algumas lanchas da Póvoa e as catraias da Foz esperando o momento decisivo. Durante alguns segundos aquela cólera aplaca-se: fica então um corredor estreito onde o mar não quebra, que é preciso atravessar a toda a pressa, à força de remo, num curto espaço de tempo, entre a vida e a morte. Tenho-os visto hesitar e desaparecer enovelados a cem passos de distância. O piloto-mor está no cais e o salva-vidas a postos. Pelas estradas acode o mulherio, com a saia pela cabeça, a correr, gemendo e chorando, cheias de angústia e de lágrimas. Algumas são muito velhas e trotam desengonçadas com gritos de desespero:

— Ai o meu rico filho, que o não torno a ver!...

E a voz sobe, a voz redobra e aumenta, vagalhão sobre vagalhão

que se despedaça nas pedras, domina o vento e os gritos» e varre em catadupas cerradas o farolim, o cabedelo e o cais, coorte atrás de coorte monstruosa, alagando tudo de espuma, numa fúria que chega às nuvens.

— Ai Jesus! ai Jesus!

Mais gritos, mais mulheres de todos estes sítios, com a boca torcida pela dor, salpicadas de espuma e amolgadas como trapos, com os pequenos agarrados às saias.

— Diz-me o coração que o não torno a ver.

— Não desespere, tiazinha. Talvez arribem a Leixões…

Vida de sobressalto, o coração retalhado, correndo sempre a costa, primeiro pelos homens, mais tarde pelos filhos e depois, pobres destroços sem serventia, pelos netos, mal podendo já com a carcaça, e vendo-os desaparecer um a um naquele mar profundo.

O piloto-mor mandou içar o camaroeiro, e, com a bandeira na mão, vai dar o sinal aos pobres seres, só angústia, perdidos na bruma, na cólera, na luz esfarrapada e lúgubre. O salva-vidas está a postos — mas quem se atreve?... Duns aos outros não medeiam talvez quinhentos metros — a morte. O cais está cheio de gente, todo o cais grita de dor. Estão aqui as mulheres, as mães, as velhas com a garganta sufocada, e que perguntam numa ânsia:

— Viram-nos? viram-nos?

— A lancha onde anda o seu homem não está na barra.

— Oh Jesus!

— Talvez não tivesse chegado ainda, talvez esteja já em Leixões.

E um velho pescador explica:

— Está aí a companha do Jacintro. Vem lá ao fundo outra com a vela rasgada. Esperem… esperem.

— E os da ti Ana?

— Por ora não se sabe deles.

— O meu rico home! o meu rico home! Reparo num grupo petrificado. Fixo uma mulher alta, ossuda, com cara de cavalo, toda vestida de escuro, que geme baixinho a meu lado. A roupa encharcada pega-se-lhe ao corpo, as mãos magras e tisnadas, de unhas roídas pelo trabalho, fincam-se-lhe no peito para conter os soluços que lho estalam. Geme sempre, e os olhos tem-nos presos ao longe no negro torvelinho de mar e céu que se confundem. É das poucas que não gritam, é das poucas, talvez, que compreendem… Mas não cessa de gemer, — não pode abafar de todo aquele rangido que lhe vem de dentro, e que é talvez o próprio coração

esmigalhado pela desgraça… Mais adiante estão aquelas mulheres atarracadas e grosseiras da Póvoa, de saias pela cabeça e que exteriorizam a dor com espalhafato. Três homens, de sueste na cabeça e fisionomia grave, perscrutam e procuram adivinhar o momento em que o mar acalma, farto de violências. Na barra, para cá do cabedelo, o salva-vidas dança. Mais gritos. Um bando de mulheres chega à última hora, vindas de mais longe, com as mesmas lágrimas e os mesmos olhos de pasmo. Detenho-me em frente de outro grupo, com os pequenos agarrados às saias… Só aquela, acolá, é que não chora — como quem sabe que as lágrimas são inúteis, ou porque não tem mais lágrimas para deitar. Continua a gemer baixinho, na última trituração da dor.

— Senhor dos Navegantes, acudi-lhes! Meu rico Senhor!...

Mas o mar e o céu exigem tragédia. Alguns homens arriscaram-se a ir para o farolim e espreitam para longe.

Longe é uma barafunda turva, um esvurmar de cóleras, um redemoinho onde só se distinguem alguns mastros oscilando, e quando a vaga cresce, os barcos sacudidos no alio da vaga. Rolos formidáveis desabam sobre o penedo do Cão e galgam o cais cobrindo-o de água a referver. Depois as águas recuam verde escuro, em placas movediças que deslizam sobre tons lívidos, babugens e riscos amarelados de areia que veio à tona. Acolá ao fundo uma claridade turva, uma nódoa imóvel, talvez o sítio do sol; em baixo um movimento confuso de águas com pedaços de nuvens arrancadas ao céu fúnebre. Por fim, um largo espaço onde uma luz difusa incide e onde se passa uma tragédia maior. Não é a tempestade, é a ameaça; não é a desordem, é o pavor suspenso. Na barra as ondas avançam cada vez mais altas e mais cerradas, primeiro com uma crista lívida de espuma e depois a desabar em catadupas de água, em esguichos de água, em massas que se embatem revolvendo-se, enquanto outras se preparam lá para o largo. Varrem a costa, despedaçam-se nas pedras. Carreiros e um torvelinho esbranquiçado; no cabedelo, em Lavadores, até onde a vista alcança, o mesmo desabar infinito — toda a costa alastrada de espumas. E a voz imensa deste marulhar de água agitada sobe cada vez mais alto e enche todo o espaço dum clamor que mete medo — u—u—u…

É agora! é agora! O piloto-mor dá o sinal com a bandeira. Do seu olhar, do seu saber, da sua experiência, depende a vida daqueles

homens. É agora! Os barcos, levantados no alto da onda ou arrastados para os abismos cavados entre vaga e vaga, avistaram-no lá de longe. Alguns mais atrevidos remam. No cais toda a gente sufocou numa rodilha de dor assombrada. As mulheres caem de joelhos.

— Pedi por eles, Senhor Jesus Cristo!

— O meu home! o meu rico home!

E as da Póvoa arrastam os joelhos nas pedras grilando:

— Ó coração de Maria, pidi ao Senhor por eles! Chagas abiertas, Coração ferido, sangue derramado de Nosso Senhor Jesus Cristo, ponde-vos entre, eles e o perigo!

Uma bate punhadas no peito, outra rasga a cara com as unhas:

— Perdão para o meu filho nessas águas márditas!

Aquela horrível suspensão dura dois minutos, três minutos. Alguns barcos passam; outros hesitam retardados e apanha-os a vaga, que os sacode e despedaça entre cóleras e espumas. No cais um grita — um grito inútil. Má raios partam o mar!

Lá vem agora a nossa catraia. Conheço-a e quase distingo um a um os homens curvados sobre os remos. São dezasseis vidas, contando com o moço, são dezasseis corações diante da morte, a dois passos das mulheres que lhes estendem os braços. À volta as ondas redemoinham. Sufocados, curvam-se e endireitam-se, mãos nos remos, pés nos bancos, num último esforço desesperado, fazendo parte do barco, corpo e tábua tudo ligado e unido numa só peça. Alguns remos partem. De pé, à popa, meio nu, agarrado ao leme, o arrais injuria-os para lhes dar ânimo:

— Ah malandros! ah ladrões! ah filhos duma grande … remem! remem! Força agora!...

E a mão convulsa não larga o leme. Logo atrás do barco a vaga é monstruosa a desabar sobre eles — sempre maior! sempre mais perto!...

— Remem! remem! — berram de terra.

E os gritos no cais confundem-se num grito, e o rebramido ecoa nas almas. Um segundo, dois segundos, e estão salvos… Mas a onda quebra. Desaba em catadupas e outra enrodilha-os logo. O clamor das mulheres confunde-se com o eco da tempestade e é disperso pela lufada. O salva-vidas apanha um, outro acolá agarrado a um remo… O moço! o moço!... O vento cresce, do mar mais escuro avança o negro torvelinho…

— Já não entra mais nenhum. Vão arribar a Leixões.

E as mulheres lá correm outra vez pela estrada fora, as saias pela cabeça, encharcadas de água, com o mesmo anh! anh!... de aflição, gemendo, chorando, implorando. Algumas velhas têm o olhar fixo do espanto e as mãos enclavinhadas sobre o coração que já não pode mais. E rangem anh... anh... Trôpegas, descalças, sob o aguaceiro que desaba, tão amolgadas pela vida que parecem farrapos molhados de lágrimas e cuspidos de espuma. E lá seguem… — Talvez entrem em Leixões — … E lá seguem tendo caminhado léguas, rezando, suplicando, chorando, ou, pior, emudecidas pela dor, a tábua do peito apertada, a boca entreaberta e os olhos fixos no mar… — Ai Jesus! ai Jesus!...

O arrais é encontrado ao outro dia morto no cabedelo. O mar partiu o barco pela quilha, enterrando na areia a carcaça intacta da ré, e torceu-lhe o braço como quem torce uma corda. Mas nem o mar nem a morte conseguiram arrancar-lhe o leme das mãos crispadas.

ALGUNS TIPOS

Conheci muitos pescadores na Foz. Conheci o Bilé e o Mandura, que findou a vida a passar inglesas para Lavadores. Conheci os Condes, dois irmãos secos, denegridos, ambos mortos no mar; os Jeremias, um que acabou embarcadiço e o outro piloto da barra; o Joaquim Banheiro, ruivo e alto, com desenhos nos braços que eram o meu enlevo — uma âncora e um coração atravessado por uma seta; o manhoso Tarrafa, de fala retardada e voz pastosa e lúbrica, que convidava as moças para irem com ele à praia «alar um espinhel»; o João Mouco, que com uma linha e engodo pescava comigo enguias na lingueta da Cantareira, entre o alarido das mulheres e o salpico das ondas na enchente… Lembro-me dos que moravam na tortuosa Corguinha, lajeada de grossos seixos, e que corriam com um ruído estrondoso de socos quando largavam os barcos dos pilotos. Vejo-os nos seus sítios, ouço-os falar, aos vivos e aos mortos, no minuto em que se fixaram na minha memória como uma série de instantâneos, uns apagados, outros tão nítidos que lhes distingo a cor do pêlo. Acolá à porta do armazém da Pensão está sentado um velho a desfazer cabos para estopa com os dedos grossos e hesitantes. O Teca, que correu todos os mares da África e do Brasil, conserta a rede no varal. Ninguém como ele sabe onde dá peixe. Cheira-lhe. Na revessa do cabedelo apanha o pimpão e a faneca e com a chincha o peixe miúdo nos charcos da vazante. Todos os dias sai no caíque para largar os espinhéis, ou vai na robaleira para a boca da barra. O Teca, apesar de velho como a serpe, não tem idade determinada: conserva o cabelo cor de estopa sem uma branca, e os dentes todos. E com esta é a quarta vez que casa.

— Ó sr. José, então agora… e com uma rapariga?!

E ele sem se alterar:

— Eu cá, menino, é até à morte mulheres e espinhéis.

Lembro-me do Manuel Calafate todo o dia a meter estopa nos interstícios das tábuas, o dos carpinteiros de machado a remendar os barcos dos pilotos à sombra das três primeiras árvores do Passeio Alegre.

O homem da Maria da Viela viveu e morreu piteireiro. Nunca falava: sorria sempre, com o olho pisqueiro, o ar satisfeito, o cachimbo de barro metido na goela. Quanto ganhou, quanto estafou na taverna. Ela barafustava e não sei se lhe batia. Ia-o buscar à loja e levava-o aos empurrões para casa ralhando todo o caminho — e ele calado, inalterável, a cuspinhar, numa satisfação interior e perfeita. Todas as noites saía a barra sozinho, dentro do caíque, a remo ou a vela, e a cair de bêbado. Voltou sempre — mar manso, mar ruim — e nunca deixou de trazer peixe para beber. Um dia, com medo a um desastre, não o deixaram mais ir ao mar.

Arranjou outro ofício: passava para a Outra Banda, as mulheres que vêm ao Porto com as canastras, e que depois, no regresso, embarcam na lingueta de Lordelo. A passagem nesse tempo custava trinta réis, o que evidentemente não lhe chegava para beber à sua medida. Puxou pela imaginação — e abriu no fundo do barco um furo que tapava com uma rolha.

— Embarquem, meninas! embarquem! — dizia o rapaz que o ajudava, chamando a freguesia. Embarcavam as mulheres aos ranchos e depois de tudo arrumado, toca a remar. Meio do rio — Alto! — dizia ele ao rapaz. E o rapaz parava. E ele baixava-se e tirava a rolha. E o esguicho repentino de água enchia de terror o mulherio, que se punha de pé aos gritos.

— Não se mexam! Agora quem quiser chegar à Outra Banda tem de dar mais um pataco!

Creio que foram estas as palavras que pronunciou mais vezes durante a sua vida. Por fim, naturalmente, o caíque do José da Viela foi olhado com desconfiança e terror — embora o rapaz, em quem ele batia com uma corda, se esfalfasse a gritar no cais:

— Embarquem, meninas! embarquem! que temos maré de feição!

Foi então que se decidiu a morrer de desgosto, bêbado como sempre, a cuspinhar para o lado e de cachimbo na mão. E só depois é que a Maria da Viela respirou e botou cordões de oiro com o ganho da canastra.

O sr. piloto-mor só abre a boca para ralhar. De quando em quando aquele vozeirão tremendo ecoa na Cantareira e cala-se tudo. Toda a gente tem medo desse homem seco e tisnado, autoritário e duro, de grandes barbas brancas revoltas. Ninguém se atreve a dirigir-lhe a palavra e todos os pescadores, quando ele passa como

uma rajada, tiram os barretes da cabeça.

Noutro dia estiveram alguns barcos em perigo.

— O salva-vidas!...

E o salva-vidas lá desceu pelo guindaste até ao rio, mas não apareceu ninguém para o tripular.

— Então ninguém vai ?... — perguntou o piloto-mor.

Mas os homens em grupo, encolhidos, não responderam.

— Então vocês têm alma para os deixarem morrer ali à nossa vista?

Um mais atrevido disse por fim:

— Quem lá for, lá fica. O salva-vidas não se aguenta com este mar.

E o vozeirão a sair das barbas brancas:

— Pois então vou eu, com os diabos! Vou eu e fico lá. E vou sozinho se ninguém quiser ir comigo.

Saltou dentro do barco — e com ele uma dúzia de homens.

A Maria da Sé ficou viúva, com dois filhos que faziam grande diferença de idade. Um andava na catraia do Manuel Jacinto, mas ao mais pequeno não o deixava ela ir ao mar.

— Não, tu não vais…

Todos os pequenos da Cantareira se juntam nas poças, com barquinhos de cortiça. Arranjam uma vela com um farrapo, fazem um leme dum pedaço de casca, e arregaçados, descalços, aprendem a manobrar os barcos com entusiasmo.

— Orça! orça!

— Ceia agora…

— Olha o meu como bolina!

Se a Maria da Sé o surpreendia com os outros, deitava lhe as calças abaixo e batia-lhe como uma desalmada.

— Custaste-me muito a criar. Hás-de perder o sestro.

Mas ele não perdia o sestro. O mar atraía-o irresistivelmente. Um dia lançou-se a nova catraia ao mar e o irmão interveio:

— Deixe ir o pequeno comigo. Vai ganhando…

— Não vai, já to disse.

Ambos pediam, um falando, o outro agarrado à mão do irmão, com medo à mãe, e não tirando dela os olhos ansiosos.

— Não sei para que vossemecê o está a criar… Vai como moço, ganha um quarto, e nós precisamos, bem o sabe…

— Não!

— Eu sei o que vossemecê pensa. Tolices. Lá por o pai ter morrido na barra não se segue… E eu? Então vossemecê tem-lhe mais amor do que à mim?

— Tu és um homem.

— Deixe-o ir comigo. Na minha salvação, que lho trago. Eu respondo por ele. E o pequeno, de olhos muito abertos, numa ânsia de ir ao mar, como o pai, como os irmãos, como os homens:

— Mãe, deixe-me ir.

Foi. Foi muitas vezes, até que lá ficou com a catraia na barra. Oito dias, contados um a um, andou aquela figura vestida de escuro, a correr a costa, a espreitar os areais e os penedos, com os olhos fixos, à espera que o mar lhos restituísse. O mar acaba sempre por vomitar os mortos. Mais dia menos dia os *arrolados* vem à tona e depois à praia.

Apareceram no cabedelo, unidos um ao outro. O mais velho erguia nos braços o mais pequeno procurando salvá-lo. Fui vê-los. Os caranguejos tinham-lhes roído os olhos e as bocas. Metiam medo — mas havia naquele grupo de horror uma ternura tão profunda e indestrutível que nem a morte conseguira separá-los… Ainda tenho diante de mim o moço agarrado aos braços rígidos do irmão, que o levantava para o alto, sempre para o alto, num derradeiro e desesperado esforço.

Um dia inteiro, cobertos com o lençol branco que o vento sacudia, estiveram os arrolados no areal, e ao lado deles, de joelhos e curvada, falando-lhes baixinho, aquele vulto escuro, que no auge do desespero não tinha uma lágrima para deitar.

De entre os muitos poveiros que vinham à Foz, à taverna ou à fonte, houve um, o José Libó, que se me afeiçoou. Um dia dei-lhe uma navalha velha e ficou meu amigo para a vida e para a morte.

Era um colosso. Dois olhinhos sumidos na cabeçorra, mãos enormes, braços como trancas e um corpo maciço e quadrado a que ele, desajeitado, não sabia o que fazer. Na taverna enfurnada da Cantareira era eu quem lhe escrevia as cartas para a namorada.

— Ponha lá, senhor Arriúlo…

Ponha lá o quê?... Não dizia mais palavra. Só olhava para mim suando de aflição. Mas era tanta a ternura nos seus olhos, que se estabelecia entre nós dois uma espécie de comunicação magnética… Tenho perdido tudo. Deixei passar por mim as melhores coisas da vida quase sem dar por elas. Também perdi, com indiferença, a

cópia dessas extraordinárias cartas de amor dum poveiro a uma poveira. Ele trazia na cesta, com o pão e o conduto, o papel bordado para a carta e sentava-se na minha frente, com a cabeça vermelha de ruivo apertada entre as mãos como cepos. E olhava-me numa imensa aflição: — Ponha lá, senhor Arriúlo — à espera que eu encontrasse as palavras mágicas com que havia de enternecer o coração da Josefa Perneta.

— Queres que diga mais alguma coisa, José?

Ele, fascinado, acenava com a cabeça que sim.

— Mais alguma coisa... Ponha lá, senhor Arriúlo.

Isto estabeleceu entre nós, que pouco tínhamos que comunicar, porque o José só sabia a meia dúzia de palavras necessárias à sua profissão e à sua vida muito simples, uma amizade que só acabou quando o poveiro partiu para Mossâmedes, já casado. Bateram um dia à porta da viela: era ele que vinha despedir-se — e que tomava todo o espaço das ombreiras, com um saco do conchas, um bicheiro novo e duas pescadas enormes. As pescadas comi-as, deitei fora as conchas, e o bicheiro conservo-o a um canto do meu quarto, a espera de ver que destino Deus lhe reserva…

Conheci muitos destes homens, sanjoaneiros, poveiros, da Afurada, e até os valboeiros da Póvoa, que na Foz se chama de Cima, hoje desaparecidos, — lavradores da margem do Douro que desciam rio abaixo nas lanchas de madeira por pintar, grosseiros e tartamudos, acudindo ao cheiro da pescada em certas épocas do ano, com as suas redes, os seus tipos de trogloditas e uma vozearia infernal que durava até a noite velha nos barcos fundeados na revessa do Relógio…

Assisti muitas vezes às conversas dos pescadores quando me deitava ao lado deles na Cantareira. Falavam do mar, das redes, dos quinhões. Silêncio… Alguns dormiam ao sol. Depois falavam todos ao mesmo tempo sem se entenderem — até que o arrais, que desfazia no côncavo da mão o charuto de picar, dizia a última palavra sobre a questão.

São preguiçosos. Enquanto a taberna fia, ninguém arranca o *manteigueiro* ao falatório e à loja. As mulheres vão-nos buscar:

— Então estes diabos não vão ao mar?

O que distinguia o antigo pescador era o conhecimento das pedras da barra — da Lage, da Eira, da Pedra do Cão, do hábito dos peixes, das redes, e do mar das quarenta braças, e um instinto

especial que adquiriam à força de hábito — e que se parecia com o faro. Fora disto eram crianças. Um vozeirão que metia medo e qualquer pessoa os prendia e cativava. O velho Patarra de Mira, porque um amigo meu lhe falou com bondade pagando-lhe um copo de vinho, todos os dias, às escondidas, lhe atirava peixe pelas janelas dentro. Quando partiu, todos os pescadores o acompanharam pelo areal fora, até que ele lhes disse: — Agora vão-se embora. — Então abraçaram-no desatando a chorar.

Mas os velhos, com as cabeças brancas, esses então são crianças perfeitas. Os da Pensão, na Foz, eram homens de poucas falas, que só abriam a boca para cumprimentarem o sr. piloto-mor. Quando entrava algum navio e a barra estava perigosa, ouvia-se gritar:

— Os homens da Pensão!

E eles lá iam, balouçando-se, de barba de passa-piolho, compenetrados da sua importância e saber. Rudes, grosseiros, crestados pelo mar, embreados como velhas tábuas de teca — e olhos azuis e inocentes de criança — olhos de leite… Os vagares passavam-nos a abrir, na cortiça ou no pinho mole de Flandres, barcas, iates, lugres com todos os apetrechos, todas as cordas, todas as velas talhadas a preceito, e lindos nomes escritos no costado: A *Boa Nova*, a *Mariquinhas*, a *2.ª Esperança.*

De todas estas figuras ficou-me uma figura para sempre: um tipo sem nome, maior que a realidade, de músculos como cordas. Sua missão no mundo é remar. De trilhar o remo ficou curvo, e tem as palmas tão encortiçadas que nelas afia a navalha como numa pedra de amolar. O mar denegriu-o e engrandeceu-o. Não sabe exprimir-se e mal nos conseguimos entender. Mas não me mete medo como outras figuras trágicas da vida: olha para mim — e só lhe leio nos olhos ingenuidade e ternura…

AS BERLENGAS

Agosto — 1919

ÓBIDOS visto da estrada é o cenário dum presépio, com as muralhas recortadas e moinhos de vento a trabalhar na encosta. Só lhe faltam alguns pastores, com gaitas de foles, descendo o monte… Pequena vila adormecida e quase intacta. Nunca passo por uma destas terrinhas que não me fique pena de lá não morar algum tempo, no silêncio recolhido, deixando a minha vida presa aos vivos e aos mortos. Isto tem um ar tão afastado do mundo! Não se ouve rumor. Um sino tange ao longe… Se há aqui interesses, estão submersos. A vila foi agora mesmo desenterrada com as suas igrejas, e a ruazinha principal onde não mora ninguém — tudo cercado de muralhas de pedra escura, que aproveitaram as ondulações do terreno, até se fecharem lá em baixo na porta principal com azulejos, e que parecem ter crescido tão naturalmente do morro como as árvores… Alguns minutos e sigo pela estrada triste até à Serra d'El-Rei. O chão produz milho amarelo baixinho e a areia um vinho branco que tem fama. São três horas de caminho até este sítio onde viveu D. Pedro, o Cruel. Do seu drama restam paredes desmanteladas e uma fonte que continua a correr e a apagar a sede de quem passa. Curvei-me, bebi também, e, transposto o pinheiral, dei com o amplo panorama de terra e mar: a costa, à esquerda o cabo Carvoeiro, em frente a rocha do Baleal e ao fundo as Berlengas delicadamente pousadas na água…

Peniche é horrível. Por toda a parte por onde têm passado os homens dos municípios — por toda a parte transformaram as terras cheias de carácter em terras incaracterísticas, com edificações banais, avenidas novas e chalés de zinco nos jardins. Degradaram tudo. Peniche, que foi uma fortificação e um ninho de piratas isolado e feroz, à espreita do naufrágio e da presa, cheira que

tomba, e só conserva duas coisas interessantes: o cabo (hão-de deitá-lo abaixo) com a Senhora dos Remédios, e a esplanada, que é um esplêndido «cenário para o último acto da Tosca, e um ponto de vista admirável para o sul — grande traço indistinto a roxo, com um ou outro casal, uma ou outra aldeia dispersa e sem nome. Mas Peniche é sobretudo horrível para mim porque é o tipo da pesca industrializada, o barracão, a fábrica de peixe, a caserna da sardinha, onde impera o Fialho do Algarve. Só me ficou uma impressão grata. Perdi-me. Fui por uma rua fora e entrei por acaso num rés-do-chão, escola de rendeiras. Nenhuma teria mais de dez anos. Outras ainda menos. Algumas com dois palmos mal sabiam falar. E todas aquelas mulherzinhas, sentadas no chão e debruçadas sobre os bilros e os piques, levantaram a cabeça e puseram-se a rir para mim… Elas hão-de ser mulheres, eu hei-de ser mais velho do que sou, e não me passa a impressão de ingenuidade e de pureza, dos olhos a sorrir e dos biquitos abertos cor de rosa…

Daqui ao cabo é meia légua através de muros, vinhas e casebres. Quero olhar para as Berlengas de mais perto. Desde que as vi fiquei cismático… A Senhora dos Remédios é escavada na rocha subterrânea, junto a fragas enormes que mal se sustentam de pé e que os vagalhões assaltam formidavelmente. Que voz lá no fundo, e que esplendor de luz nesta mole negra e cenográfica que se esboroa na extremidade, tomando o aspecto estranho de torres medievais, com água esverdeada a escavá-las e a roê-las nos antros e cavernas, que ficam a cinquenta metros de profundidade e que repercutem ecos, ameaças, uivos e lamentos de desespero, súplicas dramáticas! É o Castelo do Diabo… E no fundo do horizonte sempre aquelas três nuvens pousadas sobre o mar, chamando por mim. Atraem-me e fascinam-me.

Vou primeiro ao Baleal, que é a mais linda praia da terra portuguesa. Não passa duma grande rocha desligada da costa e fundeada a trezentos metros — mas esta rocha é uma ossada, e talvez o último vestígio da Atlântida, saindo do mar azul a escorrer azul, e presa à terra por um fio de areia que nas marés mais vivas chega a desaparecer. Deste ancoradouro, com uma baía ao sul formada pelo Carvoeiro, e com outro côncavo ao norte entre a rocha e a costa, vê-se o esplêndido panorama da terra, do mar e do céu. Vive-se extasiado e embebido em azul, no meio do mar azul,

no meio do mar verde, no meio do mar dramático. Voga-se em toda a luz do céu e em toda a cor do mar. Dum lado o areal em circo e aquele grande morro estendido pelo mar dentro; do outro, e até onde a vista alcança, todos os tons da costa, desde as labaredas das terras sulfurosas e as chapadas negras dos rochedos, com riscos de vermelho, até ao biombo que vai passando e desmaiando, primeiro roxo com aldeias ao sol e fundos verdes de pinheiros, depois transparente até atingir o indistinto e o diáfano numa última palpitação de claridade nublosa. E tudo isto muda de cor e se transforma segundo as horas que passam. Há momentos em que é doirado, de manhã ou à hora do poente. Há outros em que me sinto abismado em azul e atascado em azul. O movimento das ondas esmorece e acalma. À volta só luz e cor. A costa some-se. Uma apoteose de oiro e verde lá no fundo. Do horizonte à praia corre e cintila a esplêndida estrada do sol. E agora — reparem! reparem! — o mar é verde e o céu perdeu a cor…

A acção das águas é incessante nestas velhas pedras carcomidas, onde meia dúzia de casas de pescadores se agarraram como lapas. A ressaca infiltra-se nos buracos, gasta-as e desgasta-as, até as reduzir a cárie, a penedos com baba, a ossadas pulverulentas, à petrificação da própria vaga quase a desabar. Há-as cor de giz, cortadas em fatias, dispostas umas sobre as outras, há-as amareladas como caveiras e formando praiazinhas enconchadas, de areia muito fina, onde até o mar se esquece e espraia adormecido.

Não vi árvores. Nasceu aqui uma figueira por acaso, que, não podendo crescer, alargou a roda e tem um metro de altura. A única vegetação é a das ervas a quem um pouco de terra basta para viver. São inúteis. São vidas humildes que a tudo se sujeitam e chegam a cumprir o seu destino à custa de sofrimento. Do meio da ilhota sai uma fraga mais saliente com a capelinha de Santo Estêvão no alto e a praia dos batéis no fundo. Lá para diante outra rocha destacada, a ilha das Pombas, todo o dia salpicada de espuma.

Tudo isto perdido no azul ou assaltado pelas ondas coléricas. Os vagalhões avançam e despedaçam-se de encontro às pedras, que vomitam espuma e ficam a babar-se pelos buracos puídos. E outra — lá vem outra — incessantemente para o assalto! Algumas enormes varrem o extremo norte do Baleal numa cólera tremenda. As noites são profundas, admiráveis e cintilantes de pedraria — grandes como Deus.

Pesca quase não há. A pesca mudou para Peniche. O último batel

chamava-se *Santo Estêvão,* tinha duas velas e levava redes de pescada e redes de lagosta. De cada rede era distribuído um quinhão para o homem, outro para o patrão e um quarto para a companha. Mas vêm aqui pescadores de fora. Um dia encontrei com alvoroço uma saveira encalhada no areal.

— Vocês donde são?

— Somos da Amurtosa.

Estes homens morenos e ágeis, da Murtosa, da Torreira e da Afurada, tenho-os encontrado com as suas saveiras em toda a costa norte até Lisboa. Encontrei-os em Peniche, na Caparica e em Sesimbra, onde lhes chamam *ilhos,* nos esbeltos barcos escuros, pescando a lagosta com os róseos; encontrei-os na Foz do Douro apanhando o mexoalho; ao arrasto do sável nos rios, e fisgando a solha ou a lampreia, que se apanha à noite com um candeio e um garfo atado num pau. A sua casa é o barco. Metem-se em todas as anfractuosidades da costa. Quando pressentem o temporal vão acolher-se a Peniche ou à Figueira. Andam sempre em famílias de três e quatro barcos. Acampam na areia, e com o mastro atravessado, uma panela e a lenha apanhada no mar e que desfazem em cavacos com a machadinha, traste indispensável era cada barco, acendem a fogueira como ciganos. Mas se o mar está manso e a noite é de luar, não vêm à terra. Largam a fateixa ou a poita o acendem o lume a bordo para a saborosa caldeirada. Sempre que via brilhar os fogaréus invejava profundamente aquela vida simples diante de Deus e do mar. Ao fim da pesca, que dura meses, e quando se anuncia o Inverno, recolhem à pressa às suas terras como aves emigradoras. Se o vento é de feição, em doze horas põem-se em Aveiro. Se é contrário, quando a vaga cresce e as gaivotas se metem grasnando pela terra dentro, arribam aqui e ali e levam dias a chegar a casa, onde passam com as mulheres e os filhos a época das rudes invernias.

Passo três dias deitado numa pedra a namorar o recorte delicado das Berlengas. Atraem-me como em pequeno as ilhas misteriosas e desertas dos meus sonhos. Por fim meto-me num barco, e depois de três horas a remos vejo-as mudar de cor e encher o horizonte. Distingo as minúcias na Berlenga grande, em Santa Catarina e Farilhões, e ponho o pé em terra com assombro. É um monte espesso com um castelo na base, assente numa pedra destacada e ligado à terra por uma ponte em aqueduto.

… Mas o monte solitário sai todo vermelho da água verde e grossa como um vidro e o castelo é o último refúgio de um pirata que surpreende mulheres na costa para as violar na ilha… Este granito está coberto de líquenes ferrugentos, que ao pôr-do-sol escorrem sangue, e à cor da rocha compacta contrapõe-se a da fortaleza de tijolo, carcomida e doirada, que data de 1676, e que se revê na água translúcida. Nunca vi água assim: o uma lente esverdeada, que desvenda fundos mágicos.

Subo um carreirinho a pique. Sento-me no planalto, e olho. Olho, não é bem — trespasso-me. Trespasso-me de cor, do luz, de amplidão. O que aqui existe e domina é o azul do céu e o azul do mar. Bebo-o. Vagueio uns dias ao vento falando só. Viver aqui é viver em pleno céu. É ser nuvem e mar, é ser azul. A vida sobre esta base de granito não tem corpo. A grande rocha está suspensa no vácuo — porque o mar é pó verde muito ténue e a costa pó roxo a diluir-se. Do alto vê-se o cabo Carvoeiro, e mais para o sul, a praia da Consolação, a Ericeira e a praia de João Salgado, e para o norte, o Baleal, a Foz do Arelho, S. Martinho do Porto, e até onde a vista chega, a ocidental praia lusitana. Mas isto num sonho fundido em azul, para lá do mar com veios espelhados, desde o pedestal desta rocha imensa, onde vegeta o perrexil e o cardo, até ao infinito. Do outro lado, para além dos recortes afiados dos Farilhões, das Estelas e de outras pedras escumantes, fica o mar eterno.

São extraordinárias as manhãs, com uma ponta de névoa em que o mar se dissolve, e os fins de tarde, oiro e verde, a que se sobrepõe o violeta, com aquela voz magnética sempre a chamar-nos lá em baixo, já escuro, do fundo das águas — e o morro vermelho a emergir do oceano…

Não me canso, extasiado. Vou por outro carreiro, pelas escadas de palmo abertas na pedra. Dou com as ruínas dum convento. Nos restos arruinados da capela copio diferentes datas: fr. Lobato, 1622; outra: 1606; um coração com duas letras enlaçadas L e R — 1615. Fico a cismar… No fundo avisto uma praia solitária, um côncavo do tamanho da mão, onde nunca entrou o sol. Fria e pálida, entre grandes rochas negras e cenográficas que emergem do mar e se recortam no azul, transe-me como um sítio misterioso que o homem visse pela primeira vez. Olho-a com medo. Não me atrevo a devassá-la… É isto mesmo… As ilhas desertas são habitadas. Tenho

a sensação estranha de um contacto, gelado: desconfio que anda por aqui uma alma virginal e pura e ao mesmo tempo cruel…

Desço às cavernas misteriosas de que é furado o ilhéu. Há-as cheias de fetos e um fio de água escorrendo: todo o morro se concentra e espreme para deitar aquelas gotas frígidas. Outra: um entalhe nos paredões de granito, e a onda leva o barco pelo corredor estreito sobre algas com grandes pinceladas de branco nos cabelos. São enormes. São velhíssimas. Sinto que nos adivinham e estendem os grandes braços esguios, procurando enlear-nos. Olho para baixo... Todo aquele verde, camada sob camada, remexe até às profundas como cobras agitadas pelo mesmo desejo. Esperam… Esperam a presa. Quase não há água. Água do mar, só a que se mete entre interstício e interstício de folha. O que há é uma vida escorregadia e verde, um sonho monstruoso, numa luz glauca e movediça, um verde líquido, com transparências doiradas à superfície e que se vai carregando lá para baixo até ao verde negro, ao verde desespero, que no fundo dos fundos espera, cego e imóvel, a presa para a devorar. Anos atrás de anos passam na meia obscuridade da caverna, choque-choque… É um ruído de passos ou a água nas pedras? Choque — apagado, mole, longínquo… Os filamentos verdes enrodilham-se, flutuam ao lume de água, ou repousam como braços inertes. Toquem-lhes e logo a mesma ânsia eléctrica os sacode e se transmite até à escuridão concentrada que se alvoroça... Os remos pegam-se a esta carne movediça e sob as tábuas sinto o contacto da vegetação que nos pressente. Cair aqui é ser apanhado por braços piores que os do polvo, que nos sugam, é ser estreitado e submergido em camadas escorregadias e tenazes ao mesmo tempo, envolto em milhares de cabelos ávidos, e descer entranhado num pesadelo verde e mole. Não há a que deitar as mãos. E a viscosidade, a vida obscura, inconsciente e verde, que, com a força e a tenacidade da inércia, acabam por nos afogar num poço sempre mais fundo, cada vez mais fundo, cada vez mais escorregadio e mais fundo…

Mal se vê: uma espuma e um fio azul estremecendo ao cimo da babugem. O corredor aperta-se e o barco desliza num túnel. Mais escuro — e as algas à espera da prosa… Esperam anos. Meto a mão, retiro-a logo com medo das peles gelatinosas e frias. Nos penedos negros, chapadas mais escuras com estrias vermelhas e buracos que se afundam lá para dentro, para a espessura incógnita. Na

penumbra, a luz que vem de fora reflecte em ondas nas muralhas o movimento incessante das águas. Claridade ao longe, mais luz, e desemboco numa esmeralda engastada em vermelho, numa praia de areia intacta e fina, entre paredões temerosos cor de ferrugem. Em cima a nesga do céu. Dum lado o poço entreabre-se e vê-se o mar num rasgão para lá das rochas que lhe defendem a entrada. Um fio de areia doirada… Ilumina-o uma luz fria de fjord, uma luz morta de paisagem lunar — uma luz que é silêncio ao mesmo tempo. Serena. Serena e indiferente como este espírito que habita a ilha, belo, feminino, solitário e perverso — e que deve ter aqui o seu antro… Água imóvel e silêncio transido. Na areia onde ninguém desembarca descubro uma pegada intacta, o molde delicado de um pé de mulher.

Volto, subo ao planalto e espero a noite debruçado sobre a praia misteriosa. A sombra corta o abismo em diagonal, deixando um paredão iluminado; mas, como a lua avança, a escuridão desloca-se e abranjo um pedaço indeciso do fundo. Luar, farrapos suspensos da muralha a pique, nichos com saliências onde a luz escorre tecendo fios como uma aranha nas paredes duma catedral desmantelada. Uma ave remexe no ninho e torna o silêncio mais pesado e maior. Lá em baixo fios estremecem no alto da ondulação. Reluzem, apagam-se e o recanto da sombra redobra de espessura, cosido com a parede como um malfeitor. Desenham-se arabescos fantásticos no abismo, que assume proporções extraordinárias de profundidade e de mistério: lá em baixo, com a assistência dos monstros nos nichos — que olham e calam — passa-se qualquer coisa que pertence antes ao sonho. Um pedaço de luar, de repente, coalha na sombra; todos os fios brilham ao mesmo tempo como a baba de um caracol à luz primeira da manhã; figuras ténues, que vão desfazer-se num sopro, saem enlaçadas do escuro, numa ronda silenciosa — que se some no negrume e reaparece outra vez. Estou de muito alto e a luz é muito fraca… Mas já não tenho dúvidas: são as nereidas, filhas da incestuosa Dóris, no seu último domínio…

25 de Agosto

MESMO junto à ilhota armam os pescadores a valenciana, porque este é um dos pontos mais piscosos da costa. Ainda hoje a sardinha,

que salta ao lume de água, acode em bandos compactos. Pesca-se o pargo mais saboroso de Portugal e a dourada com riscos na cabeça, de oiro cor de fogo da louça Talavera, o atum, a muge, o godilhão e a lagosta, que se apanha em covos. Fisgam-se nas misteriosas cavernas polvos velhíssimos como os de Vítor Hugo, que vivem em buracos onde só chega uma luz amortecida e verde, atenuada pelas algas desconformes. Aqui têm também as aves marítimas o seu ninho predilecto — os airós, as galhetas e as gaivotas, que passam num grasnido quase humano e que criam os filhos nos paredões a pique, onde só se chega arriscando a vida. Neste fim de Agosto passam para o sul bandos de patos formados em ângulo agudo, com o guia no vértice; pombos cinzentos que voltam de terra com os papos cheios de sementes; maçaricos reais que piam ao pousar no areal, levantando voo para piar mais longe; e o cisne negro que nos dias de temporal dança ao desafio na crista das vagas, furando-as como bom mergulhador.

Se houvesse justiça no planeta, eu já tinha sido nomeado governador deste castelo, onde vivem três veteranos que de velhos criaram musgo — ou pelo menos faroleiro. Como sou um contemplativo, o lugar convinha-me perfeitamente. Os homens devem ser felizes diante deste espectáculo sempre igual e sempre renovado. De Inverno nenhum barco atraca às Berlengas. Só e Deus no mais belo sítio da costa portuguesa!... Atrevo-me a falar a um velho musaranho, de focinho arreliador, que está metido no farol, de costas para o mar, fingindo que me não vê, a esfregar e a polir os metais reluzentes.

— Hein?...

— Hum!...

Rosna e não diz palavra que se entenda.

— Olá!

Olha-me com desprezo e continua a polir os metais já polidos, como se eu não existisse. Mas não desanimo facilmente e teimo:

— Que beleza, han?!...

Toquei-o. O homem sacode os ombros, levanta-se, atira o pano fora, encara-me de frente, com os bigodes assanhados entre as rugas e um olho azul de faiança cheio de cólera:

— Que beleza o quê? Que beleza?... Isto?! — E ri-se. — O vento e o mar! sempre o vento e o mar! O vento, que no Inverno não me deixa chegar à porta, e o mar todo o dia, toda a noite a bramir! O

mar desesperado, o vento desesperado… Eu não sou um faroleiro — sou um náufrago. Que beleza, hein?... Nem posso dormir! nem dormir! Toda a noite o vento uiva, toda a noite o mar ecoa, ameaçando submergir esta ilha do diabo!...

Julguei-me autorizado a interrompê-lo:

— Mas no verão é esplêndido…

— Nem olho. Só me resta uma esperança — fugir. Se não me mudam, endoideço. O amigo sabe quantos endoideceram já? Três!...

E atirando os braços para o ar:

— Uma calamidade! Aqui não se sabe nada, aqui não chega nada. Nunca! nunca! Nem a pneumónica aqui chegou. E não posso ter uma couve, não posso ter uma abóbora... Os coelhos devoram tudo. É uma praga!

— Dê-lhes tiros.

— Tiros?! — E ri-se com dois dentes e desprezo. — Quando quero um coelho, ato um anzol a um pau, meto o pau na lura e tiro o coelho para fora; quando quero um peixe, ato um anzol a uma linha e deito a linha à água… Mas o que eu quero é fugir! fugir! fugir para muito longe, para onde não ouça o mar, para onde não veja o mar!

Roncou... Percebi que repetia com escárnio: — Que beleza, han!... — E voltando-se, outra vez com o pano na mão, continuou a esfregar e a polir com desespero os metais — de costas viradas para o mar…

Olho pela derradeira vez. É para sempre que quero fixar a imagem, a última, a definitiva, a essencial, do morro vermelho a emergir do mar imóvel, cheio de pedras escumantes — a da Velha, a da Estela, a Pedra Redonda, a Pedra de Todo o Peixe, o Guilhão… Duas manchas bastam-me para toda a vida, uma etérea, a outra sangrenta, com um castelo queimado e requeimado como um velho cachimbo ao pé do vidro grosso da água. Duas manchas e um pormenor: o fio de areia onde ficou impresso um pé delicado de mulher…

Regresso num fim de tarde todo de oiro, num mar todo verde. São outras três horas a remo. Deito-me no fundo enxuto do barco e absorvo-me na luz que se transforma. É roxa agora. Desvanece-se mais. Estou encerrado numa grande jóia translúcida e viva — viva! — que pouco e pouco muda de cor. Violeta, toda violeta, e vai desmaiando como quem morre devagarinho com saudade…

NAZARÉ

O HOMEM

Junho — 1923

PARA aquém de Mira pesca-se sempre da mesma maneira e com idênticos aparelhos, na Tocha, na Costinha, em Quiaios e em Buarcos, onde há uma rede curiosa para o robalo e sargo — a majoeira, que flutua na crista da vaga —; pesca-se na Figueira, em Pedrógão e em muitas terrinhas perdidas pela beira-mar, como no areal perto da linda Coimbrã, que me deixou preso ao seu pacífico encanto e às suas casinhas térreas alpendradas. É uma terra de mulheres. São elas que a habitam e que cultivam a areia movediça, enquanto os homens, todos serradores, trabalham em Lisboa no ofício. Mas a Nazaré é a terra mais importante de pescadores nesta parte da costa portuguesa.

Do Valado à Nazaré são seis quilómetros, quase sempre através do monótono pinheiral de El-Rei. É um majestoso templo que não acaba e onde a solidão se torna palpável entre os troncos cerrados e sob as copas espessas. Por fim o caminho desce, passando a Pedreneira, e avista-se lá em baixo a branca Nazaré e o mar apertado num vasto semi-círculo de montes verdes, que mergulham no azul os alicerces. Ao norte o panorama acaba de repente num paredão temeroso, que entra direito pelas águas e entaipa o céu. É um morro avermelhado e riscado, com vegetação pegajosa de urzes e de cardos e um penedo destacado na ponta — o bico do Guilhim. Lá em cima as paredes brancas duma aldeia árabe entre sebes de cactos hostis — o *sítio.* Pedaços de rochas salientes ameaçam desabar a toda a hora…

7 horas

Ao pôr-do-sol, e com a névoa da baixa-mar, que é o hálito puro das águas, este paredão compacto não direi que oscila — seria um exagero — mas empalidece e desmaia, desfeito em pó cinzento e dourado… Desço à praia — ao fio de areia enconchado, cheio de mulheres que carregam peixe ou que o despejam ainda vivo nas grandes chalavaras, por entre barcos agrupados. Três juntas de bois correm sem cessar de batel para batel que abica, entrando na água e puxando-os para cima. Mais longe as netas arrastam sacos de carapau e de sardinha, e no mar que tremeluz em escamas sobrepostas, balouçam-se junto ao morro, à tona de água, as grandes bóias das armações à valenciana que os pescadores levantam de manhã e ao pôr-do-sol. Esparsos, mais barcos, chatas e lanchas de galeões, alguns com lindos nomes, *Formosa Ana, Luz do Sol, Senhora da Memória, Mar da Vida.* Até lá ao fundo pelo areal todo o dia e toda a noite se arrastam artes. Abicam os batéis das caçadas, que levam oito, nove, dez espinhéis por cada homem, e este movimento aumenta pelo dia fora. Na capitania estão matriculados trinta batelinhos para a pesca da lagosta com covos, quarenta chatas com redes de caranguejo, quarenta e cinco aparelhos de arrasto, doze cercos, que só trabalham no Verão, porque muita desta gente vai de Inverno à pesca do bacalhau, seis armações valencianas, duas redondas e três traineiras a remo. É um extermínio. Há ocasiões em que dia e noite se grita, leiloa e salga. Em números redondos, a pesca rendeu o ano passado dois mil contos de réis. Se há peixe, a labuta aumenta e trabalha-se até de madrugada. Só uma noite destas o chicharro deu cinquenta contos. Está tudo preparado para a matança. Homens de vigia no mar em pequenos barcos, quando pressentem o cardume, dão sinal a outros postados no *sítio* para que acudam os cercos.

Vejo-os conduzindo as redes do arraial ou das cabanas para o barco; remendando-as ou secando-as estendidas no chão ou sobre as recoveiras. Vejo-os carregando dois a dois, num pau atravessado de ombro para ombro, os lavadeiros, gigo que leva cabaz e meio, fortes, denegridos, vestidos de escuro, camisola de lã e calça segura pela faixa preta enrolada seis vezes à volta da cinta, e na cabeça o barrete de carapinha com uma borla feita de duas ou três meadas de lã — o Joaquim Chita, o Carlos Petinga, o Cara Má, o Manuel Panelão, o Joaquim da Poupada, o Ernesto Caneco, o Rebola, o Val

Nove, o Vila Mona, o Bexigas, o Mixórdias, o Chicharro, o Ganso, o Esgaio, o Peixe Posta, o Béca, o Véca e o Méca, o Pirão, o António Petinga, o Pescadinha, o Sá Pau, o António Rato Azeitona e outros. Ingénuos e supersticiosos. Um crime é raro. Não há polícia. — Nós guardemos respeito uns aos outros. — Têm um medo às bruxas que se pelam. Quando a Leonor com a fralda da camisa azanga o barco, já se sabe, não há peixe: correm então à Marinha consultar outra bruxa, ou trazem o padre à noite para lhes benzer o barco e as redes à luz de archotes.

Vai longe o tempo em que a mulher ia casar de capa, lenço de seda e um casaco chamado roupinha, e ele ao lado de calção, meia de seda e chapéu alto. Estão pobres. Bebem tudo quanto ganham o deitam-se na areia. Se o primeiro lanço, da neta não dá peixe, desanimam logo. — Não há sardinha… — Se uma companha deixa ficar a rede no mar horas, não se ralam. — Vocês hoje não pescam? — Guardemos-lhe respeito. — Houve neta que para fazer um lanço aguardava sete dias e os outros esperavam todos a vez. As mulheres só levantam cabeça depois de eles morrerem. Aqui há anos num naufrágio perderam-se no mar alguns pescadores da Nazaré. Fez-se uma subscrição que deu para as viúvas viverem algum tempo. E as outras com inveja lá diziam:

— Foi pena o meu não ter morrido também…

Os barcos das caçadas largam de noite com uma pequena tripulação para o mar da cana do noroeste, que dá o goraz, para o da cana rica, que dá a pescada e o goraz, para o dos algarvios, que dá safio e cherne, e para o do lageto, que dá peixe-espada. Os homens vão em ceroulas e levam o tabaco, os lumes e a navalha no barrete, que lhes serve de algibeira. Exclamam ao entrar na maresia: — Louvado seja o Santíssimo Sacramento! — Nos batéis mais pequenos cada homem leva oito, nove, dez espinhéis; e nos maiores, com dezanove homens de companha, o arrais, quinze camaradas e três moços, cada um pesca com sete linhas de aparelho, lançadas em círculo por uma lanchinha que vai no batel. O barco é quase sempre de um pescador e de dois ou mais sócios, e o produto da venda distribuído em tantos quinhões quantos os tripulantes. Os espinhéis ganham dois quinhões e o barco outros dois.

Este que entrou agora, e cujos homens me rodeiam, vem alastrado de raias, de cações e de gorazes. Pescadas poucas e um

anequim acinzentado com uma grande barbatana no dorso. O mar da Nazaré, muito rico, dá cherne, pargo, moreia, tamboril, abrótea, peixe-rei, peixe-anjo, serrajão, cachucho, chaputa, orega, toninhas, sardas, corvinas, peixe-agulha, peixe-galo, lagosta, lavagantes, santolas, e nas pedras perceves, mexilhões e lapas. Mas os pescadores queixam-se:

— Isto dá para viver mal…

Fito-os. É o mesmo tipo que conheço de Aveiro, de Caparica e de Sesimbra. O patrão Joaquim Lobo, de grandes barbas brancas, afirma que esta gente veio de Ílhavo. Alguns lembram-se de ouvir a mesma coisa aos velhos, e teimam: — Somos de Ívalho… Viemos de Ívalho… — Também tenho a ideia de que foram os cagaréus que povoaram os melhores e mais piscosos pontos da costa. Ontem como hoje, vinham por aí abaixo, aos dois e três barquinhos juntos, até ao Algarve. Aparecia-lhes toda a costa incógnita, os penedos nascidos no meio do mar, os fios de areia reluzindo e as baías entranhadas nos paredões. À aventura iam ter às águas do peixe. E eu sinto como eles a primeira impressão dum panorama nunca visto e duma frescura que ninguém respirou. Descobriram os sítios a que a sardinha se encosta, os fundões que dão a pescada e o cherne, e os melhores abrigos para refúgio no mau tempo. Sabiam a costa a palmos. Voltavam um dia com a mulher, os filhos, a rede e a panela da caldeirada. Fixavam-se no areal, construíam os palheiros cobrindo-os com rama, e fundavam uma nova povoação.

O peixe era tanto como no princípio do mundo. Aí estou outra vez a ver e sentir a frescura matutina, o princípio do dia desfeito em poeira azul, a sardinha faiscando na água, o panorama novo e o mundo inexplorado…

A CHATA E A NETA

Vou pela praia fora… A chata, com a proa em bico e a popa cortada, só meio barco — a chata barriguda e forte, de grossos tabuões, deve ser a embarcação primitiva desta terra, como o aparelho de arrasto a que chamam neta é um engenho muito velho e que veio de mão em mão, empregado por gerações atrás de gerações, já desaparecidas, de pescadores. A primeira coisa que acode ao homem esfaimado que vê o peixe em cardumes

formidáveis reluzir e saltar ao lume de água, é atirar-lhe um grande saco e puxá-lo para a terra por duas cordas atadas às pontas… A neta tem um saco, duas mangas e duas cordas. Dividem-na aqui em três peças — saco, boca e mãos; a boca com quatro muros, o saco com cinco, que vão alargando de malha até à boca, e as mãos com a arcanela, o cassarete, o regalo e o pano delgado. Às cortiças chamam-lhe panas, às chumbeiras rebiças, e à costura por onde se abro o saco, linhol.

Andam sete na praia na faina do arrasto, e hoje vai dar peixe com certeza, porque quando a água está agitada sobre os parcéis e se põe negra, há chicharro e sardinha em abundância. Cordões humanos puxam as cordas: deitam-nas às costas sobre os ombros, e de esguelha, com o braço esquerdo estendido e a mão direita agarrada à corda junto ao pescoço, vão alando devagar o saco. Já se vêem os odres de pé no mar. Acode então mais gente — rapazes, mulheres, homens de calça arregaçada, para ganhar um quinhão.

— Arriba! arriba!

— Venha arriba, com o Corpo de Deus!

— Venha arriba, rapaziada!

Os odres aproximam-se e os cordões cruzam-se para apertar a rede, alando-a lentamente, caídos para a frente e enterrando-se na areia.

Anda aqui um velho com a cara enrugada e a boca entreaberta. A vida encheu-o de dedadas de um relevo extraordinário — amargura, resignação, dor e humildade: é um tipo este homem que não pode e há-de ir até ao fim curvado e exausto.

Anda aqui um rapaz que mal chega à corda, e uma mulher com os braços estendidos e o filho ao colo, seguro pelo chalé traçado sobre o peito. E o pequeno de mama já sente na carne da mãe o esforço e a rudeza da vida trágica.

— Arriba desta banda agora!

— Do norte! do norte!

Lá em cima, um a um, largam a corda e tornam abaixo a correr. O velho resfolga e a criança de colo desata a chorar.

— Vá lá a ver, gente! Vá lá a ver, por Deus, nomes!

Ao longe puxam-se outras netas. São seis ou sete que trabalham por dia. Mais para o fundo os montes todos roxos saem do mar esverdeado. Ao norte o paredão parece maior e mais escuro… Gritos. Palmas. Viu-se o saco boiar, sinal de que vem cheio.

— Arriba! arriba! força!

Dois, três homens entram no mar, deitam-lhe as mãos num grande arranco e a onda inunda-os dos pés à cabeça.

— Arriba, gente!

— Ah rapazes!

E aí vem o saco pela areia acima por entre gritos e o derradeiro esforço das mulheres, dos homens, do pequeno que mal chega à corda, já entregue às mãos rudes que o hão-de afeiçoar, da rapariga com o filho seguro pelo chalé, e do velho desdentado, que já não pode mais e que enterra os pés na areia — três figuras para um grupo de trabalho, todas três dobradas a arrastar a mesma cruz da vida.

É noite, mas toda a noite se pesca. O peixe, trinta chalavaras, vai ser aleiloado e vendido… Não tiro os olhos do quadro e vejo atrás destas figuras outras figuras e outras gerações. Foi sempre assim. Os mortos entregaram aos vivos este fardo para carregar. Era assim, com a nobre arte da xávega, que os nossos pais tiravam o ventre de misérias.

— Venha arriba, com o Corpo de Deus, homes!

Já se não distinguem os montes. Ficaram só aqueles fantasmas roxos e o paredão a pique que se recorta mais negro e mais compacto na última poalha esvaída do sol.

A MULHER

TODA a noite ouço chamar de porta em porta.

— Ó sr. António, são duas horas. Vamos lá ver abaixo, com Deus. Está marzinho.

Adormeço. Levanto-me. Mas por mais cedo que me levante, já a praia está animada e viva. Fixo as mulheres arrostalhadas pelo chão, sentadas em grupos, ou voltando para casa com o dedo indicador metido na boca das raias escaladas e já prontas para a ceia. São a vida desta terra. Surpreendo-as na labuta de todos os dias: carregando peixe, salpicando-o de sal e estendendo na areia sobre palha o cação, o polvo, o carapau, para a seca; sentadas às portas discutindo ou praguejando umas com as outras no leilão: — Mar te alimpe! — Mar te afervente! — Algumas são já velhas e deformadas pela vida, mas conservam um clarão de energia no

olhar. — Onde vai ? — Vou ao estendar buscar peixe. — Baixas quase todas, de ancas largas e peitos sólidos. Grosseiras e fortes. Língua de um poder expressivo inigualável, colorida e pitoresca, quando se zangam, quando vão buscar os homens à taberna, quando falam ao mesmo tempo e gesticulam, ou a chorar quando contam a sua vida de bestas de carga. Duas descompõem-se, uma em frente da outra, com as mãos na cinta: — Olha cá, Mar' da Luz! — Que queres tu, Mar' Santana? — O que quero eu? Quero saber em que contos me foste meter co'a Lianor na bordadágua. — Eu! só se estás pardinal! (bêbada) — Estou sim, vem cá tomar o bafo. Pensas que sou comati que vinhas noutro dia areada pelo caminho de fora (a estrada). — Como sabes que o teu home só vai ao mar quando ele está de rojo (calmo), por isso é que falas dessa maneira. — Então o meu home não é tanto com'ó teu?... — Descompõem-se e engalfinham-se… É um momento, um momento único de balbúrdia, cheio de exclamações e de gestos imprevistos e duma vida de instinto que vem de repente à tona. As outras formam roda. Vestem todas da mesma maneira, todas de preto. — Lenço de pontas caídas; por cima o cabeção da capa de lã, que lhes chega um pouco abaixo dos quadris e as resguarda do frio e da salmoura; e sobre a capa um chapéu de feltro grosso com as abas altas reviradas e uma grande borla de seda ao lado.

Isto numa mulher alta e airosa é um dos mais lindos e discretos vestuários que conheço. A capa emoldura-lhe a fisionomia; do chapéu, se é loira, saem-lhe as mechas douradas que tão bem ficam no preto. Não há nada que corrigir nas linhas da capa, que encobre e realça as formas, e o tom escuro não dá nas vistas e harmoniza-se com todos os tipos e todos os ambientes, aumentando a distinção da figura e acabando por a pôr em destaque sem exageros, chamando naturalmente para ela todas as atenções, sem que as reclame.

São elas que alimentam toda esta região de Leiria a Santarém, e que levam ao lavrador, ao paleco, como lhe chamam, e ao jornaleiro enfastiado de pão seco o mantimento, o presigo saboroso. Com azeitonas, uma caneca de carrascão negro e espesso como tinta, e três sardinhas, já a vida toma outro aspecto para o homem calcinado e farto de remover a terra. São elas que toda a noite, quando se pesca toda a noite, separam o peixe, o amanham, o secam no tendal e o levam para os armazéns de salga. E pela manhã põem-no a caminho para as Caldas (20 km.) ou para Alcobaça (12 km.) com o peso de duas ou três arrobas à cabeça. Infatigáveis. Em

tempos chegavam a ir a Santarém, acompanhando o burro com a carga e trotando ao lado da alimária. Apregoam pelos casais dispersos e deitam a um canto os maiores e mais espertos negociantes desta terra. À noite dormem — se não há peixe na praia. Se há, partem outra vez com a canastra à cabeça e um pedaço de pão no bolso para o caminho. E o tempo ainda lhes sobra para cuidar dos filhos e para trazer a casa limpa e esteirada. Nenhum pescador vive como o da Nazaré: pode-se comer no chão.

A velha que tenho diante de mim é o tipo que esta vida foi transformando, amolgando, rugas por onde tem caído as lágrimas, mãos deformadas e negras, que ganham o pão de cada dia, cheiro a salmoura, e uma beleza extraordinária, a beleza da verdade e da vida trágica, dos que cumprem a existência e só caem esfarrapados e exaustos:

— O estipor da vida que eu levo, sempre molhada até aos ossos! até ficar encarangada como estive sete meses! Juro pela rosa divina (o sol) que é verdade o que digo! Por causa destes homes! pelos sete filhos que criei aos meus peitos, dia e noite naquela estrada! Às vezes a minha vontade era deitar-me no chão e nunca mais me erguer. Se há inferno! se depois do que eu tenho chorado inda há inferno!... Assim Deus me livre daquele leão sagrado (o mar), ou eu seja como a Antónia da Joana (cega) se não falo verdade… Morrer? diz vossemecê que é melhor morrer? Não! viver pelos netos, pelos homes, e trabalhar até ao fim dos meus dias!

Tive sempre a ideia que quem manda em todo o país é a mulher. Na lavoura, às vezes o bruto bate-lhe, mas é ela que o guia e lhe dá os mais atilados conselhos. E é ela em toda a parte que nos salva, parindo filhos sobre filhos para a emigração, para a desgraça e para a dor. Creio que só assim parindo e gemendo, tecendo e lavrando, mas principalmente parindo, é que se equilibra a nossa balança comercial, o que nos tem permitido viver como nação independente. Valem mais que o homem, sacrificam-se mais que o homem — mas aqui o seu trabalho é tão palpável que toda a gente afirma que a mulher da Nazaré é a alma desta terra. Os pescadores obedecem-lhes — a bem ou a mal, dizem… Não é, como em toda a parte, insinuando-se, que a fêmea, mais fina que o homem porque cria, o governa nesta terra. Aqui impõe-se, aqui existe a verdadeira e autêntica casa do Varunca — e sólida apesar de edificada sobre areia… Da praia para cima só elas põem o dispõem. Eles, saindo do

barco, metem-se na taberna e bebem. Sóbrios na comida, gastam quase tudo que ganham a beber: a percentagem e a rodada ou o giro. Só entregam em casa intacto o salário. Se as mulheres lhes batem, como corre, na verdade acho bem feito. — Eles merecem-no…

O SÍTIO

ANTES de me ir embora vou lá acima ao sítio. É uma aldeia branca e deserta, com o templo, a capela e o penedo onde se deu o milagre. Do alto deste grande morro descobre-se de aeroplano um largo panorama — o mar infinito, a ampla baía formada pelos montes, a branca Nazaré ao pé da areia, a toalha líquida do riozinho que se espraia e detém ao chegar à costa, e do lado da terra os eternos pinheirais, donde emerge o cone mais agudo de S. Bento, com a ermida e a guarida do vigia. Percorro as ruas e a praça. O silêncio duma povoação abandonada. Só encontro o padre, duas mulheres e uma criança. Os homens foram todos (mais de trezentos) para a longínqua pesca do bacalhau, que dura de Maio até Dezembro. Durante essa longa ausência a mulher não muda de roupa nem de vestido e nunca mais se deita na cama onde dormia com o homem, que lhe leva a enxerga para bordo: fica no chão com os filhos sobre esteiras.

Regresso na véspera de S.to António. Todo o campo está iluminado e o céu cheio de estrelas. Não há casal onde não arda uma fogueira, e parece que são as cintilas do lume cá de baixo que se agarram e reluzem no escuro lá de cima.

LISBOA, SETÚBAL, SESIMBRA E CAPARICA

Agosto — 1922

PARA o sul da Nazaré pesca-se na Foz do Arelho, onde os homens ergueram palácios em frente do mar, o que me parece fora de todo o propósito: diante do mar só uma construção transitória, uma barraca, é que fica bem; e junto à Foz, na lagoa de Óbidos, jóia azul encastoada em terras barrentas, onde se apanham magníficas tainhas. Pesca-se em S. Martinho, uma gota de água entre montes avermelhados, e lá no fundo, no gargalo da entrada, um fio branco de espuma. Pesca-se no Seixal, na Atalaia em Ribamar, em Santa Cruz, no Assento, na Ericeira e em Cascais. Em toda a costa há buracos, angras, refúgios em que a onda se espraia, fios de areia que parecem de oiro, águas adormecidas entre pedras recortadas, anfractuosidades, terra portuguesa que vem desde o monte da Gelfa estendendo os braços para o mar, e que aqui em Lisboa o aperta mais contra si. Estreita-o em Setúbal, e depois em Sines, e por fim em todo o Algarve, nas bacias de S. Vicente e de Sagres, no espaçoso Lagos, nas rochas decorativas, em que as despedidas se prolongam com saudade. E o mar, que é quase sempre revolto e verde no norte, vai pouco e pouco mudando de cor… Conhece-se logo, passado o cabo, na Figueira; depois em Peniche; quando entra por Lisboa com majestade e beleza; e nas praias do Algarve, em que chega ao cobalto grosso como tinta. Mas onde ele atinge a perfeição é em Setúbal. Em Setúbal é imaterial. Sonha ao pé da estrada que vai a Outão, e reflecte na água cismática a sombra avermelhada dos montes, a grande curva voluptuosa com a Arrábida por pano do fundo. Ali sente-se que a água anda presa à baiazinha, a Outão e à serra. Contemplam-se e não se podem deixar. O mar não tem consistência: não é o verde do norte, não é o caldo azul do Algarve

— é poeira e luz. Para os lados do Sado a baía é ilimitada… Um clarão. E há uma época do ano em que a serra se veste de roxo, e então é que é vê-la desdobrada nesta água que é sonho e adormecimento ao mesmo tempo.

Alguns homens fisgam a lula, metidos na água até à cinta. Vapores carregam infatigavelmente barcos de sardinha. São montanhas que todos os dias se extraem do mar. A matança é enorme e constante. Pesca-se em Lisboa, em Sesimbra, na costa da Arrábida, em Sines, Galé, Porto Covo etc. Só no distrito de Lisboa há doze portos de pesca marítima e dentro e fora da grande baía de Lisboa trabalham os seguintes barcos: dezoito cercos, vinte oito vapores de arrasto, sessenta e seis barcos com setecentos e sessenta e três aparelhos de anzol; cento e oitenta barcos com mil cento e noventa redes — arrastos, botirões, branqueiras, camaroeiros, chinchas, chinchorros, curvineiras, covos, sabugagens, savaros, solheiras, tresmalhos e rascos.

Vão e vêm os galeões a vapor, as canoas, os saveiros grandes com doze tripulantes e que levam uma tarrafa para pescar a sardinha fora da barra, os botes e chatas, os barcos que acompanham os galeões e que se chamam buques, os saveiros pequenos com dois pescadores, que levam cinco savaras para peixe miúdo, nove sabugens, nove tresmalhos e nove branqueiras; cinco barcos com quatrocentos e onze aparelhos que pescam fora da baía.

Só os vapores fizeram em 1922 vinte mil contos, números redondos, em peixe graúdo, e os cercos cinco a seis mil contos de réis em sardinha. Em Setúbal partem todos os dias os barcos para o mar. O movimento redobra. Setúbal e Olhão são os dois grandes portos de pesca. Sardinha — sardinha — sardinha… Esta península da Outra Banda, limitada por duas baías, devia ser um paraíso, pelo seu excepcional clima e pela sua luz admirável, e bastante, só ela, para, terra e mar, alimentar duas ou três vezes a população de Lisboa, se terra e mar fossem convenientemente cultivados. Mas nós só temos um sistema bem organizado — o da destruição…

CAPARICA

Janeiro — 1923

DA horrível Trafaria à Caparica gastam-se dezoito minutos num carrinho pela estrada através do pinheiral plantado há pouco. Os pinheiros são mansos, anainhos e inocentes: — os pinheiros novos são como bichos novos e têm o mesmo encanto… Ao lado esquerdo desdobra-se o grande morro vermelho a esboroar, e ao outro lado o terreno extenso e plano rasgado de valas encharcadas. De repente uma curva, algumas casotas cobertas de colmo — Caparica. Primitivamente isto foi um grupo de barracas que os pescadores aqui ergueram neste esplêndido sítio de pesca, à boca da barra, a dois passos do grande consumidor. Têm um ar ainda mais humilde que os palheiros de Mira ou Costa Nova. Quatro tábuas e um tecto de colmo negro com remendos deitados cada ano: alguns reluzem e conservam ainda as espigas debulhadas do painço. No imenso areal o barco da duna, sempre o mesmo barco, maior ou mais pequeno, próprio para a arrebentação, de proa e popa erguidas para o céu.

Trabalham seis companhas em quatorze barcos. Já trabalharam oito. Cada barco emprega vinte e um homens, contando dez que ficam em terra. Usam quatro remos: um grande de cada lado e dois pequenos, servindo os maiores para aguentar o barco quando as águas puxam e se vai ao mar a risco. A cada a remo grande agarram-se três homens e dois aos mais pequenos. O espadilheiro guia o barco com outro remo — a espadilha. Quando há muito peixe fazem-se três lanços cada dia, e trabalha-se todo o ano se o mar deixa. A rede é a de arrasto para a terra. O barco sai ao mar deixando um cabo nas mãos dos dez homens que ficam no areal, e vai-o largando pouco e pouco — cinquenta e tantas cordas de dezoito braças cada uma. Quando o arrais acha que se deve largar a rede, diz: — Em nome da Senhora da Conceição, rede ao mar ! — E larga-se o calão, em seguida o alar, depois o saco, e por fim o outro alar e o calão, trazendo-se a corda para a terra. Abica, salta a tripulação e com os homens de terra arrastam a rede. Apanha-se sardinha, carapau, e às vezes em lanços de sorte, e quando menos se espera, a corvina, alguma raia, pargo e linguado.

Uma grande extensão de areal, só areia e mar, barcos como crescentes encalhados e alguns pescadores remendando as redes. Nem um penedo. Areia e céu, mar e céu. Dum lado o formidável paredão vermelho, a pique, desmaiando pouco e pouco, até entrar pelo mar dentro todo roxo, no cabo Espichel. Do outro o mar azul metendo-se, num jorro enorme, pela ampla barra de Lisboa, deslumbrante e majestosa. Donde isto é esplêndido é acolá do alto

do convento dos Capuchos. Assombro de luz e cor. Amplidão. As casotas da Caparica aos pés, o mar ilimitado em frente, ao fundo e à direita a linha recortada da Serra de Sintra com as casinhas de Cascais e Oeiras no primeiro plano esparsas num verde amarelado… E a luz? E o prodígio da luz ?... A gente está tão afeita à luz que não repara nela e trata como uma coisa conhecida e velha este azul que nos envolve e penetra e que desaba em torrentes sobre as águas verdes desmaiadas e sobre as terras amarelas e vermelhas até ao cabo Espichel… Mas fecho os olhos — abro os olhos… Imensa vida azul — jorros sobre jorros magnéticos. Todo o azul estremece e vem até mim em constante vibração. Quem sai da obscuridade para a luz é que repara e estaca de assombro diante deste ser, tão vivo que estonteia…

SESIMBRA

Fevereiro — 1923

DA lazarenta Cacilhas à piscosa Sesimbra são seis léguas por uma estrada atravessada de barrancos, que o tráfego do peixe arruinou. Grupos de pinheiros mansos, ramilhetes de oliveira, e de quando em quando, por um rasgão imprevisto, o esplêndido estuário do Tejo e ao longe Lisboa na moldura de terras a pique cor de barro. Dia de sol — primeiras flores nas árvores. Até próximo de Sesimbra a estrada segue por terras uniformes cor de giz. De quando em quando o panorama alarga-se e vê-se até ao mar. Reluz num fundo a chapa de aço da Lagoa. Mais para além um grande areal indistinto. A certa altura, porém, começa a aparecer à esquerda o dorso formidável da Arrábida e algumas casinhas juntas com lindos nomes rústicos — Quintinha, Sant'Ana, Cotovia. Estamos perto. A carripana vai descendo para Sesimbra pela estrada em torcicolos, entre dois montes que se abrem, um com moinhos velhos afadigados lá no alto, outro com o castelo em ruínas como um queixal cariado. A vila em baixo fica aconchegada no regaço dos montes que a amparam e desce-lhes até aos pés — até ao grande areal exposto ao sul, que a ponta do forte Cavalo limita à direita, e o morro do Aguincho, acabando em focinho desmedido e brutal, limita à esquerda. A esta hora, seis da tarde, um está reduzido a

sombra espessa, e o outro escorre ainda o vermelho do último sol. Um grande forte de Lippe, raso com o mar, ao meio da praia cheia de barcos encalhados e de reboliço humano. Casas pobres, casas lacustres, armazéns, redes a secar nos varais. Anoitece, mas a vida não cessa. O peixe das caçadas é arrematado à noite, quando os barcos regressam da pesca. Pelo areal fora, em quatro ou cinco fiadas paralelas, cada caçada expõe o seu peixe, que reluz ao luar com um tom de prata antiga — gorazes a um lado, e pescada, chernes a outro, todos em quatro, cinco filas alinhadas, e o grupo de regatões à roda a disputá-los ao clarão dos archotes.

Usam-se em Sesimbra dois sistemas de pesca, a armação à valenciana, que dá a sardinha e o chicharro, e a pesca do anzol, que dá a pescada, o goraz, o pargo, o cachucho, etc, além de outras de menor importância, como a sacada, a arte de arrasto para bordo e a arte de arrasto para terra. A lula pesca-se com alfinetes, a lagosta com cobos e o polvo com cacos velhos.

A armação emprega quatro barcos e quarenta homens, pouco mais ou menos, e a barca de caçada dezoito a vinte pessoas e perto de trezentas talas com anzóis. O proprietário da armação dá ao pescador dez tostões diários, e vinte por cento sobre o produto da venda, incluindo o arrais e a rodada de cinco homens que conduzem o peixe à lota, a quem é distribuído mais quinze por cento. Do peixe têm todos dois caixotes para a alimentação. Na arte de arrasto, a quarta parte da venda é para o proprietário e o resto para a companha, que paga o imposto à alfândega, o sebo, os archotes, o azeite, e, sendo o lanço grande, a renda da loja.

São mais de quinhentas as embarcações varadas no areal — barcas, botes e aialas, e além destas o batel com uma trave saliente na proa, o gavete, que serve para levantar a testa da armação.

O pescador de Sesimbra, que vai às vezes muito longe, não conhece a agulha de marear. Regula-se pelas estrelas e pela malha encarnada da serra. Lá fora, quando vêem o cabo ao nível de água, dizem que estão no mar do cabo raso, e, quando o farol desaparece, estão no mar do cabo feito. Conhecem a costa a palmo: o mar novo, que dá o peixe-espada, o mar da regueira, que dá a pescada, o mar da cornaça, que dá o goraz e o cachucho, e o do rapapoitas, que dá os grandes pargos, conhecidos por pargos de morro.

Este homem é de instinto comunista. Se um adoece, os outros ganham-lhe o pão: recebe o seu quinhão inteiro. Se morre,

sustentam-lhe a viúva e os filhos entregando-lhe o ganho que ele tinha em vida. Dão ao hospital e ao asilo uma parte do pescado. Toda a gente tem direito a ir ao mar — toda a gente tem direito à vida. Vai quem aparece, desde que seja marítimo. Acontece que o barco leva hoje quarenta homens e leva vinte amanhã… O produto das artes é dividido em quinhões iguais pela companha. A pesca do anzol é uma espécie de cooperativa, e a barca quase sempre dos pescadores.

Seis horas da manhã. Noite de luar claro e frio. Desço a rua ainda tonto de sono. Ao longe o moço chama: — Ó tio Julião, vamos embora... pra-a loja!... — Muitos homens dormem na barraca onde se guardam os apetrechos das artes. Entro. Uma luzinha fumega. Redes, remos, cabos, pedaços de velas, e sombras, tudo misturado. Remexem vultos no escuro. Sobre a tarimba mal distingo farrapos de homens deitados.

— Vá lá! vá lá!... — diz o arrais.

Erguem-se, juntam-se e o grande barco começa a deslizar nos panais. Salto dentro e encolho-me ao pé do moço, na caverna. É noite, noite de lua redonda e gelada. Os homens remam em cadência e o panorama vai saindo do escuro à medida que o barco se afasta, todo em sombras empastadas e enormes, cortadas a pique, que se destacam pouco e pouco umas das outras em fantasmas de penedos, em morros salientes com buracos metidos lá para dentro… Ao cimo da água, dum azul quase negro, escorre o luar em tremulina. São mil fios de luz que estremecem ao mesmo tempo…

Sete horas. Lua ainda muito alta aspergindo a terra de pó branco. O barco abriga-se do noroeste junto à costa, ao pé dum grande penedo donde se levanta uma revoada de corvos assustados. Ao nascente, sob a estrela d'alva, distingue-se uma nódoa rosa. O moço vai dizendo o nome de todas as pedras e explica:

— Aqui estamos abrigados da lapeirada do vento…

Noto que a luz já não é a mesma. Não é a claridade do dia, é ainda o luar. Mas o pó branco sensibilizou-se e estremece.

— Vamos lá! vamos lá às artes!

Os homens remam numa cantilena monótona: — Rema! rema! Ceia agora!... — Ergo-me e vejo o mar coberto de embarcações iluminadas pelo fogaréu dos archotes. São as artes, que esperam o nascer do sol para o lanço; são as armações que começam a alar a

rede: — Rema! rema!... — Avermelha e alastra a mancha do nascente…

Momento único. Momento em que o branco desmaia e em que a luz do luar e a luz do sol se entranham e misturam. O grande manto branco escorre sobre as águas e já o nascente lhe ilumina a esteira mágica, que estremece toda. Olho para o céu: no céu, azul às enxurradas lavando-o do luar. Aumenta e alastra a claridade. A lua teima, caem jorros brancos que não cessam, mas o nascente, num triunfo, enche tudo de luz. Os grandes morros emergem da tinta azul como colossos ensanguentados. Mais fragas além — toda a costa recortada. Cabos enormes e maciços, e ao longe o Pombeiro entrando de rompante pela água dentro. Panorama a vermelho. O sol escorre sobre as palhetas do grande manto branco, que vibram como se fossem levantar voo. E todo esse luar magnético e branco, ao mesmo tempo que estremece e reluz, doira. Doira um instante e morre…

É quase dia. Sobre o nascente duas nuvenzinhas como véus. Já distingo as silhuetas dos homens alando as artes contra a luz. Dois barcos puxam a rede e juntam-se à medida que se aproximam do saco.

— Leva arriba! leva arriba!

— Agora! agora!

O saco está à borda. Vêem-se as bolhas cobrindo a superfície da água: o gorgolido. A sardinha não tarda a vir com a cabeça ao de cimo. É o que se chama coutejar. Já os homens começam a tirá-la para dentro dos barcos com as chalavaras.

— É pouca…

— É uma teca — diz o moço, designando a pequena porção de peixe.

Sete e meia. É dia claro. Ao pé de mim mergulham dois patos pequenos de dorso escuro e peito branco, dois macorrilhões, e um roaz salta fora da rede. Os primeiros raios de sol batem em cheio em Sesimbra apinhada à beira mar.

— Vamos agora ao calhau.

É a armação valenciana, de que se vêem as grandes bóias de cortiça ao lume de água — construção complicada que se compõe de corpo, rabeira e legítima. O corpo compreende a câmara, o bucho e o copo, trapézios mais ou menos regulares, fechados por

redes verticais que vão da superfície até ao fundo. A rabeira vem da terra até à boca da armação, de maneira que a sardinha, encontrando-a, caminha até à boca do copo, onde se mete.

Quando chego, já os homens, de avental de oleado, puxam o copo para a borda dos barcos, apertando pouco e pouco o cerco.

— Ou! ou!

— Leva arriba! leva arriba!

O movimento dos braços acentua-se.

Curvam-se, agarram a rede, erguem-na até si. O barco, cheio de água, adorna.

— Ou! ou! vai! vai!...

Estamos quase à testa do copo e a rede metida no meio dos barcos. A sardinha salta. Mergulham as grandes chalavaras encabadas num pau dentro do saco, tirando-as cheias de vida.

— Venha de lá uma caldeirada!

Vamos regressar. A vaga estoira na areia. O mar está corso. — À terra! à terra! à espia! — grita a companha. Aproximamo-nos. Agarram-se a um cabo fixo no mar e vão-no puxando a si: o barco corre direito à maresia. É o momento dramático: a onda apanha-o, impele-o, salpica-nos de espuma e atira-nos pela areia acima…

SARDINHA! SARDINHA!

O que se arranca ao mar só em sardinha é prodigioso. Todas as manhãs os vapores correm as armações valencianas e trazem os barcos carregados para a fábrica. Todas as noites infatigavelmente o cerco americano apanha sardinha; todo o dia infatigavelmente a arte da xávega no Algarve, as netas e outros aparelhos por essa costa fora, puxam a rede para a terra. Pescam nas nossas águas os galeões espanhóis, os navios ingleses e franceses; e as criminosas traineiras, depois de exterminarem o peixe na costa da Galiza e na baía de Vigo, onde ele entrava em inesgotáveis cardumes, espalhando-se pelos braços da ria, matam-no a dinamite e a carboneto, de Peniche até Leixões e mais para o norte ainda. De dia, de noite, rapam-na os pescadores do fundo do mar. Juntam-se os poveiros, os matozinheiros, os cagaréus, os do norte e os do sul, os algarvios, os dos grandes aparelhos aperfeiçoados e os dos aparelhos primitivos, e todos os dias alastram os areais de peixe

vivo, que se vende fresco, salgado, em latas e barricas, que se consome no país ou se exporta para o estrangeiro. Em alguns pontos, como em Olhão por exemplo, a sardinha é um jogo apaixonado. Enriquece e arruina, compra-se a prazo, e vende-se às vezes mais barato do que custa, quando o fabricante se vê obrigado a lançá-la ao mercado. Nenhum peixe dá mais dinheiro e poucos têm mais préstimo. Ocupa o terceiro lugar na escala da alimentação e está muitos furos acima do bacalhau, o fiel amigo.

É aos montes que a sardinha é apanhada por essa costa para enriquecer meia dúzia de felizes. Daqui a meio século não há uma escama nas nossas águas fertilíssimas. O planalto que se estende até algumas milhas da costa, e que foi revolvido pelos vapores de arrasto, matando a criação e reduzindo à pobreza os pescadores primitivos, é agora explorado pela indústria por todos os processos e feitios. Sardinha — sardinha — sardinha…

Carregada em barcos, a dorso de cavalgadura ou nos carros alentejanos de toldo e grandes rodas, acarretam-na para a fábrica. Levam-na os rapazes e as mulheres em gigos e redes para casa. Furtam-na os homens da companha que têm uma larga parte nesta matança. Só um mestre dum barco do Fialho ganhou em 1922 em percentagem, afora o ordenado e o quinhão, quinze contos de réis. É o peixe que dá mais dinheiro. Por isso a destruição é enorme e sem folga, dura o ano todo, antes da desova e depois da desova, à rede, a tiro, sem cessar e sem tréguas — uns barcos em terra, outros no mar, uns pescando-a e outros conduzindo-a, com a borda metida na água. Cheira a sardinha.

Como os antigos pescadores já não chegam para esta matança, chama-se em auxílio a gente da terra — no Algarve o montanheiro, no norte o lavrador. Multiplicam-se as fábricas, procuram-se novos meios de destruição. O azeite corre como um rio: é preciso importá-lo, que não chega. O sal aumentou de preço, porque só este greiro branco permite que o peixe não se estrague. Ao sair do barco, até o peixe que se destina à conserva é logo salpicado. Organizam-se companhias a toda a pressa, e de norte a sul a exploração redobra. É uma febre. São montanhas de prata que o mar produz — tão grandes e tão inesgotáveis que ainda hoje do alto da Arrábida sucede ver-se todo o mar reluzir com o cardume. Tenho a impressão que o mar é compacto, só sardinha — sardinha — e sardinha. Estou farto. (1)

———

(1) Todos os pescadores de norte a sul se queixam de que o peixe falha. Queixam-se de Caminha a Aveiro, queixam-se os da Nazaré, os de Sesimbra e os de Olhão, que emigram para a América. Porquê? Porque, já o disse, nós só temos um sistema bem organizado — o da destruição. Primeiro os vapores de arrasto revolveram o planalto matando a criação e destruindo os pastos. Vieram logo a seguir as criminosas traineiras, que matam a dinamite, e por último os barcos estrangeiros que empregam agora o carboneto. Se juntarmos a isto a falta de método e de fiscalização efectiva, os excessos cometidos por todos e as leis e os regulamentos que não se cumprem, é fácil de ver porque falta o peixe, e de prever também que dentro de cinquenta anos não haverá uma escama nas fertilíssimas águas portuguesas. Fartem-se enquanto é tempo.

Que havia a fazer?

— Proteger eficazmente o planalto, que em geral tem uma profundidade pequena e poucas milhas de largura, e o fundão, a beirinha, como lhe chamam os pescadores.

— Regulamentos severos e executados a rigor.

— Proibir às traineiras e aos cercos a pesca da sardinha durante a desova. Hão-de ser obrigados a fazê-lo dentro em breve.

— Vapores de arrasto poucos, ainda que hoje são menos nocivos, porque vão pescar para muito longe. Júlio de Vilhena chegou à conclusão, no seu relatório, de que não se deviam permitir mais de quatro vapores em Lisboa e três no Porto. E estes em vista das necessidades de peixe fino criadas pelas populações das duas cidades, que só os vapores podiam fornecer com abundância. Esta questão vem do longe e foi sempre complicada. Quando veio a república esperou-se uma solução… e que se viu? Viu-se os exploradores republicanos continuarem a obra dos exploradores monárquicos. O peixe em Lisboa e Porto é caro, porque está nas mãos de companhias poderosas, que o vendem pelo preço que entendem. Se a destruição era inevitável, ao menos devia-se baratear um alimento necessário a ricos e pobres. Resolvia a questão lucidamente o dr. Carlos Fuseta, entregando o monopólio da pesca a vapor aos municípios de Lisboa o Porto.

— Aperfeiçoamentos técnicos: barcos, aparelhos, estações de pesca, cais, abrigos, etc, mas com cuidado, porque o país é pobre e os resultados seriam escassos. Agora fala-se para aí muito em escolas de pesca, que serviriam apenas para anichar mais algumas dúzias de vadios políticos. A grande escola de pesca é o mar.

Alguma coisa se conseguiria porém com exemplos, trabalho e meia dúzia de pessoas dedicadas. Mas pouco — porque afinal estou convencido de que os pescadores sabem mais com os olhos fechados do que os técnicos com eles abertos.

OLHÃO

Agosto — 1922

TENHO de atravessar o Alentejo isolado e concentrado, para chegar ao Algarve. É uma província farta, mas a aparência esquelética, a árvore triste a que arrancam a pele em vida, o *monte* solitário, meteram-me sempre medo. É a terra do ódio. Tudo em que a gente põe a vista é duro e hostil. Ainda o alto Alentejo quer sorrir — mas o sorriso fica em meio, reservado o triste. Os pinheiros mansos agrupam-se e conversam baixinho uns com os outros para fugirem à solidão do deserto… No baixo Alentejo, porém, os sobreiros, a cor da terra esfarrapada, o céu esbranquiçado, as lascas de pedra que reluzem como vidros negros e polidos, enchem a alma de monotonia e pesadelo. Uma grande fumarada levanta-se no fundo do deserto…

Os homens não se podem ver: um abismo separa o trabalhador do proprietário, que goza em Lisboa, e que lhe deixa de quando em quando uma *folha* para desbravar. Desbravada, tira-lha. E esta solidão redu-lo a atroz realidade. Fica só e o ódio, sob a abóbada de pedra que encerra o extenso panorama, entregue ao tempo que não passa, à morte que não vem, à secura das almas, pior que a secura da terra. Resta-lhe o ódio: com o ódio enche o deserto e enche a própria vida…

De manhã saio em Olhão deslumbrado. Céu azul cobalto — por baixo chapadas de cal. Reverberação de sol, e o azul mais azul, o branco mais branco. Cubos, linhas geométricas, luz animal que estremece e vibra como as asas de uma cigarra. Entre os terraços um zimbório redondo e túmido como um seio aponta o bico para o ar. E ao cair da tarde, sobre este branco imaculado, o poente fixa-se como um grande resplendor. E uma terra levantina que descubro; só lhe faltam os esguios minaretes. Duas cores e cheiro: branco, branco, branco, branco doirado pelo sol, que atingiu a maturidade

como um fruto, pinceladas de roxo uniformes para as sombras, e um cheirinho suspeito a cemitério. O fruto que chega a este estado está a dois dedos do apodrecimento, e é talvez por isso que a ideia do sepulcro me não larga nas noites brancas e pálidas em que me julgo perdido num vasto campo funerário…

O céu aproxima-se de mim. Da soteia chego às estrelas com a mão. A aragem do mar é tépida e o cheiro persiste… Voluptuosidade e morte… Tenho a sensação criminosa de apertar nos braços uma mulher que se entrega, no momento em que entreabre a boca, sucumbida — num vasto campo-santo, onde os espectros imóveis e brancos, de sudário, olham e esperam… O fruto vai completar o seu destino. Cheira que tresanda.

*

Há meio século, Olhão, entranhado de salmoura e perdido no mundo, vivia só do mar. Todos se conheciam. Os que não eram marítimos, eram filhos ou netos de marítimos, contrabandistas uns e outros pescadores costeiros e pescadores do alto que iam à cavala a Larache. A pesca costeira, a das caçadas, fazia-se com groseiras, grandes espinhéis, para o cachucho, o goraz, o safio, a carocha, o ruivo, a abrótea e a pescada; e com a arte da xávega, em calões e botes, puxando a tripulação o aparelho para terra enquanto o arrais, numa pequena lancha, a calima, vigiava o lanço e dirigia a manobra. Havia muito peixe e a vida era extraordinária. Toda a noite o chamador batia de porta em porta com um cacete: — Arriba com Deus, mano João!

Nesta arte ia ao mar quem queria — os pequenos, os humildes e os fracos — todos de varino e por baixo nus.

— Levas a barça? — perguntava o arrais.

Era o essencial. Dizia-se de um homem pobríssimo: — Aquilo é um homem sem barça nem lasca.

O dinheiro arrecadava-o o dono num monte com uma esteira por cima, e distribuía-o enfiando o braço por um buraco e tirando um punhado de cobre ao acaso:

— Toma lá!

Fazia as contas que entendia e os pobres diziam:

— O que ele tem enricado à custa daquela esteira!...

E as mães às filhas:

— Ó filha, Deus queira que não olhes para home que ande na arte!...

A pesca do alto fazia-se em caíques cobertos, de vinte e cinco a

trinta toneladas, com duas velas triangulares. Este barco voava. Ia a Setúbal, a Lisboa, às Berlengas, ao Porto, e só voltava a casa no S. João, no Natal e nas festas grandes do ano. As mulheres esperavam pelos maridos com alvoroço — dando outra mão de cal nas casas. Tripulavam-no vinte e cinco homens e dois cães, que ganhavam tanto como os homens. E mereciam-no. Era uma raça de bichos peludos, atentos um a cada bordo e ao lado dos pescadores. Fugia o peixe ao alar da linha, saltava o cão no mar e ia agarrá-lo ao meio da água trazendo-o na boca para bordo. O caíque pescava e vendia pela costa fora. Às vezes sucedia-lhes estarem em Lisboa, abrigados do temporal, longe da terra em dias de festa, no da procissão do Senhor dos Passos por exemplo — a que o marítimo nunca falta vestindo o melhor fato e pondo a cartola na cabeça:

— Compadre, vamos nós à procissão?

— Ventania rija, vagalhão de meter medo na barra… — Por cima da água ou por baixo da água, vamos sempre. — E iam. Marítimos extraordinários, não usaram nunca agulha de marear: sabiam onde estavam pelo cheiro.

Outro barco, o do navego, comprava géneros em Almeria e Gibraltar, palma na Barberia (Marrocos), ou ia a S. Martinho buscar o pêro que tem fama, levando do Algarve o figo, a alfarroba e o peixe seco para vender. Mas o grande negócio de Olhão foi sempre o contrabando. Não é contrabandista quem quer: é preciso inteligência e astúcia, arrojo, o alerta dum chefe selvagem e a imaginação dum poeta. Conheço um contrabandista famoso, o senhor Mendinho, que ainda hoje faz na sua goleta a carreira de Gibraltar. Tem setenta e dois anos, um grande engenho, e promete levar a Alcácer Quibir todos os poetas portugueses. Agora que criou os filhos, repousa de uma vida cheia de peripécias, num sítio romântico entre figueiras, e começa a escrever as suas memórias. É um mestre reputado. Duma vez um grande temporal assolou a costa algarvia: naufrágios, gritos, mulheres cercando o telégrafo dia e noite, toda a povoação em alvoroço. — Que é de fulano? — Não se sabe! não se sabe!... — Pouco e pouco foram aparecendo derreados, hoje um, amanhã outro — só do senhor Mendinho não havia notícias. — Isso morreu… — Passaram-se dois dias, mais três dias negros. — Morreu com certeza. — Mas uma tarde correu o grito em Olhão: — O barco do Mendinho está na barra!... — Era a goleta efectivamente — mas em que estado! Os mastros partidos, uma amurada deitada abaixo e as velas em farrapos. Desceu tudo à

praia. Meteram-se em barcos e trouxeram-no para a terra abraçado, festejado, aclamado. Quem em semelhante ocasião, depois de tantos perigos corridos, se lembraria de visitar a goleta? Até a guarda fiscal chorava. — O Mendinho! o Mendinho!... Que milagre! — Ora o mestre Mendinho imaginara aquele espectaculoso cenário refugiado num abrigo de Marrocos: mandara quebrar os mastros, deitar as amuradas abaixo, rasgar as velas — e trazia o porão atulhado de rico contrabando que descarregou nas barbas do fisco compungido.

Também, diga-se a verdade: toda a gente em Olhão, ricos e pobres, protegia os contrabandistas e entrava no negócio. Nunca em terra se apreendeu uma peça de fazenda. Passava-se de soteia para soteia — para o quê basta estender os braços — e corria, se fosse preciso, a vila toda, porque nessas ocasiões até inimigos rancorosos se julgavam no dever de esconder o contrabando, e todas as casas tinham uma guardadeira ou falso entre duas paredes.

Em resumo: este homem é um homem à parte no Algarve. Se veio de Ílhavo, como dizem, não sei, mas é o único homem arrojado desta costa.

D. Carlos estimava-os e eles ainda hoje se lembram do rei a quem falavam, não com a subserviência dos políticos, mas de igual para igual, como a um pescador de maior categoria. Às vezes D. Carlos encontrava-os no mar alto. — Então que tal a pesca? — Nada. — Também, vocês estão aqui, e ali em baixo, a três milhas, o peixe anda aos cardumes. — Mas com este vento, como é que a gente há-de lá ir? — Botem os cabos!... — E, voltando atrás, levava-os a reboque do iate até ao sítio da abundância.

O marítimo de Olhão tem, como nenhum outro, um grande sentimento de igualdade: estende a mão a toda a gente. É que no mar os homens correm os mesmos perigos. São também profundamente religiosos, porque estão a toda a hora na presença de Deus. Duas tábuas, a fragilidade e a incerteza, forçam-nos a contar consigo e com a companha. Arriscam a vida para salvar a dos outros: hoje por ti, amanhã por mim. Homens simples porque a profissão é simples e o meio, grande e eterno, não os corrompe. E como o mar abundante e pródigo não tem cancelas, são generosos, imprevidentes e comunistas. Detestam os tribunais, que não compreendem, e ignoram a vida da terra. Se a mulher lhes morre, não entram em licitações com os filhos: deixem-lhe a eles o barco e as redes, e tomem conta do resto. Reparei que em todas as casas

havia uma gaiola com um pintassilgo. Os homens do mar tiveram sempre uma grande ternura pelas aves. Na Foz também era assim. Quando os via passar para o Monte com a chamariz, o alçapão e o ramo, lembrava-me sempre de um velho marítimo colérico e um pouco funambulesco da vasta galeria de Dickens. Voz de tempestade e rajadas desabridas. Passeava por toda a parte uma grande irritação e acompanhava-o Por toda a parte um canário domesticado, que não lhe tinha medo nenhum, porque sabia perfeitamente que sob aquele aspecto de ferocidade se escondia uma alma feminina. O rude pescador de Olhão, que passa a existência no mar, também tem necessidade de uma ave e não pode viver sem a sua companhia…

Em todo o Algarve a mulher é a prenda da casa. Trá-la muito bem tratada, muito bem fechada, restos da vida moira. A de Olhão, trigueira, de olhos negros e um lindo sorriso reservado, passa por a mais bela da província, pela vivacidade, e pela fartura do cabelo. Já em S. Brás de Alportel, ali perto, as cabeças têm reflexos doirados e os peitos são desenvolvidos. Sentadas nas esteiras sobre os calcanhares, nas casas forradas de junco ou de palma, fabricam as alcofas, a golpelha em que se transporta a alfarroba e o figo, e as alcofinhas mais pequenas, chamadas alcoviteiras. Ainda há pouco tempo todas usavam cloques e bioco. O capote, muito amplo e atirado com elegância sobre a cabeça, tornava-as impenetráveis.

É um trajo misterioso e atraente. Quando saem, de negro, envoltas nos biocos, parecem fantasmas. Passam, olham-nos e não as vemos. Mas o lume do olhar, mais vivo no rebuço, tem outro realce… Desaparecem e deixam-nos cismáticos. Ao longe, no lagedo da rua ouve-se ainda o cloque-cloque do calçado — e já o fantasma se esvaiu, deixando-nos uma impressão de mistério e sonho. É uma mulher esplêndida que vai para uma aventura de amor? De quem são aqueles olhos que ferem lume?... Fitou-nos, sumiu-se, e ainda — perdida para sempre a figura — ainda o som chama por nós baixinho, muito ao longe — cloque…

Antes de casar a mulher enfeita-se muito. Depois não. — Já enganei quem tinha a enganar… — dizem. Mesmo se continua a enfeitar-se, murmuram dela:

— É alvanaira. — É ela quem dirige a casa e quem incute ânimo ao homem timorato. De noite, quando ele tem medo às bruxas, acompanha-o ao barco. Nas ocasiões graves, se é preciso falar, quem fala é ela. Sozinha põe e dispõe. Quando o homem vai ao

médico, precede-o. Ele cala-se, ela explica. — Ele que tem ?— Ela responde: — Olhe, queixa-se disto e daquilo…

Todos estes costumes vão desaparecer. Na população, maior que a de Faro, os naturais estão em minoria e vão sendo pouco e pouco expulsos da sua própria terra. Já o povo canta:

Adeus, ó terra de Olhão,
Cercada de morraçais,
És a mãe dos forasteiros,
Madrasta dos naturais.

*

Sigo por um novelo de ruas pelos dois bairros típicos, o da Barreta e o da banda do Levante. A boca negra dum arco e outra rua tortuosa onde a luz não penetra. Algumas têm nomes que as pintam: a rua dos Abraços, a rua dos Sete Cotovelos. Vive-se ao ar livre, come-se ao ar livre, dorme-se ao ar livre. A rua, fedorenta e animada, pertence aos pobres. Abancam no meio das vielas. Mulheres curvam-se sobre as sertãs frigindo peixe. O azeite respinga e fede. Risos. Reparo nas atitudes, no suor e na cor avermelhada das mulheres debruçadas sobre as brasas, na familiaridade, no à vontade, e naquele velho sátiro que avança para mim, com a caneca do vinho na mão a transbordar. À roda, encostados às paredes, os remos, os cabazes e as redes; ao lado o cano de esgoto que passa à mostra pelo meio da rua num escorro fétido.

Mas, se a rua é suja, a casa é limpa. A habitação primitiva é um cubo com uma porta e uma janela. Em cima a soteia, para onde se sobe por degraus de tijolos e muitas vezes sobre a soteia o mirante. Entro num e noutro destes buracos com as telhas assentes em canas. Todos eles reluzem de cal. Dois compartimentos: a chaminé, que é o nome da cozinha, e a casa de fora. Uma esteira no chão, uma cama com uma colcha de seda que só serve nos dias de festa, uma cómoda e um bancal de renda. A um canto um pote e o indispensável pincel. Caia-se tudo. Caia-se o lar e os degraus. Caia-se sempre. É um delírio de branco. Subo à soteia — a melhor parte da casa. O homem de Olhão tem por ela uma paixão entranhada. Se um vizinho a ergue, ele nunca fica atrás — levanta-a logo mais alto. É que a soteia é o seu encanto: sítio esplêndido para respirar, eira para a alfarroba e o figo, e quarto para dormir no Verão sob um pedaço de vela.

É no cais, ao pé da praia, a que chamam baixamar, é no cais fedorento, entre os homens que andam na faiana, os estaleiros abandonados e as caixas de sardinha para embarque, que eu assisto todos os dias ao espectáculo da chegada dos barcos e que vejo os peixes, as redes e o leilão. Para lá da água empoçada ficam os areais, a ilha da Armona, a do Levante, a ilha da Culatra e o farol de Santa Maria. Perto de mim as velas dos barcos reflectem-se em manchas coloridas no azul retinto e ondulado. Desde o calão, tipo mais antigo, grego ou fenício, até ao caíque, estão aqui representados a chalupa, o iate de pequena cabotagem, o bote, as lanchas de vela latina e as de Albufeira, com uma grande cabeleira na proa e dois olhos pintados no costado. Ao lado do cais ficam os armazéns da salga, donde outrora saía a sardinha em barris para Oran e Marselha, a pescada descabeçada para a Espanha e os almocreves com cargas para o Alentejo. Entro. No escuro pios metidos no chão, preparos para a salga do biqueirão, do charro (chicharro) e da sardinha, e ao lado a caldeira para extrair o óleo do peixe de coiro — azeite de quelme — cuja pele, chamada de lixa, se aproveita para vários usos conforme as qualidades — lixa de lé, a pailôna e os barrosos, fêmeas dos quelmes. Em Agosto, quando a sardinha abunda, prensam-na em cascos, ou mulheres, enfiando-a aos quarteirões em varetas, dispõem-na em costais para embarque. É no cais que se vende o peixe em lotas, quando chegam as pequenas canoas das caçadas, com sessenta aparelhos de oitenta braças iscados a sardinha e as canoas maiores de duas velas, tripuladas por dez a dezoito homens, que vão pescar até S. Vicente com o espinel, cabo da grossura dum dedo, chamado manoio, com perto de dois mil anzóis. E é aqui também, na agitação da baixamar, que eu anoto os nomes das diferentes redes e dos diferentes peixes: a murjona, o tapa-esteiros, que apanha o peixe no rio à maneira que a água vai vazando, a toneira para os chocos e as lulas, a redinha e o tresmalho, e outras engenhocas do subtil pescador, que chega a agarrar o lingueirão com um botão do ceroula e alguns alfinetes e o polvo com velhos alcatruzes de nora. Tudo vem ter ao cais — peixes esplêndidos de uma abundância e de uma variedade extraordinária — do rio o linguado, o pregado, o peixe-rei, o charroco, os capitões, os alcabrozes, os robalos, etc, uns pescados à fisga, como a liça, a safata, o robalo, outros ao anzol e ao candeio; e do mar, despejados nas linguetas, montes de cações, de galhudos, que tem um pique no

cerro, de monstruosas raias, de donzelas, de albufares pardacentos e enormes e de feios dentulhos. Atiram do fundo do barco para as pedras a abrótea, bandos de vermelhos e lindos cantarilhos, que parecem peixes de aquário, chaputas dum negro prateado com o rabo aborto como as pontas da cauda da andorinha, esguias tintureiras, corvinas e cestos de polvos enrodilhados. É uma magnificência. Paro com assombro diante do monstruoso tamboril, só boca, com uma boca maior que um açafate, e que usa para atrair a presa duas linhas na cabeça com uma isca na extremidade. Já cheiro a peixe e a salmoura e não me canso. Outra canoa chega. Venham assistir à lota! O pregoeiro no meio do grupo parte sempre — costume que começa em Sesimbra — de uma quantia alta para ir descendo até encontrar comprador. E também — já se fica sabendo — quando fala por exemplo em oitenta e seis mil réis, são três mil réis a menos.

— Todos estes peixes juntos 86 mil réis. — E rapidamente: — 85, 84, 83… — Três peixes cada um por 5 mil réis… 4900… 4800…

— Chut! — diz um dos do grupo. É o sinal de que está arrematado.

Mas a abundância e a riqueza, a fartura, é a sardinha. Foi inesgotável, foi compacta, tanta que noites inteiras e seguidas ninguém em Olhão podia dormir. E dizia-se: — Houve hoje grande matacão de peixe. — Há aqui duas qualidades: a do sueste, que vem em Abril e arranca aos cardumes da costa de Marrocos; e o peixe do sudoeste, maior, mais gordo e menos saboroso, isto sem contar com a sardinha de passagem, que aparece em Janeiro quando desova. — Já lá anda perdida… — dizem os pescadores. — Morde-lhe a ova. — Morde talvez, talvez a sardinha arraste a barriga na areia para tornar a pele mais fina, facilitando a saída da ova, porque chega nessa época até três braças de altura. Na Páscoa também é certa. Vai correndo por esse mar o cardume da sardinha, e os barcos, as toninhas, os homens e os peixes vorazes, uns na cauda, outros na cabeça daquele formidável rolo prateado, cevam-se de dia e de noite, pescando sempre, apanhando sempre, destruindo sempre, sem o extinguirem.

É do cais que larga a sacada com que os pescadores há uns anos procuram desforrar-se dos grandes industriais da pesca. A sardinha é atraída com engodo e fogachos e a rede puxada do fundo para cima. E ao fim da tarde é daqui também que partem os vapores do cerco com as redes — quarenta cabos de rede, com uma parte

central, a copejada. Chamam-se calões os cabos extremos desta rede tão fina que parece a que as mulheres usam para segurar o cabelo.

A sardinha vem à terra todas as tardes e retira pela manhã. Se há luar, desaparece. Os vapores navegam com as luzes apagadas no silêncio entorpecido destas noites de verão, em que as estrelas se reflectem na água como faúlhas de lume e a via láctea desdobrada ilumina ao mesmo tempo o céu e o mar duma vaga brancura. Um ou outro fantasma de vapor passa por nós e some-se. O mestre Fagadulha concentrado espera… A bordo não se respira, e dir-se-ia que os outros barcos andam também na ponta dos pés. Silêncio e estrelas, cada vez mais estrelas. E sempre este movimento que sinto debaixo dos pés e este negrume que me envolve em círculos concêntricos, à medida que o barco se desloca, sob o céu que se aproxima e que sinto arfar. Toda a tripulação está atenta, desde os criados, os proeiros, até ao *pedreiro* e ao mestre, que são as pessoas importantes de bordo. O mestre não é apenas um observador — é um bruxo. Para largar a rede é preciso saber não só onde está o peixe — e o mestre adivinha o cardume — mas calcular de antemão a qualidade e a quantidade de sardinha que se vai tirar no lanço porque não vale a pena fazer a manobra por uma pequena porção.

— Quantos barcos, mestre?

E ele responde logo:

— Dois, quatro, cinco…

Há em Olhão alguns mestres extraordinários: o mestre Manuel Gomes, José Coelho, o José Farroba, etc, que afinaram a observação e os nervos até ao golpe de vista preciso e exacto, à intuição rápida e infalível. Mestre Fadagulha é um velho curvado e seco, que conhece o mar como as suas mãos. Tem já um filho para o substituir, mas diz: — É bom, mas as sardinhas ainda o não conhecem como a mim. — Se o mestre sabe onde está o peixe, o *pedreiro* sabe onde estão as pedras. Com uma rede tão cara e tão fina, uma pedra inesperada é a ruína. A rede há-de ser lançada em sítio limpo.

— Posso largar aqui? — pergunta-lhe sempre o mestre antes do lanço.

Ele tem a sonda, mas *pedreiro* que se preze raro a usa. Muitos nem saem do porão: olham o céu pela escotilha e a posição das estrelas: — Largue… — Ou dizem: — Mais ao norte… — É certo que o mar de Olhão até às sete braças é limpo, das sete às quatorze sujo, e depois outra vez sem pedras. Mas há a contar com os calhaus

isolados, que só quem foi criado na costa desde pequeno, como os *pedreiros,* e a conhece a palmos, tendo pescado toda a vida à linha, sabe onde ficam.

Noite cada vez mais escura, silêncio cada vez maior. Fervilham as estrelas no céu, isoladas ou aos grupos, com buracos de escuridão profunda no alto que fazem sobressair as jóias mais puras. Uma coisa indistinta bóia ali à superfície, que não sei se é fosforescência, se reflexo da via láctea… Escuro — mais escuro, e depois outra vez ascendendo do mar uma claridade vaga como um bafo que se dissolve. E sempre este ar salgado, esta exalação das águas que me deitam a respiração à cara. Começo a perceber no mestre, curvado e calado ao pé de mim, uma grande excitação. Fala baixo:

— Cá está a brancura! cá está a brancura da sardinha!... Bate lá!

A seu lado um homem bate com um malho numa tábua, e este ruído faz estremecer e reluzir o cardume na profundidade das águas. O barco roda. O silêncio aumenta. Aqui, acolá, no negrume, ouve-se o mesmo bater compassado a bordo de outros vapores que deslizam na noite como sombras.

— Bate lá!

E não despega os olhos do mar em busca da ardentia. São dez horas. O mestre imobilizou-se petrificado… Entre ele e o banco do peixe estabelece-se uma comunicação magnética: durante alguns momentos é um adivinho, sob uma excitação nervosa extraordinária.

— Bate lá!... bate lá!... Isto deve andar por perto.

Pressente-a. Vai-lhe já no rasto. E começa a falar sozinho — mais alto — mais baixo — ao acaso:

— Ela está aqui… ela não está longe. Não, não é esta… Isto é, quando muito, um barco… Bate lá! bate lá!...

O bruxo interroga a noite, o silêncio e o mar. A excitação aumenta:

— Mais ao norte! — berra — mais ao norte, estas são pequenas! Proa ao norte! Bate lá.. Aqui é que elas estão! Pois não deviam de estar! São elas…

— Quantos barcos, mestre Fadagulha?

Mas nesses momentos não gosta que o interrompam e responde com modo brusco:

— Quatro barcos, senhor; devem ser quatro barcos. Cá estão elas, eu não o dizia! Cá estão elas! — E num grito de triunfo: — Rede ao mar! venha a chata!

A rede é lançada ao mar e fixa pela chata. Toda a excitação do mestre desapareceu de repente. Toma o leme e brada ao maquinista:

— Toda a força à máquina.

Trata-se agora de envolver rapidamente o cardume da sardinha e ouve-se o vozeirão no escuro, repetir:

— Toda a força! Toda a força!

E o vapor desliza fechando o círculo. Aqui e ali, lá para o fundo, sob o rodilhão das estrelas, repete-se a mesma manobra; aqui e ali, mais perto, mais longe e apagado, ouve-se o bater compassado dos malhos que fazem vibrar e reluzir os cardumes no fundo da água e os mesmos gritos de comando: — Mais ao norte! mais ao sul! Larga a chata! — De novo interrogo o mestre:

— Quantos barcos?

— Quatro barcos, senhor, devem ser quatro barcos — responde com a maior serenidade.

Ele não só pressentiu a sardinha: soube também se era grande ou pequena e quantos barcos, mais chalavara menos chalavara, estavam dentro da rede. A manobra executa-se rapidamente e a companha trata de apanhar o peixe, puxando as chumbadas e colhendo-as do fundo até se unirem no ponto onde o círculo se fechou. Resta meter o peixe para dentro das cavernas: são efectivamente quatro barcos de peixe.

Pela manhã, à luz da madrugada, na frescura que se exala da primeira claridade e do hálito do mar misturados, faz-se o lanço da sorte. É o último e ao acaso, mas sempre para o lado donde se conta que venha a sardinha. O mestre descobre-se, e com ele toda a companha, e diz com solenidade:

— Em nome de Deus e do altar, esta rede ao mar!

Antigamente o produto da pesca dividia-se em partes iguais por todos os homens das canoas incluindo o arrais, e o Senhor dos Passos não era esquecido nos lucros, ganhando também o seu quinhão. Com os aparelhos de pesca mais complicados, tira-se do monte comum um certo número de partes para o barco, que representa uma personalidade, e outras para o aparelho, para a companha, para o Compromisso Marítimo e para a gente nova no serviço que vai a merecer. A parte do mestre chama-se a parte do corpo e a parte do governo. No cerco americano ou nas artes valencianas, os homens têm um salário mínimo de oito tostões por dia e uma percentagem sobre a pesca, que no cerco vai até quinze

por cento. Além disto, distribuem-se duas chalavaras para cada três homens, peixe do rancho, que lhes dá para comer e para vender. E sobretudo há a furtança, que é uma instituição. Ninguém o ignora. Eles próprios o dizem. Sabem-no os patrões: o peixe é tanto e dá tanto dinheiro que fecham os olhos. A tarrafia, isto é, o logro, é corrente e de todos os dias. A furtança é geral. Roubam os homens, que escondem o peixe nos cestos, nos cantos do barco, onde podem. Roubam as mulheres e os rapazes. E até gente de certa categoria o furtava nas ruas. Era talvez por isso que o Tarraço, homem do campo avarento, dizia: — Esta gente do mar nasce roubando e morre pedindo.

Tarde. Olho pela última vez a brancura imaculada dos terraços com o céu todo de oiro em cima e deixo com saudade esta luz e esta terra embruxada.

… Teria aqui uma casa numa das vielas fedorentas mais escusas. Para o exterior um muro sem uma janela, um muro velho, com um postigo mais velho ainda para entrar. Aberta a porta, seria um deslumbramento: no pátio caiado, só luz e folhas gordas, da variedade dos cactos que dão flor vermelha, humedecidas de água sempre a escorrer. Teria duas escravas para me servirem frutos translúcidos acabados de apanhar. Teria um barco para o contrabando nos mercados de Gibraltar e de Marrocos, satisfazendo assim os meus velhos instintos de pirata. E de noite, a este luar que tem não sei o quê de mulher, de pele de mulher, de seios duros e brancos de mulher, dormiria na soteia sob as estrelas, grandes como fogachos.

Era viver num meio adormecimento, seduzido pela luz, fora de todos os interesses e realidades, em Portugal e no Sonho…

A PESCA DO ATUM

TAVIRA

Agosto — 1922

MUROS muito brancos, de porta e janela, alguns com gelosias, que é a velha e a melhor maneira de manter as casas sempre frescas. A rexa deixa passar o ar e conserva a meia luz: dá intimidade aos interiores. Nas ruas não passa ninguém. Casas apalaçadas tumulares. Telhados mouriscos pontiagudos, de quatro águas, muito caiados, e as chaminés do sul, que lembram reduções de minaretes. Há-as rendilhadas; há-as com filigranas e flores. Outras mais pobres e mais simples, mas sempre aspirando para o céu de Alá. Entre elas e a Geralda a diferença é apenas de tamanho. Brancas, esguias, delicadas, com um pouco de imaginação povoa-se Tavira de torres onde o árabe faz a oração da manhã e da tarde. São recordação e saudade. A alma do moiro está viva. Subjugada, persiste e sonha. Aspira. Perseguida, obstina-se. E para viver faz-se pequenina e contenta-se em deitar fumo…

Tavira é uma terra fechada, concentrada, de gente rica que arrecada o dinheiro do figo, da amêndoa e da alfarroba. Cada fruto destas árvores é um pingo de oiro. Que saudades eu tenho, nesta terra neurasténica, da fedorenta Olhão! De Olhão, até o mau cheiro me cheira agora bem… E como compreendo a mudança de fisionomia dos homens e das coisas… Tavira é uma terra de montanheiros, Olhão é uma terra de pescadores. O pescador é comunista e alegre, o montanheiro desconfiado e triste. No mar não há marcos…

Todo o Algarve é um pomar cultivado com esmero. A gente do Alentejo, quando vê um bocado de terra bem tratada, diz:

— É um pedacinho do Algarve. — Mas não se lembra que o Algarve está retalhado, pulverizado, três pés de oliveira, dois pés de

amendoeira, e as almas rancorosas divididas como a terra. Um palmo de campo faz uma diferença extraordinária e um marco disputa-se a tiro entre irmãos. Regímen de salário deficiente, um orçamento estreito, tornaram o homem preocupado e subtil. De raça é moiro, de condição eterno explorado. Foi ele que inventou ir ao advogado pedir-lhe «um conselho às avessas», figurando a posição do adversário. Depois do que, com o chapéu na mão, que faz girar lentamente entre os dedos pelas abas, conclui: — Então está bem… — Como está bem?! — É que eu não sou eu, sou o outro… — Dá aos velhos rábulas as melhores lições de mariolice jurídica.

Nos areais, pela costa fora, há várias armações de atum — Medo das Cascas, Abóbora, Barril, Livramento, etc. É um facto sabido que do cabo de Santa Maria para nascente a abundância é de atum, e do cabo para o poente, de sardinha. Tavira é um dos grandes centros da pesca de atum, se se pode chamar pesca à maneira como se apanha este peixe. Para o atum basta saber matar.

Ninguém conhece nada do atum, que se pesca ao acaso e às cegas. Sabe-se que todos os anos desova no Mediterrâneo, porque vai para lá em Maio e Junho, gordo — do direito, e volta de lá, magro, em Julho e Agosto — do revés. É bicho dos grandes fundos, que procura talvez as águas pouco agitadas do fundão que começa em Cádis e se prolonga até ao México. Faz sempre o percurso em cardumes, levando adiante do bando os mais pequenos da família. Supõe-se que o *Gulf Stream* exerce grande influência nos seus hábitos, empurrando-o para a costa em procura de águas mais quietas e mais frias. É tão tímido que se deixa apanhar, podendo despedaçar com facilidade as redes: mal encontra meia dúzia de fios — a rabeira ou o quartel de fora, segue-os com o focinho até ao buraco, por onde entra no quadro da armação. O seu maior inimigo é o homem, que o devora, em concorrência com o roaz, incansável em persegui-lo também, com a bandeira da barbatana fora de água. Está, dizem, condenado a desaparecer muito breve, a não ser talvez nas armações de revés de Tavira, porque a directriz que traz do estreito de Gibraltar o leva naturalmente a enfiar-se nessas redes.

A armação, engenho muito antigo, cujo nome, almadrava, cheira a árabe, é constituída pelo corpo — dividido em três compartimentos, câmara, bucho e copo — pela rabeira, que se estende até a terra, para que o atum não passe, e pelo quartel de fora, destinado ao mesmo fim, e estendido para o mar, em ângulo

obtuso com a rabeira.

A armação tem às vezes a forma dum grande T, na temporada do direito, com duas bocas para a entrada do peixe servindo uma delas para a recuada da bacia de Monte Gordo. Para o atum de revés suprime-se parte da armação, ficando reduzida a um ângulo mais ou menos obtuso. A rede, de malha muito larga, mais apertada no copo, é tecida de corda da grossura do dedo mindinho. Nas bocas, que deixam entrar o atum mas não o deixam sair, está o segredo da armação.

Nesta época o atum vem do estreito nas águas claras e com o levante. Mas as águas têm estado negras e vermelhas com fosforescências nocturnas, e o atum desapareceu. O copejo vou vê-lo a Sagres, à armação da ponta da Baleeira.

PONTA DA BALEEIRA

20 de Agosto

O arraial, ao fundo duma concha de pedra, é uma fiada de casotas muito brancas, com dois ou três grandes armazéns esparsos. Ali vivem durante o tempo da pesca, que vai de Maio até vinte e cinco de Agosto, a companha, o mestre que manda no mar, dois preguiceiros, dois interinos, e o escrivão do atum, velho autoritário e seco que representa o dono. Um arraial emprega perto de cem homens, que, acabando a época do atum, vão trabalhar nas armações de sardinha. Tem dez por cento sobre o ganho, uma pequena jorna de 1200, e um atum de comedoria por cada cinquenta que apanham. É um tempo certo de fadiga e proveito. E não só o homem sabe em que época passa esta rica presa: sabe-o também o roaz, que a vem esperar ao cabo de S. Vicente…

Hoje a água está límpida e a baiazinha, fechada por dois grandes penedos no meio do mar, acorda com tintas tão vivas que apetece pintá-la. O giro do mar içou o pendão para chamar os homens. Larga a canoa do mandador com o escrivão, que procede à entrega dos peixes, e com ele vão os barcos da andaina. Aproveitemos o dia: em vindo a aguagem do levante, boa para Tavira, já esta armação não apanha mais peixe.

Névoa — pouca. Uma névoa que nunca vi e que empoeira de azul

o mar azul, fundindo-se com a névoa do alto. Os calões e as lanchas prolongam-se com a armação a duas milhas da costa. Na minha frente ergue-se a penedia a pique, o morro da Atalaia com chapadas de negro e de vermelho. O que vale a este torresmo é a luz e o azul que se pega como tinta… Estou em frente de duas baías, a da Baleeira e a da Atalaia. Dum lado e do outro penedos compactos onde a água se infiltra largando-os a custo. Uma rocha destacada parece um castelo em ruínas, com espumas esbranquiçadas aderentes à base. Para além prolonga-se o deslumbramento de Lagos até à ponta do Altar, confundida ao longe na tinta carregada das águas, destas águas gordurosas que penetram nos buracos das rochas e alastram nos fios de areia, apegando-se a todas as pedras da costa. A névoa desfez-se e a ponta de Sagres é um colosso duro e negro. A este panorama falta-lhe talvez encanto. Está ali — está ali para sempre a duas ou três tintas cruas, azul, vermelho e negro. É decorativo — mas decorativo como um cenário. As meias tintas é escusado procurá-las. Nunca lhe chega a hora melancólica em que a paisagem do norte empalidece e desmaia como quem vai morrer. É imenso — vermelho e negro; é duro — vermelho e negro.

Os barcos rodeiam as redes. Vai-se meter o atum no copo, vai-se coar, operação delicada, porque basta uma toninha, cabeça de rato, ter-se metido no quadro, para o atum, que é muito tímido, saltar fora. A barca fechou a porta. Seis calões em roda puxam as bóias do saco sobre a borda. Primeiro colhem a rede de malha mais larga, e depois a outra, conduzindo pouco e pouco, e a medo, o peixe para o copo. É o momento… Uns homens têm na mão direita a ganchorra curta e afiada, presa ao pulso pela alça, o outros, armados de um bicheiro mais comprido, só esperam que o atum comece a saltar para o chegarem aos barcos. Agita-se a água… Vêem-se os grandes dorsos reluzentes e os rabos que chapinam. Noventa negralhões meios nús, de calças arregaçadas o camisolas azuis, estão prontos a matar. Gritam: — Agora! — Espetam o peixe. Para não caírem à água, deitam a mão esquerda à corda amarrada ao pau de entre vela, curvam-se e fisgam-nos pela cabeça. O peixe resiste e quer fugir: sentindo-se preso, ergue-se, apoiado na cauda, e é esse movimento de recuo que ajuda o homem a metê-lo para dentro da caverna, largando logo da mão o bicheiro, que lhe fica suspenso do pulso pela alça. Baixa-se o homem, ergue-se logo… Os barcos estão cheios de peles luzidias e de manchas gordurosas de sangue. São bichos enormes e escorregadios, de grossa pele azulada, que batem

pancadas sobre pancadas com o rabo. A gritaria aumenta — Eh! eh!... — É uma mixórdia que me cansa. Só vejo manchas sobre manchas, sobrepostas, a cor e o movimento, a cor dos homens, a cor dos grandes peixes que se debatem e morrem, e a agitação que se precipita e acelera os gestos confundidos. E sobre tudo isto um grito, um grito de triunfo, o grito da matança que explode numa alegria feroz, a alegria primitiva: — Eh! eh!... — num quadro imutável, todo vermelho e negro. Agora a vida atinge o auge. Alguns pescadores saltam para dentro do copo com água pela cinta, e um, que é arrastado e cai, monta num atum, como um velho deus marinho, e escancara a boca de riso… Cheira a açougue. A água tinge-se de sangue, a água pegajosa encharca os barcos. Misturam-se as cores e as peles escorregadias. Saem alguns atuários mais pequenos, peixe-agulha e o pachorrento peixe-vaca, que acompanha sempre o bando. A carnificina enfarta e enjoa. Há laivos de sangue na costa, há nódoas de sangue na tinta azul do mar. Acode a cavala à babugem desta enorme sangueira.

Imensa tela a tons violentos, com uma agitação frenética no primeiro plano: só pinceladas grossas que não admitem minúcias, tinta atirada num gesto nervoso e a intervenção do próprio dedo para dar o movimento frenético enquanto a tela fresca escorre, poderiam exprimir a ebulição da vida sob este sol claro que rebrilha e ofusca.

E o grito — sobretudo o grito — que se vai atenuando, mas que ainda ecoa, como último sinal de triunfo de quem acabou a violência e está farto de matar: — Eh ! eh!... — no panorama inteiramente vermelho e negro, porque até o mar é agora uma nódoa gordurosa e sangrenta…

Terminado o copejo, o peixe vai para Vila Real para ser arrematado às lotas. Entra em seguida nas fábricas. Do atum aproveita-se tudo. O melhor para os delicados, era latas mergulhadas em azeite de Castelo Branco — a parte do lombo e da barriga; a carne escura comem-na com pão negro os trabalhadores do Alentejo, e o bucho, as tripas e as orelhas têm amadores apaixonados. Ficam só as cartilagens e os restos, que depois de cozidos em grandes caldeiras se secam para guano.

Este peixe, que às vezes pesa dez e quinze arrobas, é afinal o porco do mar, e isto de se apanhar de uma vez, como já tem sucedido, uma vara de dois mil porcos não é brincadeira nenhuma,

— tanto mais que um atum vale hoje quinhentos mil réis, o antigo preço de uma quinta com casa apalaçada… Mas o grito de carnificina não me sai dos ouvidos, e vejo sempre no panorama imutável a mesma nódoa sangrenta…

SAGRES

Agosto — 1922.

PELA portinhola do comboio vou seguindo a paisagem de figueiras e de vinhas que desfila. De um lado o céu doirado e violeta, do outro todo roxo. Os nomes das estações têm um sabor a fruto maduro e exótico — Almancil-Nexe, Diogal, Marchil… De quando em quando fixo um pormenor: uma mulher passa na estrada branca, entre oliveiras pulverulentas e fantasmas esbranquiçados de árvores, sentada no burrico, de guarda-sol aberto, e dando de mamar ao filho. Terras de barro vermelho. Grupos de figueiras anainhas estendem os braços pelo chão até ao mar, deixando cair na água os ramos vergados de fruto, que só amadurece com as *branduras.* Uma ou outra casinha reluzindo de caiada: ao lado, e sempre, a nora de alcatruzes e um burrinho a movê-la entre as leves amendoeiras em fila, as oliveiras dum verde mais escuro e a alfarrobeira carregada de vagens negras pendentes. A mesa de Deus está posta. Estradas orladas de cactos imóveis como bronze, e a deslumbrante Fuseta, com o seu zimbório entre árvores esguias. Ao longe, e sempre, acompanha-me o mar, que mistura o seu hálito a esta luz vivíssima.

Atravesso Portimão de olhos postos no castelo de Arade, onde o velho poeta sonha com *O Fausto,* e talvez como ele em recomeçar a vida. A luz é cada vez mais viva. Um homem com dois cabazes apregoa na rua: é um tipo seco e tisnado de mouro, de camisola azul e perna nua. Passa uma carrinha guizalhando, e logo atrás outro burro com bilhas de água fresca. É extraordinário o que este pobre jerico inocente e peludo, de olhos límpidos, trabalha no Algarve. É ele que leva a fruta ao mercado e tira a água das noras. Lavra as terras calcinadas, transporta pelas estradas solheirentas, adornado com cordões vermelhos, quase uma família a dorso. Vai às Caldas buscar as grandes bilhas vermelhas que transpiram, mata

a sede da gente e a sede da terra — e não sei se embala os berços. Produz muito e contenta-se com pouco.

Detenho-me um instante na cenográfica praia da Rocha, extasiado nos dois grandes penedos destacados e num fio de areia doirada ao pé da água azul — tudo pintado por Manini agora mesmo. A um lado a ponta do Altar entra decidida pelas águas; do outro, o esfumado Lagos mal se entrevê muito ao longe…

Duas impressões se fixam no meu espírito para sempre: a noite extraordinária, a luz maravilhosa. A luz sustenta. Basta esta luz para se ser feliz. É ela que encanta o Algarve. É ela que produz os figos orjais, os coitos, os bracejotes, todos eles amarelos, a estalar de sumo, e destilando um líquido perfumado, e o figo preto de enxaire que se mete na boca e sabe a mel e a luz perfeita. É ela a criadora destas agonias doiradas que vão esmorecendo e passando por todos os tons até morrer a muito custo. E as noites mágicas e caladas, as noites sem lua, muito mais claras que as noites do norte, em que se distingue a brancura voluptuosa das casas e se vêem as estrelas enormes reluzindo através das amendoeiras.

Lagos, o deslumbramento da baía, e sigo logo de carrinha pela estrada branca, entre amendoeiras e figueiras derreadas. Andam mulheres com grandes chapeletas na cabeça, a apanhar a amêndoa varejada. Às figueiras chega-se com a mão. Há algumas que deitam braços, mergulham-nos na terra, criam novas raízes e tornam a puxar outra figueira. Há-as aninhadas, com um metro de altura e uma roda enorme. Há-as muito velhas, retorcidas, com os ramos em novelo. Mas cruzo a estrada da Luz, e logo, de Almadena para diante, a terra muda de aspecto. Estranho o Algarve. Deixa de ser risonho e torna-se rasteiro e pedregoso. Inquieta-me…

É a via-sacra que começa. O monte desolado enegrece. Até as casas são escuras. A terra dá calhaus roídos, e de Budens para lá, a desolação redobra. Nem uma figueira, nem uma amendoeira. Pedras cor de lousa, resteva e rosmano. E a esta uniformidade sucedem na estrada deserta as ondulações de Vila do Bispo com alguns moinhos abandonados. Cinza, vegetação pegajosa, cujas folhas rebrilham como vidrilhos — a folha do rosmano, que desta secura extrai a humidade das lágrimas. Mais alguns passos e, ao cair fúnebre da tarde, isto atinge a opressão. Não pelo que é. É nada. É o vago acinzentado. Nem tojo, nem pedras. Uma terra indefinida e plana como um pensamento doloroso que se obstina e não consegue fixar-

se. Bandos de gralhas levantam voo no deserto…

O promontório é um punho nodoso, com dois dedos estendidos para o mar — a ponta de S. Vicente e a ponta de Sagres. Nos dias sem sol, como o de hoje, os dedos parecem de ferro: apontam e subjugam-no. Em frente o mar ilimitado; em baixo o abismo, a cem metros de altura. Ventanias ásperas descarnam o morro cortado a pique, e no Inverno as vagas varrem-no de lado a lado.

Sagres é o cabo do mundo. Levo os pés magoados de caminhar sobre pedregulhos azulados, num carreirinho, por entre lava atormentada. Do passado restam cacos, o presente é uma coisa fora da realidade, grande extensão deserta, pardacenta e encapelada, com pedraria a aflorar entre tufos lutuosos; vasto ossário abandonado onde as pedras são caveiras, as ervas cardos negros e os tojos só espinhos e algumas folhas de zinco. O mar — é verdade, esquecia-o — mas o mar como imensidade e tragédia, e ao lado a gigantesca ponta de S. Vicente, só negrume e sombra. Mar e céu, céu e mar, terra reduzida a torresmos, e o sentimento do ilimitado.

Grande sítio para ser devorado por uma ideia! Isto devia chamar-se Sagres ou a ideia fixa… Só agora entrevejo o vulto do Infante. Cerca-o e aperta-o a solidão de ferro. Pedra e mar — torna-se de pedra. Está só no mundo e contrariado por todos. Obstina-se durante doze anos! contra o clamor geral. — Perdição! perdição! — agoura toda a gente, e Ele não ouve os gritos da plebe ou a murmuração das pessoas «de mais qualidade» (Barros). Aqui não se ouve nada… Nem um sinal de assentimento encontra. Não importa. Só e o sonho, na gigantesca penedia que com dois dedos inexoráveis aponta o caminho marítimo para as índias pela direcção da ponta de Sagres, e a descoberta do Brasil pela direcção da ponta de S. Vicente. Lágrimas, orfandades, mortes… Mas o homem de pedra está diante deste infinito amargo e só vê o sonho que o devora. Rodeia-o a imensidão. Os mais príncipes contentam-se «com a terra que ora temos, a qual Deus deu por termo e habitação dos homens». Este Príncipe não. Este Príncipe pertence a outra raça e a outra categoria de homens. Não lhe basta um grande sonho — há-de por força realizá-lo e «levar os Portugueses a povoar terras ermas por tantos perigos de mar, de fome e de sede». Não é egoísmo, mas só vive para o pensamento que se apoderou de todo o seu ser. Um pensamento e o ermo. E este é óptimo para forjar uma alma à luz do céu ou do inferno. Os dias neste sítio magnético pesam como

chumbo. Uma pobre mulher do povo dizia-me ontem: — Isto aqui é tão nu e tão só que a gente ou se agarra a um trabalho e não o larga, ou morre.

É a realidade que nos mata. Este panorama é na verdade trágico. Não cessa dia e noite o lamento eterno da ventania e das águas. E os cabos, que são de ferro e escorrem sangue, obstinam-se em apontar o seu destino de dor a esta terra de pescadores.